

**UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANÁ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – MESTRADO EM  
LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**NARRATIVAS CANUDENSES:  
conflitos além da guerra**

**CASCAVEL – PR  
2013**

**ADENILSON DE BARROS DE ALBUQUERQUE**

**NARRATIVAS CANUDENSES:  
conflitos além da guerra**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

**CASCADEL – PR  
2013**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Central do Campus de Cascavel – Unioeste**  
**Ficha catalográfica elaborada por Jeanine da Silva Barros CRB-9/1362**

P725s Albuquerque, Adenilson de Barros de  
Narrativas canudenses: conflitos além da guerra. / Adenilson de  
Barros de Albuquerque.— Cascavel, PR: UNIOESTE, 2013.  
174 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do  
Paraná.  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Centro de  
Educação, Comunicação e Artes.  
Bibliografia.

1. Romance histórico. 2. Narrativas canudenses. 3. Guerra de  
Canudos. 4. Mario Vargas Llosa. 5. Aleilton Fonseca. I. Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 21ed. 869.909

**ADENILSON DE BARROS DE ALBUQUERQUE**

**NARRATIVAS CANUDENSES:  
conflitos além da guerra**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maira Angélica Pandolfi  
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis  
Membro Efetivo (convidado)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ximena Díaz Merino  
Membro Efetivo (UNIOESTE)

---

Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz  
Membro Efetivo (UNIOESTE)

---

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck  
(UNIOESTE) Orientador

Cascavel, 07 de março de 2013.

Dedico este estudo aos meus pais Inez e Manoel, como pequena homenagem à grandeza que representam.

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras da UNIOESTE e à Fundação Araucária, respectivamente, pelas contribuições intelectual e financeira durante a realização do presente estudo.

Ao Professor Dr. Gilmei Francisco Fleck, orientador atento, pelas contribuições teóricas, leituras e direcionamentos nesta etapa da minha trajetória acadêmica. Da sua sinceridade amigável, ficam para mim lições preciosas.

À Banca avaliadora, pela leitura e pelos apontamentos sobre este estudo que, desde o processo de Qualificação, teve o acompanhamento valioso da Professora Dr.<sup>a</sup> Ximena Díaz Merino e do Professor Dr. Antonio Donizeti da Cruz.

Ao Professor Dr. Wagner de Souza, incentivador crítico, e à Professora Ana Luzia Supi Souza, conselheira, pela hospitalidade em todos os momentos que estive e estarei em Cascavel e pela amizade construída, para mim, *ad infinitum*.

À secretária do curso, Tatiana de Oliveira Borges, pelo excelente atendimento em todas as vezes que precisei recorrer ao seu auxílio.

Ao Professor Dr. Aleilton Fonseca – também coordenador da disciplina “Seminário Acadêmico: Pesquisas em Curso” do PpgLDC (UEFS), na qual pude apresentar aspectos desta pesquisa –, à Professora Dr.<sup>a</sup> Rosana Maria R. Patrício (UEFS) e à Professora Dr.<sup>a</sup> Anélia Pietrani (UFRJ), pela oportunidade concedida de acompanhá-los em uma viagem a Canudos, reveladora de imagens.

Aos meus irmãos Aparecida, Ademir, Marinete e Antonia, pelo convívio familiar sadio sob os ensinamentos e exemplos de nossos pais. Com carinho especial, agradeço à minha irmã Marlene (Lena), pelo apoio e pelas conversas divertidamente sérias as quais são constantes em nossos encontros.

À minha namorada Karla Daniel Martins de Souza, companheira inseparável para vida toda.

Ao meu amigo/irmão Klaubert Soares, exemplo de honestidade.

Aos amigos Bernardo Antonio Gasparotto e Robert Thomas Würmli, pelas contribuições técnicas em alguns momentos no processo de escrita da dissertação.

Aos meus avós Joaquim, Herminia, Alcêdo e Antonia que, de algum lugar, estão olhando por mim.

Canudos era uma vila como outra qualquer, levando uma existência normal, com sua comunidade e organização próprias, onde coabitavam a fé em Deus e os mistérios simples e humanos. O Peregrino era um bom e inofensivo beato, que vivia para apontar os caminhos da salvação eterna.

Nertan Macedo (1964)

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **NARRATIVAS CANUDENSES**: conflitos além da guerra. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

## RESUMO

Este estudo apresenta a leitura de narrativas que, no limiar entre a ficção e a história, focalizam a urdidura de seus enredos numa temática comum: a Guerra de Canudos. Apoiados nos pressupostos teóricos relativos às escritas da história em confluência com a ficção e a memória, bem como em estudos direcionados às modalidades de romances históricos desenvolvidos a partir do século XIX até a atualidade, procuramos estabelecer um percurso que embase a leitura dos romances aqui denominados canudenses. Desse conjunto de obras, apresentamos, num primeiro momento, alguns aspectos relevantes de romances publicados no período de 1898 a 2006. Estes traçam uma trajetória da temática desde as modalidades tradicionais (LUKÁCS, 1977), passando pelas releituras críticas dos novos romances históricos e metaficções (AÍNSA, 1988, 1991; MENTON, 1993; HUTCHEON, 1991) até as escritas atuais voltadas à mediação (FLECK, 2007, 2008, 2011). São eles: *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos; *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos; *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga; *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes; *Verdicto em Canudos* (2002) de Sándor Márai; e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez. Num segundo momento, voltamo-nos à análise de *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, e *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca, a fim de demonstrar distintos vieses relativos à evolução das abordagens sobre essa temática em comum. Nesse *corpus* buscamos evidenciar as estratégias utilizadas pelos romancistas para propiciar as confluências da história e da ficção, assim como os recursos narrativos empregados nesse processo de releitura do passado pela arte romanesca que vão além dos conflitos da própria guerra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance histórico. Guerra de Canudos. Narrativas canudenses. Mario Vargas Llosa. Aleilton Fonseca.

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **NARRATIVAS CANUDENSES**: conflictos más allá de la guerra. 2013. 174 f. Disertación (Maestría en Letras) - Universidad Estadual del Oeste de Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

## RESUMEN

El estudio aquí expuesto presenta la lectura de narrativas que, en el umbral entre la ficción y la historia, focalizan la urdidura de sus tramas en una temática común: la Guerra de Canudos. Apoyados en los presupuestos teóricos relacionados con las escritas de la historia en confluencia con la ficción y la memoria, bien como en estudios direccionados a las modalidades de novelas históricas desarrolladas a partir del siglo XIX hasta la actualidad, procuramos establecer un recorrido que embase la lectura de las novelas aquí denominadas canudenses. En ese conjunto de obras buscamos, en un primer momento, presentar algunos aspectos relevantes de novelas publicadas en el período de 1898 hasta 2006. Tales novelas establecen una trayectoria de la temática que va desde los modelos tradicionales (LUKÁCS, 1977), pasando por las relecturas críticas de las nuevas novelas históricas y metaficciones (AÍNSA, 1988, 1991; MENTON, 1993; HUTCHEON, 1991) hasta las escrituras actuales vueltas a la mediación (FLECK, 2007, 2008, 2011). Son ellas: *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos; *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos; *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga; *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes; *Veredicto em Canudos* (2002) de Sándor Márai; y *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez. En un segundo momento, nos volvemos al análisis de *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, y *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca, con la finalidad de demostrar distintos grados relativos a la evolución de los abordajes sobre esa temática común. En ese *corpus* buscamos evidenciar las estrategias utilizadas por los novelistas para propiciar las confluencias de la historia y de la ficción, así como los recursos narrativos empleados en ese proceso de relectura del pasado por el arte novelesco que van más allá de los conflictos de la propia guerra.

**PALABRAS CLAVE:** Novela histórica. Guerra de Canudos. Narrativas canudenses. Mario Vargas Llosa. Aleilton Fonseca.

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **CANUDOS' NARRATIVES: conflicts beyond the war.** 2013. 174 f. Dissertation (Masters in Languages) - Western Paraná State University – UNIOESTE, Cascavel.

### ABSTRACT

This study presents a reading of narratives that, on the borderline between fiction and history, focus the tessiture of their plots on one single theme: the war of Canudos. Based upon the theoretical presumptions related to the writings of history in confluence with those of fiction and memories, as well as upon studies directed towards the modalities of historical novels developed since the 19<sup>th</sup> century up to today, we sought to establish a path that encompasses the reading of novels here denominated as “canudenses”. In this set of works we sought, primarily, to establish some relevant aspects of novels published along the period of 1898 to 2006. These novels establish a trajectory of the theme since the traditional models (LUKÁCS, 1977), passing through the critical readings of the past by the new Latin American historical novel and the historical metafiction (AÍNSA, 1988, 1991; MENTON, 1993; HUTCHEON, 1991) until the recently hybrid writings guide by mediation (FLECK, 2007, 2008, 2011). They are: *Os jagunços* (1898), by Afonso Arinos; *João Abade* (1958), by João Felício dos Santos; *A casca da serpente* (1989), by José J. Veiga; *Canudos – as memórias de Frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), by Ayrton Marcondes; *Veredicto em Canudos* (2002) by Sándor Márai; and *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), by Angela Gutiérrez. On a second moment, we focus ourselves on the analysis of *La Guerra del fin del mundo* (1981), by Mario Vargas Llosa, and *O pêndulo de Euclides* (2009), by Aleilton Fonseca, in order to demonstrate distinct biases related to the evolution of the approaches on this shared theme. In this *corpus*, we sought to make evident the strategies used by the novelists to propitiate the confluences of history and fiction, as well as the narrative resources used in this process of rereading the past through novelist art which go further than the conflicts of the war itself.

**KEYWORDS:** Historical novel. War of Canudos. Canudenses' narratives. Mario Vargas Llosa. Aleilton Fonseca.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 COMPLEXO CANUDOS.....</b>	<b>17</b>
2.1 O SERTÃO DOS SERTANEJOS.....	21
2.2 MEMÓRIAS DA GUERRA.....	26
2.3 VISITA AO PASSADO PELAS PERSPECTIVAS DO ROMANCE .....	31
<b>3 NARRATIVAS CANUDENSES .....</b>	<b>44</b>
3.1 O SERTÃO N' OS <i>SERTÕES</i> .....	47
3.2 MÚLTIPLAS RELEITURAS: CANUDOS RECRIADA PELA FICÇÃO.....	50
3.2.1 NARRATIVAS CANUDENSES: UMA BREVE TRAJETÓRIA.....	53
<b>4 CANUDOS: DOIS MOMENTOS – MÚLTIPLAS LEITURAS.....</b>	<b>82</b>
4.1 OS MUNDOS EM <i>LA GUERRA DEL FIN DEL MUNDO</i> (1981), DE MARIO VARGAS LLOSA .....	83
4.2 CANUDOS ATUAL E <i>O PÊNDULO DE EUCLIDES</i> (2009), DE ALEILTON FONSECA .....	114
4.3 CANUDOS ALÉM DOS CONFLITOS BÉLICOS: REPRESENTAÇÕES EM VARGAS LLOSA (1981) E FONSECA (2009) .....	140
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>152</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>165</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em crônica publicada em 14 de fevereiro de 1897, na *Gazeta de notícias* do Rio de Janeiro, Machado de Assis, já nas primeiras linhas, a partir da evidência do nome Antônio Conselheiro, apresenta uma síntese quase profética da repercussão futura da Guerra de Canudos. Esta, um conflito bélico protagonizado, de um lado, por representantes de uma população sertaneja até então estranha às elites política e intelectual do país, majoritariamente concentradas nas regiões litorâneas e, de outro, por tropas regulares do exército republicano. Antecipando-se a toda uma tradição popular marcada pela oralidade e a uma expressiva produção ficcional que, por mais de um século, surgem embasadas, ou não, em eventos históricos atribuídos à guerra, eis o que expõe o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

Conheci ontem o que é *celebridade*. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da Rua de S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada: – Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora. [...] Leitor obtuso, se não percebeste que ‘esse homem que briga lá fora’ é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que é ainda mais obtuso do que pareces. *A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita dos Canudos, com muito pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda*, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; ‘é esse homem que briga lá fora’. A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. *O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais*. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; *um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residem. [...] Um dia, anos depois de extinta a seita e a gente dos Canudos, Coelho Neto, contador de cousas do sertão, talvez nos dê algum quadro daquela vida, fazendo-se cronista imaginoso e magnífico* deste episódio que não tem nada de fim de século. (1997, p. 115-6). (grifos nossos).

Ao ler essas palavras carregadas de ironia de Machado de Assis, é necessário ter em conta que o *status* de celebridade de Antônio Conselheiro e de seus seguidores, muito se deve aos jornalistas incumbidos de viajar à Bahia e divulgar notícias da guerra aos muitos jornais existentes no Brasil do século XIX. Entre os correspondentes, por exemplo, estava Euclides da Cunha que, a serviço do

jornal *O Estado de São Paulo*, enviou muitos artigos<sup>1</sup> exaltando as forças republicanas. A mulher que contaria a história a sua filha e neta é exemplo dos analfabetos, muitos ainda em pleno século XXI, que dispõem da oralidade como meio imediato para contar e conhecer histórias. Com base nos relatos “imaginosos e magníficos” vindouros após “extinta a seita e a gente dos Canudos”, muitos quadros foram e vêm sendo apresentados, sob as mais variadas formas de linguagem, em todo esse tempo transcorrido após o 5 de outubro de 1897, término oficial da guerra<sup>2</sup>. No que tange às especificidades do presente estudo, para além dos textos que se pretendem rigorosamente historiográficos ou de outras tantas modalidades de expressão, reportar-nos-emos à existência de uma quantidade considerável de narrativas que transitam entre a ficção e a história.

Publicadas entre 1898 e 2009 – ano do surgimento de *O pêndulo de Euclides*, último romance nesses moldes de que temos notícia –, essas obras compartilham do mesmo tema central: os eventos ocorridos entre 1896 e 1897, conhecidos como Guerra de Canudos, estendendo diversas discussões a âmbitos que transcendem os conflitos bélicos da própria guerra.

A mais disseminada, e talvez a grande influenciadora de todas as outras subsequentes a sua publicação, é o livro *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Este texto, revelador de uma face do Brasil em grande medida desconhecida para a “civilização” litorânea da época, não pode ser classificado simplesmente como histórico. Sua pluralidade de abordagens, entre outras características que extrapolam qualquer redução, apresenta muito de geografia, biologia, botânica, topografia, religião, política, sociologia e criação literária. Esta heterogeneidade avultante não passa despercebida no seu processo de leitura. Até hoje ela instiga interpretações e reinterpretações relativas à Guerra de Canudos.

Outras três obras, cronologicamente próximas à publicação d'*Os sertões* – porém sem o mesmo destaque e relevância desta –, são: *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos, texto que se aproxima do romance histórico tradicional expressivamente difundido pelos seguidores de Walter Scott; *O rei dos jagunços*

---

<sup>1</sup> Os artigos escritos por Euclides da Cunha, publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, entre 14 de março e 26 de outubro de 1897, encontram-se disponíveis em <http://www.euclidesdacunha.org.br/> Acesso em 18/01/2012.

<sup>2</sup> Conforme registra Euclides da Cunha (1987, p. 407), “Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dous homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”.

(1899), de Manoel Benício; e *Accidentes da guerra* (1905), de Egmydio Dantas Barreto. Conforme Thomas Beebee (2007, p. 3), “[...] são os três primeiros “factions” a tratar o assunto de Canudos. [...] estes autores evitaram os gêneros (relativamente) ‘puros’ da Reportagem e da História, recorrendo em compensação a um gênero misto que acrescenta à suposta veracidade a imaginação”.

Após essas quatro primeiras publicações, direcionadas a apresentar versões explicativas e interpretativas sobre os conflitos entre as forças armadas republicanas e os seguidores de Antônio Conselheiro, passa-se um período relativamente longo até virem a público as seguintes narrativas híbridas que se apresentam no limiar entre a ficção e a história: *A aldeia sagrada* (1953), de Francisco Marins; *Capitão Jagunço* (1958), de Paulo Dantas; e *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos. Ao referir-se a uma matéria de Otto Maria Carpeaux, publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, na edição de 29 de novembro de 1958, Esteves (2010, p. 60) lembra que *João Abade*

[...] faz uma reflexão sobre o romance histórico. [...] traz como protagonista o jagunço João Abade, participante da Guerra de Canudos, e propõe uma revisão histórica, por meio da ficção, do tão discutido episódio da história brasileira, imortalizado pela escrita de Euclides da Cunha. A obra de Felício dos Santos, no entanto, ao contrário de muitas das obras que tratam do episódio e que tendem a colocar o foco narrativo no branco civilizado, pretende inverter esse foco, dando voz ao vencido.

Contudo, por coincidência ou influência propriamente dita, é somente a partir de *La guerra del fin del mundo* (1981), do peruano Mario Vargas Llosa, que surge, no Brasil, uma quantidade realmente expressiva de textos histórico-ficcionais dedicados à temática canudense. Outros romances sobre a mesma temática, publicados por autores estrangeiros, não lograram a repercussão e o prestígio do texto de Vargas Llosa. Isso ocorre, por exemplo, com *A Brazilian mistic* (1919)<sup>3</sup>, de R. B. Cunninghame Graham; *Le mage du sertão* (1952)<sup>4</sup>, de Lucien Marchal; *Ítélet Canudosban* (1970)<sup>5</sup>, de Sándor Márai; e *A primeira veste* (1975)<sup>6</sup>, de Guram

<sup>3</sup> Traduzido no Brasil pela editora Sá, sob o título *Um místico brasileiro* (2002).

<sup>4</sup> Romance que ainda não possui tradução para o português.

<sup>5</sup> Na tradução brasileira de 2002, pela Companhia das Letras, o título é *Verdicto em Canudos*.

<sup>6</sup> Esta obra está citada em alguns sites em textos que procuram elencar romances que abordam a temática da Guerra de Canudos. Não conseguimos, porém, maiores informações bibliográficas sobre essa narrativa além da nacionalidade de seu autor: russo-georgiano. Da mesma forma, não

Dochanashvili. Longe da pretensão totalizante e perigosa de apresentar uma lista definitiva de títulos posteriores ao *La guerra del fin del mundo*, é possível mencionarmos os seguintes títulos sob a denominação de narrativas canudenses:

- *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga;
- *Canudos: libelo de um massacre* (1990), de Oswaldo Profeta;
- *As meninas do Belo Monte* (1993), de Júlio José Chiavenato;
- *Cidadela de Deus – a saga de Canudos* (1996), de Gilberto Martins;
- *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes;
- *O sertão vai virar mar* (2002), de Moacyr Scliar;
- *Canudos: a quinta expedição* (2002), de Oleone Coelho Fontes;
- *O pacificador* (2004), de João Berbel;
- *Canudos além d’Os sertões* (2004), de José Erenilson da Silva;
- *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez;
- *A ressurreição de Antônio Conselheiro e a de seus 12 apóstolos* (2007), de Moacir Lopes;
- *Antônio conselheiro – nem santo nem pecador* (2009), de Marcelo Biar; e
- *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca.

Nessas narrativas há distintos vieses ficcionais e vislumbres interpretativos de uma mesma história. Ao recorrermos a abordagens teóricas inerentes às narrativas de extração histórica (TROUCHE, 2006) – como as que perceberam mudanças no modelo do romance histórico tradicional (LUCÁKS, 1977; MÁRQUEZ RODRÍGUES, 1991), as quais delinearão vertentes como o novo romance histórico (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993), a metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991), e o romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007) – percebemos que os romances canudenses podem ser lidos e analisados, em maior ou menor medida, como instigadores de novos olhares para um evento que, até os dias atuais, permanece contraditório e obscuro quanto as suas causas e consequências. Os motivos e as condições da guerra ainda são assuntos

---

encontramos informações que evidenciam a tradução dessa narrativa para outros idiomas. Apenas referências ao título em russo, com traduções livres para o inglês, como *The First Garment*, e ao português, como *A última veste*.

controversos e, pela quantidade de abordagens que os representam, inacabados. Dessa forma, parece não haver dúvidas de que a liberdade ficcional, a serviço da (re)escrita da história, torna-se uma boa ferramenta para sugerir múltiplas leituras e não deixar que uma só “verdade” paire sobre a Guerra de Canudos. Em uma gama de produções romanescas, história, memória e ficção se entrelaçam, contribuindo às mais diferentes demonstrações e interpretações possibilitadas pela compreensão de que toda e qualquer recriação escrita do passado constitui-se em discurso.

Devido à complexidade do tema e às incontáveis possibilidades analíticas, logo, à impossibilidade de abarcar o tema “Canudos” de maneira totalizante, o presente estudo busca delimitar sua exposição à análise da evidência da Guerra de Canudos em dois momentos: a partir das obras *La guerra del fin del mundo* (1981) e *O pêndulo de Euclides* (2009). Entendemos que, pela distância temporal, conceitual e histórica dessas narrativas, a realidade nordestina representada pelo sistema cultural, social, político e religioso de Canudos em face de uma pretensa oficialidade ou homogeneidade brasileiras, é exposta de modos distintos nos romances selecionados como *corpus*. Estes dois romances, de certa forma, obedecem a uma evolução no sentido de se compreender, avaliar e aceitar as diferenças de uma parte híbrida – o sertão nordestino – diante de um universo maior. Este último, entendido por termos representativos, de formações não menos híbridas, como Brasil ou América Latina, para mencionar apenas dois exemplos.

A metodologia empregada para a escrita deste estudo consiste, fundamentalmente, em pesquisa bibliográfica e análise literária comparativa. Revisões de textos teóricos, reportagens e narrativas ficcionais que venham ao encontro do tema proposto são apoio indispensável. Informações presentes em documentários, entrevistas e outros materiais disponíveis em páginas da internet também figuram como elementos de consulta. Numa abordagem dialética, as análises comparativas das obras selecionadas voltam-se, entre outros aspectos, a elementos históricos e ficcionais, bem como às estratégias narrativas empregadas pelos romancistas, a partir de diferentes perspectivas que possam nos auxiliar na urdidura do presente estudo voltado a um evento histórico multifacetado.

Num primeiro momento, referimo-nos às múltiplas e complexas avaliações em torno da temática da Guerra de Canudos. Expomos algumas abordagens surgidas no decorrer dos anos sobre as características gerais do sertão nordestino e

de sua gente, além de verificarmos postulados teóricos acerca dos temas memória e romance histórico. Objetivamos, com isso, sugerir embasamento para uma leitura de diferentes propostas interpretativas dos romances a serem apresentados.

Em seguida, discorreremos a respeito da condição literária na América Latina, sob os pressupostos dos estudos comparados (BERND, 1998; SANTIAGO, 2000; COUTINHO, 2003), no intuito de contextualizar características importantes também representadas pelas narrativas canudenses. São apresentadas, de maneira breve, as leituras críticas de algumas obras escolhidas: *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos; *João Abade* (1958), de João F. dos Santos; *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga; *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes; *Veredicto em Canudos* (2002), de Sándor Márai; e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez. Entendemos como necessário relacionar aspectos relativos aos encontros e à evolução dos discursos latino-americanos com a temática em evidência neste estudo. Os antecedentes e as consequências da Guerra de Canudos são representativos de problemas presentes na história deste continente e nos interessa verificar como a ficção tem procedido nas suas releituras desse passado.

Na abordagem do *corpus* mais específico, propomos leituras dos romances *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa e *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca. Ao considerarmos o conteúdo e os discursos apresentados pelas narrativas canudenses desde a publicação d’*Os sertões* (1902), parece possível sugerir dois momentos de ruptura, ou de novas perspectivas, que os romances de Vargas Llosa e Fonseca, respectivamente, apresentam em relação ao texto euclidiano. Enquanto este último representa, criticamente, as surpresas de um primeiro contado entre os mundos “civilizado” e o “retrógrado”, *La guerra del fin del mundo* instaura uma polifonia na qual o discurso das diferentes partes envolvidas – históricas e ficcionais –, para além de um retrato local dos conflitos, representa uma alegoria do contexto histórico da América Latina. Já em *O pêndulo de Euclides*, a representatividade dos momentos da guerra, da memória e da atualidade de Canudos é focalizada. Percebemos, na leitura desse romance, uma espécie de aproximação/aceitação entre os mundos e os discursos historicamente em conflito.

Portanto, estão expostos neste estudo, por meio de um percurso representado pelas narrativas aqui denominadas canudenses, os conflitos que

transcendem questões históricas e ideológicas de um momento determinado. Desde o capítulo que segue com a apresentação de postulados sobre Canudos, a memória e o romance histórico, passando pela apresentação sucinta de algumas obras, até a análise do *corpus*, verificamos abordagens discursivas que, por meio da literatura, buscam compreender os conflitos que ultrapassam os encontros bélicos da guerra.

## 2 COMPLEXO CANUDOS

O evento bélico ocorrido no sertão da Bahia nos anos de 1896-7 entrou para a história do Brasil sob a denominação de Guerra de Canudos. Sobre este acontecimento, várias reflexões escritas ou mesmo por meio de outras formas de expressão – além de toda uma herança oral –, foram delineadas e ainda são motivo de discussão na atualidade. Grande parte do interesse suscitado pela temática deve-se às incoerências e obscuridades referentes aos motivos da guerra, aos conflitos em si e à formação do arraial de Belo Monte. Neste lugar, segundo Levine (1995, p. 23):

Formou-se um fluxo tão grande de homens e mulheres que, deixando suas casas e povoados do sertão, se mudavam para a comunidade do Conselheiro que, em dois anos, o local conhecido por Belo Monte, ou Canudos, havia se tornado a segunda cidade mais populosa da Bahia, que por sua vez, em fins do século XIX, era o segundo estado mais populoso do Brasil.

Não se sabe ao certo quais foram os impulsos que levaram milhares de sertanejos a lutarem até à morte em “obediência” às “causas” defendidas e propagadas por Antônio Conselheiro. Conforme Euclides da Cunha (1987, p. 407), “[...] Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo”.

Sobre a biografia do líder religioso e político, o Conselheiro, muito se especula<sup>7</sup>, mas pouca informação relevante contribui, de fato, para sérios esclarecimentos sobre sua vida andante nos sertões nordestinos. Como sabemos, a história do Brasil foi, em seus primeiros quatro séculos, basicamente uma história do litoral ou da região das minas, sendo quase totalmente desconhecidas, pelos “escritores oficiais”, a geografia, a demografia e a sociologia do interior. Antes do monumental e revelador *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha – tomemos aqui o caso particular da região nordeste –, o contexto de um Brasil completamente distinto daquele sugerido por Gilberto Freyre, em *Casa grande & senzala* (1933), permanecia em grande parte desconhecido. “A denúncia [...] contida n’*Os sertões*, de Euclides da Cunha, fez com que todas as luzes nacionais se voltassem sobre

---

<sup>7</sup> Cf. BENICIO, Manoel. *O rei dos jagunços*. Ed. fac-sim. Brasília: Senado Federal, 1997. MACEDO, Nertan. *Antônio Conselheiro*. Rio de Janeiro: Renes, 1978.

Canudos e para o Brasil rural, por extensão, nas décadas iniciais do século passado e até os dias que correm” (MELLO, 2007, p. 76-7). Não se verificavam com facilidade, até então, descrições comparadas como as que Roger Bastide (1976) expõe em seu *Brasil, terra de contrastes*. Em relação à paisagem, por exemplo, eis o que ele escreve sobre as duas regiões:

No litoral, a riqueza da vegetação exuberante, de um verde quase negro, [...] plantas que arrebetam de seiva, de mel, de perfumes. No sertão, a caatinga, como lhe chamavam os índios, com uma vegetação de cactos, de moitas espinhosas, de ervas raquíticas, amarelas, calcinadas, de árvores esqueléticas com folhas raivosamente eriçadas, transformadas em espinhos ou arestas, de árvores ventradas que são como odres para reter sob a casca rugosa a maior quantidade possível da mesquinha água da chuva. (BASTIDE, 1976, p. 86).

Nesta paisagem sertaneja, a aglomeração humana em torno de uma figura, no mínimo carismática, deixou, como podemos depreender, políticos, patrões e religiosos em vigilância. Isso porque ela incentivava milhares de potenciais eleitores, trabalhadores e fiéis a não reconhecerem a República (1889) recentemente proclamada, a não voltarem aos latifúndios e servir de mão de obra quase escrava aos coronéis da região e, também, a não estarem mais à mercê unicamente dos pressupostos da Igreja Católica.

Um missionário capuchinho, o frei João Evangelista de Monte Marciano, “[...] seguido de frei Caetano de S. Leo e do vigário do Cumbe” (CUNHA, 1987, p. 140), foi enviado em missão, em 1895, para convencer as pessoas, que não cessavam de chegar a Canudos, a regressarem para suas casas e retomarem seus afazeres. Apesar de ser recebido e permanecer em Canudos por sete dias, “[...] excetuando ‘55 casamentos de amancebados, 102 batizados e mais de 400 confissões’, o resultado fora nulo, ou antes negativo” (CUNHA, 1987, p. 143). O frei voltou a Salvador e nada mais pode ofertar aos seus superiores do que um relatório<sup>8</sup>, dando conta de sua missão. Uma vez não resolvido por meios diplomáticos o problema “político-religioso-trabalhista”, protagonizado por personagens e um cenário desconhecido do Brasil oficial, quatro expedições

---

<sup>8</sup> O relatório está disponível em <http://josecalasans.com/bibliografiacanudense.html>, apresentado por José Calasans, segundo a transcrição original do texto publicado em 1895 pelo governo da Bahia, e reeditado por frei Gregório de S. Mariano, “Os Capuchinhos na Bahia”, in *Anais do Congresso de História da Bahia*. 1. Salvador, 1950, pp. 573-83. Acesso em 13/04/2012.

militares foram necessárias para anularem por completo uma “ameaça” ao país, até hoje não justificada pelos vencedores. Por parte destes últimos, desde o término dos conflitos bélicos, parece haver uma espécie de intenção de apagamento da memória da guerra. Esta constatação é reafirmada pelo autor Aleilton Fonseca que, em entrevista à rádio UNESP<sup>9</sup>, expõe que as imagens de Canudos e de Antônio Conselheiro não entraram em sua vida por meio da escola. Sentença parecida também surge, ficcionalmente, nas palavras do narrador letrado d’O *pêndulo de Euclides*:

Nas aulas de História, só os velhos temas. Ensinavam-me a repetir datas e fatos e a admirar as personagens oficiais. Pior: aos oito anos de idade fui obrigado a me perfilar junto com os colegas no pátio da escola, no longínquo dia 31 de março de 1968, para cantar o Hino Nacional em louvor à ditadura militar de então. Obrigado a cumprir ordens, a escola traía com isso a inocência de minha idade. Nunca me contaram nada sobre Canudos. Mas eu descobri. (FONSECA, 2009, p. 15).

É importante lembrar que até hoje o espaço dedicado à discussão dessa temática no Ensino Básico das escolas brasileiras é muito limitado. Contudo, temos, atualmente, bastante facilidade de acesso a uma quantidade realmente grande de informações referentes a muitos assuntos nem sempre difundidos como requisitos essenciais para as avaliações de costume. Num texto especializado, ao analisar diferentes interpretações sobre a Guerra de Canudos, o professor José Maria de Oliveira Silva (2001) desenvolve um importante artigo que contribui para um entendimento geral das repercussões daquele evento histórico. Para este autor, desde Euclides da Cunha, nos caminhos interpretativos relativos ao homem sertanejo e à “civilização litorânea”, houve até a década de 40 o predomínio de uma ideologia em que o argumento do fanatismo religioso e político, assim como estereótipos classistas e racistas, projetavam uma imagem negativa dos conselheiristas. Designações como bandidos, fanáticos e agressivos, somadas às hostilidades diversas em relação à figura de Antônio Conselheiro, contribuíram para a construção de uma memória nacional sobre o movimento (SILVA, 2001, p. 33).

O interesse pela história dos vencidos aparece, sobremaneira, a partir dos anos de 1940, quando pesquisadores como Paulo José Dantas, Edmundo Moniz e

---

<sup>9</sup> O áudio está disponível no blog do autor: [aleilton.blogspot.com](http://aleilton.blogspot.com). Acesso em 13/06/2011.

José Calasans se interessam por depoimentos de sobreviventes da guerra. Tal abordagem é significativa para a revisão histórica da temática canudense. Apesar de produzidos de forma precária, devido ao pouco desenvolvimento das técnicas de entrevista, que funcionavam a partir de anotações baseadas em memórias, são registros consistentes o suficiente para a confirmação de que “[...] a tradição oral popular, articulando a experiência individual e coletiva, reforçou a necessidade de se pensar sobre as diversas identidades, experiências e práticas sociais da comunidade” (SILVA, 2001, p. 40). Na mesma página, referindo-se ao documentário intitulado *Paixão e guerra no sertão de Canudos* (1993)<sup>10</sup>, Silva ainda destaca que suas imagens dão conta de elencar gestos, canções, cenários, depoimentos de sertanejos e de estudiosos, e que, as muitas versões sobre a figura do beato e da comunidade, apresentadas nesse material, confluem para um relato apaixonado sobre a história do Conselheiro e de Canudos.

Sobre o aglomerado conselheirista e seu líder, Villa (1999, p. 29) escreve o seguinte:

Antônio Conselheiro dava um sentido à vida dos sertanejos, demonstrando no dia-a-dia os limites do poder autocrático do Estado, da Igreja e dos latifundiários e, mais ainda, a superação desta ordem social. Não há uma pregação política no sentido da tradição revolucionária ocidental tributária da Revolução Francesa, nem existe um problema simplesmente econômico devido à desorganização do trabalho, mas é a prática cotidiana que coloca a religião como elemento aglutinador da comunidade, superando qualquer interpretação fragmentada da realidade.

Essa ideia de uma comunidade na qual se representava a instalação de um conjunto de atividades de acordo com as necessidades de um povo sob as mesmas condições culturais, vai de encontro às muitas interpretações deterministas, religiosas ou políticas que pretendem atribuir ao arraial de Canudos um caráter defeituoso, se comparado a modelos oficialmente estabelecidos. Para Villa (1999, p. 43), via-se o sinal de um novo tempo que

[...] conduzia a comunidade para uma fé dinâmica, entrelaçada com a vida cotidiana, onde amar o senhor deixava de ser fórmula vazia, constituindo-se em sinônimo de transformação social. Aí residia o

---

<sup>10</sup> Direção: Antônio Olavo. Ano: 1993 Duração: 78 min. Cor: Colorido. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=f7LWvtx4lhQ>. Acesso em 20/01/2012.

maior perigo para os dominantes: a fé, ao invés de estar congelada, distante da vida, é o agente da mudança, pois a plenitude religiosa não se coaduna com a dissociação entre os mundos secular e sagrado.

Sendo a fé elemento presente e ativo entre um grupo de pessoas preparadas para construir e garantir o que poderia ser considerada uma “nova conjuntura do sertão”, não é de se estranhar que políticos, Igreja e latifundiários procurassem contê-la, isto é, destruí-la. Contudo, as forças dos sertanejos não eram suficientes para legitimar, além da construção do arraial, um discurso suficientemente forte que se contrapusesse aos interesses externos. Talvez por isso, passados mais de cento e dez anos desde o término da Guerra de Canudos, muitos vieses interpretativos surgiram sob as mais variadas formas de expressão. Desde uma comunidade de loucos fanáticos e bandidos, passando por uma sociedade comunista, até uma cidade comum como as muitas existentes no sertão nordestino, peculiaridades sociais e culturais, representadas pelo aglomerado de pessoas formado em torno da figura de Antônio Conselheiro, permanecem temáticas inquietantes. O romance, entre um número significativo de modos de se abordar tais questões, apresenta-se como uma modalidade privilegiada de leitura desse passado, devido a sua ampla capacidade de revelar-se por meio de mentiras carregadas de verdades, como expõe Vargas Llosa (2007, p. 2-17) no seu texto *La verdad de las mentiras*.

Das leituras que se foram construindo sobre o arraial de Canudos apresentadas aqui, passamos, na sequência, a expor algumas considerações relativas aos encontros de cultura, de modo geral, e à formação cultural dos sertanejos do nordeste brasileiro, em particular. Tais aspectos tornam-se relevantes para compreendermos a configuração dos romances históricos que buscam recuperar a constituição desse contingente sob as dimensões da arte romanesca.

## 2.1 O SERTÃO DOS SERTANEJOS

Arturo Uslar Pietri, num ensaio cujo título é “*El mestizaje y el nuevo mundo*” (1990, p. 345-357), afirma que todas as civilizações surgidas na história da humanidade são decorrentes de grandes encontros de cultura. Entre outros

exemplos, o escritor venezuelano cita as culturas grega e romana, além de mencionar figuras célebres como Abraão e Moisés, também vistos como mestiços culturais. No presente estudo, ao contrário da ideia de cultura referente aos conhecimentos, gostos e modos de atuar “[...] *que poseen algunas minorías de seres humanos que han tenido la posibilidad de educarse de acuerdo con las pautas admitidas como superiores, diferentes de las del común de los mortales dentro de una colectividad*” (GONZÁLEZ, 1999, p. 15)<sup>11</sup>, devemos compreendê-la como decorrência da capacidade humana de criá-la. Os mais diferentes grupos são responsáveis por

[...] *organizar su forma de comportamiento de acuerdo con los sistemas de valores, las normas y creencias, pero no se da uniformidad ni en el tiempo ni en el espacio. Los patrones culturales difieren de colectividad a colectividad. Dentro de una misma comunidad cambian con el decurrir del tiempo pues los sistemas organizadores de conducta, nacidos de la interacción hombre-medio físico-entorno humano, no son estáticos sino que están sujetos a cambios.* (GONZÁLEZ, 1999, p. 13)<sup>12</sup>.

Na demonstração de que a história das civilizações é a história dos encontros, Uslar Pietri (1990, p. 346-7) destaca que nenhum povo consegue permanecer, indefinidamente, ilhado e preso em sua terra original, pois isso o levaria a permanecer numa espécie de pré-história congelada. Assim, continua o escritor venezuelano, foram os grandes encontros de povos diferentes, em decorrência dos mais variados motivos, os que ocasionaram as trocas, os avanços, os difíceis acomodamentos, as novas combinações, dos quais surgiu o processo histórico de todas as civilizações.

Foram exatamente as zonas críticas dos encontros que se tornaram os grandes centros criadores e irradiadores de civilização: a Mesopotâmia, todo o Mediterrâneo Oriental, Creta e Grécia. E o imediato resultado criador desses encontros foi “[...] *el mestizaje cultural. Convivieron en pugna, resistencia y sumisión,*

---

<sup>11</sup> Nossa tradução livre: [...] que possuem algumas minorias de seres humanos que tiveram a possibilidade de educar-se de acordo com as pautas admitidas como superiores, diferentes das do comum dos mortais dentro de uma coletividade.

<sup>12</sup> Nossa tradução livre: [...] organizar sua forma de comportamento de acordo com os sistemas de valores, as normas e crenças, mas não se dá uniformidade nem no tempo nem no espaço. Os padrões culturais diferem de coletividade para coletividade. Dentro de uma mesma comunidade modificam-se com o decorrer do tempo, pois os sistemas organizadores de conduta, nascidos da interação homem-meio físico-entorno humano, não são estáticos, mas sim estão sujeitos a trocas.

*y mezclaron las creencias, las lenguas, las visiones y las técnicas. El mestizaje penetró hasta el Olimpo*” (USLAR PIETRI, 1990, p. 346)<sup>13</sup>. Este caso vem se repetindo ao longo da história. Não como mera consequência da mistura de sangues, mas como um poderoso fenômeno, cheio de vitalidade nova e de possibilidade criadora. Portanto, as civilizações se formaram, e seguem se formando, por gentes que podem “[...] *no tener en sus venas mezclada la sangre de los pueblos del encuentro, pero que lleva[n] en su espíritu la creadora confluencia de vertientes contrarias*”. (USLAR PIETRI, 1990, p. 347)<sup>14</sup>.

A América Latina é um exemplo constante, desde os primeiros encontros entre diferentes povos, de possibilidades criadoras carregadas de vitalidades novas. Os latino-americanos nunca tiveram uma identidade única. Essa busca, em sua realidade histórica social, seria um ato discriminatório que excluiria milhões de sujeitos que integram o aglomerado cultural e étnico que a forma e, conseqüentemente, identifica. De acordo com Vargas Llosa (2006, p. 9):

Não é exagero dizer que não há tradição cultural, língua e raça que não tenha contribuído com alguma coisa para esse fosforescente turbilhão de misturas e alianças que acontece em todos os aspectos da vida na América Latina. Esse amálgama é a sua riqueza. Ser um continente que carece de identidade porque tem todas elas.

Ao pensarmos no caso da “civilização brasileira”, poderíamos conjecturar que ela decorre dos encontros de uma gama considerável de culturas. O primeiro deles deu-se entre portugueses e os autóctones que já habitavam Pindorama<sup>15</sup> muito antes da chegada da expedição cabralina, em 1500. Na seqüência, sabemos que, por pelo menos três séculos, muitos africanos atravessaram o Atlântico para trabalharem em terras brasileiras de modo forçado. E, a partir de meados do século XIX, para essa mesma região, povos das mais variadas nacionalidades e culturas iniciaram um processo intenso de imigração. Em meio a todos esses encontros, o Brasil, desde seu início – assim como toda a América Latina Hispânica referida por Carlos Fuentes (1992, p. 10) –,

---

<sup>13</sup> Nossa tradução livre: [...] a mestiçagem cultural. Conviveram em luta, resistência e submissão, e misturaram as crenças, as línguas, as visões e as técnicas. A mestiçagem penetrou até o Olimpo.

<sup>14</sup> Nossa tradução livre: [...] não ter em suas veias misturado o sangue dos povos do encontro, mas que levam em seu espírito a criadora confluência de vertentes contrárias.

<sup>15</sup> Muitos nativos designavam assim o lugar onde hoje é o Brasil.

*[...] ha vivido entre el sueño y la realidad, ha vivido el divorcio entre la buena sociedad que deseamos y la sociedad imperfecta en la que realmente vivimos. Hemos persistido en la esperanza utópica porque fuimos fundados por la utopía, porque la memoria de la sociedad feliz está en el origen mismo de América, y también al final del camino, como meta y realización de nuestras esperanzas.*<sup>16</sup>

A região brasileira em que ocorreu a Guerra de Canudos – em grande parte eclodida por causa do divórcio e dos conflitos entre uma “boa sociedade” e uma “sociedade imperfeita”, conforme mencionado nas análises de Fuentes – conformou-se no decorrer dos séculos de forma singular, apresentando aspectos culturais, geográficos e climáticos peculiares. Confluíram para ela outras gentes que se juntaram aos autóctones os quais a habitavam desde tempos incertos, formando uma civilização autossuficiente provida de relações sociais, econômicas, religiosas e políticas próprias. Uma civilização na qual não predominava o elemento africano, nem as características próprias do litoral. Para Bastide (1976, p. 87):

A criação de gado não necessitava de mão-de-obra abundante. O escravo, quando existia, era o escravo doméstico que cultivava a roça ou cozinava. O índio, em compensação, maçou com seu sangue os *mores* e os costumes. Uniu-se ao branco e deu uma raça mestiça de vaqueiros e domadores do espaço. Raça de mulheres silenciosas e um pouco selvagens, resistentes ao trabalho, e de homens adaptados a uma terra ingrata, muito amada no entanto, e tanto mais amada, sem dúvida, quanto mais ingrata. Mulheres que se alimentavam de mandioca e de carne-seca e não, como as do litoral, de doces, de geléias, de sobremesas açucaradas. (grifo do autor).

O semiárido brasileiro, esta terra ingrata mencionada por Bastide, na qual se deu a Guerra de Canudos, possui características severas. A sobrevivência da fauna e da flora nesse lugar possibilita-se sob condições realmente extraordinárias. Os forasteiros desinformados, a exemplo das tropas oficiais que guerrearam contra os sertanejos, deparam-se com sérias dificuldades ao se aventurarem por aquela região. Não conhecem espécies como o umbuzeiro,

*[...] a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante*

---

<sup>16</sup> Nossa tradução livre: [...] viveu entre o sonho e a realidade, viveu o divórcio entre a boa sociedade que desejamos e a sociedade imperfeita na que realmente vivemos. Persistimos na esperança utópica porque fomos fundados pela utopia, porque a memória da sociedade feliz está na origem mesma da América, e também ao final do caminho, como meta e realização de nossas esperanças.

exemplo de adaptação da flora sertaneja. Foi, talvez, de talhe mais vigoroso e alto – e veio descaindo, pouco a pouco, numa intercadência de estios flamívoros e invernos torrenciais, modificando-se à feição do meio, desinvoluindo, até se preparar para a resistência e reagindo, por fim, desafiando as secas duradouras, sustentando-se nas quadras miseráveis mercê da energia vital que economiza nas estações benéficas, das reservas guardadas em grande cópia nas raízes. E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro aquele trato de sertão [...] estaria despovoado. (CUNHA, 1987, p. 35).

Sobre as singularidades dos habitantes do sertão, Bandeira (1997) apresenta suas impressões, numa exposição marcada por concepções marxistas, porém sem fugir desmedidamente do entendimento geral sobre as relações humanas daquele lugar no tempo da guerra. De um lado, segundo ele, haviam poucas famílias ricas e poderosas no domínio de uma vastidão de terras, latifúndios improdutivos. Elas se digladiavam entre si, disputando o poder político, com o objetivo de assegurar e expandir suas propriedades. De outro lado, estava uma população de caboclos, sertanejos, “[...] na sua maioria mestiçados com brancos e negros – mamelucos e cafuzos – que perderam ou jamais possuíram alguma terra e nada tinham, nem mesmo a possibilidade de vender sua força de trabalho e a esperança de alcançar uma vida melhor” (BANDEIRA, 1997, p. 739). Na sequência, após escrever que a muitos desses sertanejos não restava senão a vida de foras da lei, como bandoleiros no cangaço ou de capangas dos senhores de terra, conclui nos seguintes termos:

Em tais condições de atraso social e político, aquela massa de oprimidos, pobres e miseráveis, quase completamente isolada dos centros urbanos do litoral, devido à carência de transportes e de outros meios de comunicação, só encontrava esperança na religião, através da fé no ‘Bom Jesus’<sup>17</sup>, que pelo menos lhe abriria as portas do céu, a perspectiva de salvação e recompensa por tantos sofrimentos. (BANDEIRA, 1997, p. 739). (grifo do autor).

Antônio Conselheiro, cujo nome de batismo consta como Antônio Vicente Mendes Maciel, é apontado como um dos principais responsáveis, senão o principal, pela Guerra de Canudos. Essa discussão é interessante e interminável conforme

---

<sup>17</sup> Uma das formas adotadas pelos sertanejos para se referir a Antônio Vicente Mendes Maciel “[...] Antonio Conselheiro de alcunha, também cognominado Bom Jesus Conselheiro e Santo Conselheiro” (CALASANS, s.d., p. 1).

opiniões muitas vezes diametralmente opostas de estudiosos do assunto. Entre tantos pareceres contrários, “imparciais” ou favoráveis ao Conselheiro assim como aos seus seguidores,

[...] arqueólogos e historiadores [não se deve esquecer alguns romancistas] estão chegando juntos à conclusão de que Canudos foi uma cidadezinha comum do sertão nordestino. Nem um antro de malucos fanáticos, como alardearam os militares depois da guerra, nem uma comunidade liderada por um precursor do socialismo. ‘Eles só queriam uma cidade para rezar em paz’, argumenta Zanettini. Uma azarada conjunção de fatos impediu esse destino banal. (BURGIERMAN, 2000, p. 38).

O trecho citado acima corrobora com o que Villa (1999, p. 43) afirmou sobre o real sentido do ajuntamento dos sertanejos no arraial de Belo Monte. As condições históricas, sociais, religiosas e culturais favoreciam ao desenvolvimento daquela comunidade sertaneja. A mesma que, após curto período de existência, foi completamente destruída. Suas memórias, contudo, permanecem vivas em muitas pessoas e sob as mais variadas formas de representatividade.

Para fundamentar aspectos relativos à construção e à preservação da memória, particularidades presentes nas narrativas canudenses de modo geral, o próximo subcapítulo propõe a exposição de aportes teóricos afins a essa área do conhecimento. O discurso híbrido representado pelos romances aqui estudados é, fundamentalmente, resultado do entrecruzamento que, além da história e da ficção, tem na memória um de seus componentes essenciais.

## 2.2 MEMÓRIAS DA GUERRA

A Guerra de Canudos continua viva na memória sob as mais diversas formas: desde os monumentos e os memoriais construídos na região onde ocorreram os conflitos, passando pelos estudos acadêmicos, romances, cordéis e pelas variadas manifestações da arte popular. Como acréscimo a estas últimas, não devemos desconsiderar os rastros presentes no homem comum que ainda expressa resquícios da herança deixada por personagens, à maneira da mulher retratada na crônica de Machado de Assis, citada nas primeiras linhas deste estudo. Conforme

lembra Gagnebin (2006), há um liame entre rastro – imagem – e memória, fazendo com que as reflexões sobre este conceito remetam àquele. Isso, porque a memória vive uma “[...] tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra e do passado desaparecido, mas também do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente” (GAGNEBIN, 2006, p. 44). Na medida em que nos reportarmos ao destaque desta estudiosa da lembrança, da escrita e do esquecimento, sobre a necessidade de legar túmulos aos mortos nos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial, podemos afirmar que algo parecido também deve ser legado aos mortos de Canudos: a construção de epitáfios como mantenedores de memórias, tarefa do historiador, do ficcionista ou do artista que precisam “[...] transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados” (GAGNEBIN, 2006, p. 47).

Nos romances que têm como pontos fulcrais a representação de eventos relacionados à Guerra de Canudos (1896-7), deparamo-nos com muitos personagens que recorrem às suas memórias para revelarem impressões diretamente ligadas à guerra. Conforme Ricoeur, não há “[...] outro recurso a respeito da referência ao passado, senão a própria memória” (2007, p. 40). Este mesmo escritor ainda sentencia que “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”. (2007, p. 40 – grifo do autor).

Em um estudo em que são verificadas diferentes conceituações de memória em Paul Ricoeur, Leonardo Kussler (2007) conclui que a memória não funciona somente como uma ferramenta de guardar dados mnemônicos. Ela deve ser encarada principalmente como uma capacidade de “[...] (re)significação das coisas e de si mesmo; trata-se de uma representação das coisas já apresentadas anteriormente para si, uma possível reconfiguração de tais dados guardados na memória que são despertados pela rememoração” (KUSSLER, 2007, p. 1629). Quando consideramos aspectos relacionados à representação, à reconfiguração e à rememoração, não devemos esquecer de que

[...] toda memória humana é memória de alguém, de um indivíduo. Ela se refere, antes de tudo, ao Eu, ao olhar que essa pessoa constrói a respeito de si mesma, da identidade, portanto, de quem efetivamente recorda. [...] A memória é um processo complexo e não se reduz a um simples ato mental. [...] os dados da nossa

experiência cotidiana são as reservas, os estoques, a massa de elementos sobre os quais ela trabalha. (SILVA, 2008, p. 85).

Nesta direção da “escrita do eu”, ao escrever sobre o gênero de narrativas denominado autobiografia, Alberti (1991) levanta a questão que se estabelece ao verificarmos a representatividade do autor, do narrador e da personagem. Para essa autora, o pacto autobiográfico se dá quando “[...] a identidade entre autor, narrador e personagem é assumida e tornada explícita pelo autor, ao contrário do ‘pacto romanesco’, declaração de negação daquela identidade e atestado do caráter de ficção” (ALBERTI, 1991, p. 11). Mais adiante, ela escreve que

[...] o pacto autobiográfico prevê e admite falhas, erros, esquecimentos, omissões e deformações na história do personagem; possibilidades, aliás, que muitas vezes o autor mesmo - num movimento de sinceridade próprio à autobiografia - levanta: escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento. (ALBERTI, 1991, p. 11).

Quando alguém resolve escrever sobre sua trajetória num passado em que esteve direta ou indiretamente envolvido, mesmo que as identidades narrativas, autorais e da personagem estejam muito mais próximas do que na escrita ficcional, as falhas e os erros da memória, além das convenções da narrativa, devem ser considerados. Para Gonçalves Filho (2006, p. 96):

A memória revê o curso da existência como heterogêneo e fértil de possibilidades imprevistas, repleto de pequenos acidentes nunca negligenciáveis, suspendendo qualquer relação de mando e obediência entre o sujeito e a história, insuflando-a de mistério e surpresa, risco e expectativa, iniciativa e observação.

Além das possibilidades e das contradições existentes na elaboração da escrita, há ainda os processos miméticos estabelecidos no momento da leitura. Entre autor e leitor, ao sistematizar as proposições de Ricoeur sobre a *triple mimesis* no processo da narração, Balanguer (2002), aponta para termos como prefiguração, configuração e reconfiguração. Respectivamente, o primeiro

*[...] es el mundo común a autor y lector. Equivale a la referencia suspendida en la teoría de la referencia metafórica; [O segundo] es el mundo del texto tal como ha quedado dispuesto en sistema por el autor, y que está a la espera de ser refigurado por el lector; [O último] es el mundo del texto que se refigura en momento de la lectura. En ese momento se consume la referencia y por tanto se refigura verdaderamente un curso de acciones en la mente del lector. (BALANGUER, 2002, p. 101).<sup>18</sup>*

Nesta direção, também a “memória autobiográfica”, no seu “limiar narrativo”, obedece a leis de construção tanto nos seus aspetos produtivos como no momento da leitura. A essas circunstâncias, numa espécie de jogo intermediário entre a narração e a assimilação das identidades, poderíamos incluir a memória não especificamente autobiográfica, já “[...] que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAKC, 1992, p. 5). Mesmo assim, é importante termos em conta que, apesar de serem aceitáveis suas peculiaridades negociáveis e seletivas, não é correto considerar as construções da memória como falsidades, “[...] até porque elas não o são. Se dissermos que estas retiram do passado alguns fatos e os escolhe para responder às demandas do presente, isto significa afirmar que elas não são meras fantasias” (MOTTA, 2003, p. 193). Portanto, o discurso memorialístico – exposto por pessoas comuns ou reelaborado por historiadores ou romancistas – também deve ser entendido como leitura válida do passado, assim como as perspectivas convencionais das narrativas históricas e de ficção, a serem apresentadas na seção seguinte.

Após a generalização da ideia de pluralidade das construções discursivas, constatamos a evidente ineficiência daquilo que se poderia denominar uma memória coletiva tradicional calcada na aceitação passiva de verdades construídas sob os mais diversos interesses (HOBSBAWM, 1984). A memória individual parece adquirir uma relevância significativa para termos, hoje, acesso ao passado que cada vez menos deixa de ser vislumbrado em uma época marcada pela velocidade de informações imediatistas, desvalorizadas e descartáveis. Segundo Nora (1993, p. 18),

---

<sup>18</sup> Nossa tradução livre: [...] é o mundo comum a autor e leitor. Equivale à referência suspendida na teoria da referência metafórica; [O segundo] é o mundo do texto tal como ficou disposto no sistema pelo autor, e que está à espera de ser refigurado pelo leitor. [O último] é o mundo do texto que se refigura no momento da leitura. Nesse momento se consome a referência e portanto se refigura verdadeiramente um curso de ações na mente do leitor.

[...] quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. É como uma voz interior que dissesse aos Corsos: 'Você deve ser Corso', e aos Bretões: 'É preciso ser Bretão'.

Como, nos dias atuais, é improvável a existência de sobreviventes que possam narrar suas impressões a respeito da Guerra de Canudos, devemos recorrer a outras formas de manutenção ou representação desse passado. Uma delas constitui-se nos romances históricos em que a memória é um elemento presente. São várias, como deixamos registrado anteriormente, as narrativas que se referem à temática canudense. N' *O pêndulo de Euclides* (2009), por exemplo, representam-se, entre outros aspectos, as reminiscências da personagem seu Ozébio. Em outro romance já o título chama a atenção para tal recurso escritural: *Canudos - as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997).

Na primeira, o recurso caracteriza-se pela presença da voz de um sujeito simples do sertão que, pela oralidade, relembra fatos passados. Já no último, configura-se uma voz enunciativa do discurso que pode ser considerado um personagem escritor. Contudo, antecipando qualquer juízo de valor em relação a esses formatos de fonte, é importante lembrar que, segundo Pollack (1992), não há diferenças fundamentais entre as fontes orais e escritas. Uma mesma abordagem crítica deve “[...] ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta” (POLLACK, 1992, p. 8). Nesta direção, não seria possível atribuir diferenciações radicais entre o caráter representativo e influente das peças de um museu e os significados da narrativa apaixonada e, por vezes, vacilante do herdeiro oral de histórias (re)contadas.

O ângulo de observação e as versões distintas das “memórias” das personagens seu Ozébio e Monte Marciano ajudam a compreender, a reafirmar ou a se desvencilhar de concepções irrefletidas a respeito dos eventos e de algumas personagens que participaram, de alguma maneira, da Guerra de Canudos. Apesar das postulações que sugerem a morte do narrador não serem infundadas – devido à perda de valores tradicionais decaídos e desmitificados sob vários formatos e

conceitos – nos períodos denominados modernidade e pós-modernidade ainda é possível detectar uma espécie de conservação ou atualização daquilo que poderia ser considerado como uma memória da guerra. É como se os seus autores não quisessem deixar perder, conforme Ecléa Bosi (1994, p. 90),

[...] no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história de reproduzir-se de geração para geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.

Os textos ficcionais parecem ser meios eficientes para a demonstração de que as histórias de um mesmo evento são variadas e jamais podem ser esgotadas em pretensiosas versões definitivas. Uma vez que já não se constroem na contemporaneidade, com tanta eficácia como em épocas passadas, verdades unilaterais aceitas coletivamente por longos períodos, as “lembranças” desenroladas nos romances canudenses, muitas vezes contraditórias – se comparadas entre si –, convencionadas, verdadeiras e mentirosas como quaisquer outras, proporcionam um lugar de visita aos interessados em conhecer algumas das facetas inacabadas da Guerra de Canudos.

Devidamente documentado ou livre de preocupações científicas; ideologicamente marcado ou ironizado sob os signos da paródia; o recontar da história, mesmo que arbitrariamente convencionado nos mais diferentes formatos, parece ser uma marca indelével à passagem das gerações. As memórias da guerra configuradas nas narrativas canudenses certamente contribuem para que essa afirmação não se torne enganosa. Portanto, já que os romances históricos apresentam-se como veículos privilegiados às múltiplas (re)leituras do passado, e como base fundamental para o presente estudo, apresentaremos, a seguir, postulações teóricas acerca desta modalidade ficcional híbrida.

## 2.3 VISITAS AO PASSADO PELAS PERSPECTIVAS DO ROMANCE

Toda narrativa é, antes de tudo, uma representação. Independentemente de ser oral, escrita, ficcional ou histórica – entendamos esta última no sentido “científico” do termo – as representações de qualquer evento são arbitrarias e

articuladas de acordo com interesses particulares ou coletivos. No entanto, algumas convenções são aplicadas para conferir critérios de valor aos textos, sugerindo *status* de verossimilhança ou mesmo veracidade às narrativas e suas fontes. Os critérios diferenciadores relacionam-se com as características formais ou de produção aplicadas na construção do discurso.

Ao deparar-nos com um texto “pretensamente” histórico ou um “simplesmente” ficcional, muitas vezes aceitamos suas distinções arraigadamente marcadas e não nos damos conta de que, tanto um como o outro, obedecem a processos de produção subordinados à pluralidade da linguagem. Mignolo (1993, p. 122-3) propõe o conceito de convenção para se atribuir veracidade ou ficcionalidade aos textos. Segundo esse autor, quando todo membro de uma comunidade realiza uma ação, espera que os outros membros envolvidos reajam de modo pré-estabelecido por pertencerem a um campo de conhecimento mútuo. Quando se aceita o comprometimento do falante com o “dito”, acontece a convenção de veracidade: “[...] o enunciante espera que o seu discurso seja interpretado mediante uma relação ‘extensional’ com os objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala (por isso, o falante fica exposto ao erro)” (MIGNOLO, 1993, p. 123). Já a convenção de ficcionalidade acontece quando se admite o não comprometimento do falante com a verdade do “dito”.

Ao se estabelecer a veracidade ou a ficcionalidade das representações como uma estratégia convencionada no âmbito de uma comunidade linguística, torna-se cada vez mais complicado encontrar diferenciações e explicações convincentes para se apresentar, de maneira lógica e clara, os discursos históricos e ficcionais como construções distintas. Para Esteves e Milton (2007, p. 13):

A representação do mundo e das relações sociais já não é medida por critérios de veracidade ou de autenticidade, mas sim pelo grau de credibilidade que oferece. Desse modo, a história e a literatura trilham caminhos diversos mas convergentes, em se tratando da construção de uma identidade que, em última instância, depende do leitor, responsável pela criação dos sentidos do texto, através da decifração do discurso que maneja.

Entretanto, já foram muito mais evidentes e acirradas as discussões entre aqueles que defendiam a cientificidade histórica em detrimento da arbitrariedade/ambiguidade literária. Após muitos debates em que se tornou comum

a ideia do emprego da linguagem como uma atividade multifacetada desde sua elaboração por parte do falante/escritor até sua leitura pelo ouvinte/leitor, grande parte dos historiadores admite que seus estudos, ao contrário de serem apreendidos como verdades, devem ser interpretados. Weinhardt (2011, p. 14) escreve que

[...] a narrativa histórica se constrói sobre fatos reais, a narrativa ficcional sobre fatos imaginários, mas as duas são construções verbais. Quanto ao caráter de ambas enquanto construções verbais, não há o que questionar. Mas no caso da ficção de caráter histórico, também a distinção de conteúdo tende a se atenuar e até a desaparecer de vez, a ponto de muitas vezes o leitor comprometido com catalogações hesitar, se lhe exigem uma resposta imediata à pergunta se está lendo ficção ou história.

Em todo caso, a evidência e a aceitação da linguagem como construção histórica, social e ideologicamente marcada (BAKHTIN, 2006), não diminui a necessária importância dos estudos históricos nem pretende conferir à literatura o posto de documentadora fiel das realidades. Cada uma à sua maneira, tanto história como ficção, são capazes de sugerir quadros representativos em que os acontecimentos e as imagens nelas relatados devem ser considerados, para além da simples compilação de “fatos” ou de “histórias”, como instigadores de (re)interpretação do presente para que os equívocos do passado não se repitam. Sobre isso, as palavras de Weinhardt (2011, p. 17) são elucidativas:

Superado o momento de relações de hegemonia e vassalagem entre as áreas do conhecimento humanístico, anulando-se espaços hieráticos, os filtros culturais sendo identificados como tais, e questionando-se as cristalizações, qualquer procedimento que frature o discurso político-ideológico dominante – um viés que não endosse a visão institucionalizada –, é instrumento de transformação. Vale lembrar que a realização estética é independente de opções ideológicas do autor, embora o mesmo não se possa dizer da opinião unilateral, da crença na verdade absoluta, das generalizações esquematizadoras, da ilusão quanto à transparência do discurso. Só pelo refinamento de estratégias discursivas chega-se a arranjos perturbadores, com poder de sedução capaz de criar um sentido.

Pelo exposto, no plano da construção arbitrária tanto do texto histórico como ficcional, pode haver muito mais semelhanças do que imaginamos. Todavia, isso não quer dizer que eles assemelham-se completamente em relação aos eventos de que se ocupam. De acordo com Aínsa (2004), já estão, de certa maneira,

superadas as barreiras epistemológicas que separavam, como disciplina, história e literatura: “[...] *si no han desaparecido, por lo menos han cedido a una atenta lectura estilística del discurso historiográfico y a un rastreo de las fuentes o componentes históricos del discurso ficcional*” (AÍNSA, 2004, p. 9)<sup>19</sup>. Contudo, mesmo com o afrouxamento separativo entre uma forma e outra de se representar histórias por meio da linguagem escrita, o texto histórico não é o mesmo que o ficcional. Aquele,

*[...] depende del pasado en cuyos indicios y trazas se apoya y de los métodos propios del oficio de historiador. La forma de utilizar documentos y archivos, por un lado, y el ejercicio profesional por el otro, la diferencian epistemológicamente de la ficción literaria. La diferencia fundamental entre historia y novela no se establece tanto en función de los fines que se propone una y otra – ya que ambas hablan de ‘provecho’ y de edificación – sino por orientación del contenido* (AÍNSA, 2004, p. 51)<sup>20</sup>.

Numa direção congruente às palavras mencionadas acima, Fleck (2005, p. 30) participa dessa discussão esclarecendo-a nos seguintes termos:

Fiéis aos meios, instrumentos e normas que as regem, história e literatura consomem seus objetivos. Analisam, estudam, dissecam um material comum e, dentro das suas possibilidades, expressam resultados. Estes podem ser até bastante idênticos, mas nunca serão iguais, já que a intenção que move uma não é a mesma que impulsiona a outra. História é ciência, e literatura é arte. Sendo assim, algumas abordagens e métodos empregados no cumprimento de seus objetivos podem até ser compartilhados, mas o que as diferencia é o fim que as move.

Sugestão diferenciadora interessante, para citar apenas uma, parece ser a que o próprio Aínsa (1997) define como intenção histórica e intenção ficcional. No discurso histórico existiria uma vontade de objetividade que, utilizando-se de recursos como a narração em terceira pessoa e o tempo passado da escritura, “[...] *lleva al historiador a establecer una separación nítida entre sujeto que relata y objeto*

<sup>19</sup> Nossa tradução livre: [...] se não desapareceram, pelo menos cederam a uma atenta leitura estilística do discurso historiográfico e a um rastreamento das fontes ou componentes históricos do discurso ficcional.

<sup>20</sup> Nossa tradução livre: [...] depende do passado em cujos indícios e traços se apoiam e dos métodos próprios do ofício de historiador. A forma de utilizar documentos e arquivos, por um lado, e o exercício profissional pelo outro, a diferenciam epistemologicamente da ficção literária. A diferença fundamental entre história e romance não se estabelece tanto em função dos fins que se propõe uma e outra – já que ambas falam de ‘utilidades’ e de edificação – senão por orientação de conteúdo.

*relatado*” (AÍNSA, 1997, p. 116)<sup>21</sup>. Entretanto, reafirmando estarem os relatos historiográficos intrinsecamente ligados à convenção de veracidade, esse mesmo autor ensina que não há textos definitivos. Um mesmo passado, na sucessão de diferentes obras, é “[...] *reinterpretado y releído, desde la perspectiva de un presente siempre cambiante*” (1997, p. 117)<sup>22</sup>.

White (2001, p. 137) admite uma diferenciação entre eventos históricos e eventos ficcionais “[...] nos modos pelos quais se convencionou caracterizar suas diferenças desde Aristóteles”. Entretanto,

[...] embora os historiadores e escritores de ficção possam interessar-se por tipos diferentes de eventos, tanto as formas dos seus respectivos discursos como os seus objetivos na escrita são amiúde os mesmos. Além disso, a meu ver, pode-se mostrar que as técnicas ou estratégias de que se valem na composição dos seus discursos são substancialmente as mesmas, por diferentes que possam parecer num nível puramente superficial, ou diccional, dos seus textos (WHITE, 2001, p. 136).

Sem negar a importância dos textos históricos, mas como crítico dos que defendem a História como uma entidade superior isenta de ideologia, White (1995) defende o labor histórico como nada mais que uma estrutura verbal na forma de um “[...] discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estruturas e processos passados no interesse de explicar o que eram representando-os” (WHITE, 1995, p. 18). O teórico insiste no aspecto topológico das narrativas históricas ao afirmar que o problema do historiador é construir “[...] um protocolo lingüístico, preenchido com as dimensões léxicas, gramaticais, sintáticas e semânticas, por meio do qual irá caracterizar o campo, os elementos nele contidos, nos seus próprios termos” (WHITE, 1995, p. 45).

Neste sentido, toda obra que se pretende histórica não deixa de apresentar aspectos representacionais caracterizados pela metáfora, reducionistas pela metonímia, integrativos pela sinédoque e negacionais pela ironia assim como qualquer obra dita literária ou ficcional. Todo processo de escrita se reduz a uma seleção de dados “reais” ou não em que o autor, obrigatoriamente, direciona-os de acordo com o seu ponto de vista (ideologia) ou a sua expectativa em relação ao

<sup>21</sup> Nossa tradução livre: [...] leva ao historiador a estabelecer uma separação nítida entre sujeito que relata e objeto relatado.

<sup>22</sup> Nossa tradução livre: [...] reinterpretado e relido, desde a perspectiva de um presente sempre em transformação.

impacto que seu texto causará. Necessariamente ele estará constituído sob um ou mais trópicos conforme a teoria whiteana. Esta entende o processo de “[...] codificação dos fatos contidos na crônica em forma de componentes de ‘tipos’ específicos de estruturas de enredo [como] urdidura de enredo” (WHITE, 2001, p. 100). As proposições resultantes desta confecção do texto histórico geralmente preenchem certas exigências que são “[...] complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina; antes de poder ser declarada verdadeira ou falsa, deve encontrar-se [...] no ‘verdadeiro’”. (FOUCAULT, 2010, p. 13).

Vertentes teóricas, como a proposta por White, são críticas aos estudos que se pretendem historicamente inquestionáveis e, principalmente, diferenciáveis quanto à forma como são urdidos. Um caráter polissêmico, convencionalmente estruturado e ideologicamente determinado, é o que se percebe nas postulações de todos aqueles que veem nas obras históricas ou literárias nada mais do que construtos discursivos, mesmo que se pretendam, metodologicamente, diferentes.

As condições de produção e a linguagem verbal comum tanto à História como à Literatura as colocam num mesmo plano discursivo passível de interpretações várias e todas aceitáveis. Conforme White exemplifica, ao se referir às representações alternativas, para não dizer mutuamente exclusivas que Michelet e Tocqueville tinham a respeito da Revolução Francesa, os historiadores [escritores] partilham algumas concepções prévias com o seu público. A Revolução – ou qualquer outro acontecimento ou não acontecimento – “[...] poderia ser contada, em resposta aos imperativos que eram de um modo geral extrahistóricos, ideológicos, estéticos ou míticos” (WHITE, 2001, p. 101). Assim, as histórias nunca devem ser lidas como signos inequívocos dos acontecimentos que relatam, mas antes como “[...] estruturas simbólicas, metáforas de longo alcance, que ‘comparam’ os acontecimentos nelas expostos a alguma forma com que já estamos familiarizados em nossa cultura literária” (WHITE, 2001, p. 108).

Podemos afirmar que não existem maiores diferenças entre história e ficção além da hipótese de que “[...] o historiador ‘encontra’ suas histórias e as interpreta, ao passo que o ficcionista ‘inventa’ suas histórias a partir de outras” (JACOMEL & SILVA, 2009, p. 741). Os aspectos interpretativo e inventivo, contidos no texto histórico ou ficcional, admitem uma infinidade de propostas que podem ser respectivamente reinterpretadas ou reinventadas pelos seus leitores. Portanto,

outras demarcações fronteiriças até podem ser estipuladas entre História e Literatura; a verdade absoluta não mais. Devemos ter em conta que, para além das diferenciações metodológicas, dos objetos e objetivos dos escritos ficcionais e históricos, é “[...] a refiguração do tempo pela narrativa [...] a obra conjunta da narrativa histórica e da narrativa de ficção” (RICOEUR, 1994, p. 136).

O romance histórico é o gênero narrativo que transita claramente no limiar entre a ficção e a história. Segundo Aínsa (1997, p. 118), a intenção de seus autores, ao utilizar recursos intertextuais, a polissemia e muitas vezes a paródia, “[...] *puede ser tanto introspectiva e intimista como testimonial y realista, aunque en ambos casos la tendencia de la ficción es la de subjetivar lo histórico, recordando siempre que el hombre es además un ‘hombre real’*”<sup>23</sup>. Sem o compromisso metodológico e distanciado com a “verdade”, o romance histórico deve ser compreendido como uma modalidade artística que, na maioria das vezes, preocupa-se unicamente com a verossimilhança do enredo. Contudo, personagens, cenários e acontecimentos relatados, ao aproximarem-se de eventos de alguma forma já apresentados como fatos históricos devidamente registrados, negando-os ou não, levam-nos a encarar a proposta de um romance histórico como uma versão possível da História, senão como até melhor e mais coerente sobre determinado contexto. Somos influenciados pela habilidade e imaginação dos autores de ficção.

No intuito de expor posicionamentos fundamentais referentes ao romance histórico em algumas de suas modalidades, verificaremos aqui aspectos da contribuição teórica de autores como Márquez Rodríguez (1991), Aínsa (1988-1993-2004), Hutcheon (1991), Menton (1993), Trouche (1997), e Fleck (2007-2008-2011).

Ao lermos o romance histórico contemporâneo como uma construção “poética” que “[...] *se apoya en las sugerencias de la intertextualidad no sólo literaria, sino haciendo acopio de referentes textuales históricos, políticos o, simplemente, periodísticos*” (AÍNSA, 2004, p. 55)<sup>24</sup>, podemos depreender que tal modo de abordagem adquire cada vez mais relevância para a escritura e (re)leitura do passado. García Gual (2002), chega a admitir que muitos romances históricos são medíocres como muitos outros romances. No entanto, como conjunto,

<sup>23</sup> Nossa tradução livre: pode ser tanto introspectiva e intimista como testemunhal e realista, ainda que em ambos os casos a tendência da ficção é a de subjetivar o histórico, recordando sempre que o homem é além do mais um ‘homem real’.

<sup>24</sup> Nossa tradução livre: [...] se apoia nas sugestões da intertextualidade não só literária, senão fazendo compilação de referentes textuais históricos, políticos ou, simplesmente, jornalísticos.

[...] el género (o subgénero) cumple muy bien función de evocar escenas de un pasado de vivo colorido y de reflejos que aún dicen algo a nuestro presente. En unos tiempos como los nuestros, en general desdeñosos e ignorantes del pasado, esas ficciones aportan nuevos fantasmas al imaginario colectivo, y refuerzan con ello la memoria del pasado<sup>25</sup>. (GARCÍA GUAL, 2002, p. 10).

Desde o surgimento do romance histórico até a atualidade, identificamos pelo menos cinco vertentes desse gênero narrativo: romance histórico clássico scottiano (LUKÁCS, 1977); romance histórico tradicional (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1991); novo romance histórico (AÍNSA, 1988-1991; MENTON, 1993); metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991); romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007-2008-2011). Cada exemplar de ficção histórica pertencente a uma dessas vertentes “[...] conta uma história que já foi contada, mas a diferença no recontar está no ponto de vista do autor, que lhe dará as características da forma de expressão que utiliza” (SOUZA, 2007, p. 116).

A crítica literária aponta as obras *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819), do escocês Walter Scott, como as primeiras representantes do romance histórico. O modelo scottiano evidencia informações históricas, em conformidade com as disponíveis na historiografia oficial, como pano de fundo ao desenvolvimento narrativo protagonizado por personagens puramente fictícios. Essa estrutura romanesca desenvolvida no Romantismo apresenta-se como base para muitas obras na contemporaneidade. Estudado por Lukács (1977), o romance histórico scottiano, considerado por muitos estudiosos como clássico, tem seus principais elementos elencados por Márquez Rodríguez (1991, p. 21-2):

1.- *Una especie de gran telón de fondo, de riguroso carácter histórico, construido a base de episodios ciertamente ocurridos en un pasado más o menos lejano del presente del novelista. En tales episodios se percibe la presencia de figuras históricas muy conocidas, que aparecen con sus propios nombres, y actúan conforme a su tiempo y a sus rasgos psicológicos y en episodios reales de su vida.*

2.- *Sobre ese telón de fondo, el novelista sitúa una anécdota ficticia, es decir, inventada por él, con episodios y personajes que no existieron en la realidad, pero cuyo carácter y significación son tales,*

---

<sup>25</sup> Nossa tradução livre: [...] o gênero (ou subgênero) cumpre muito bem sua função de evocar cenas de um passado de vivo colorido e de reflexos que ainda dizem algo ao nosso presente. Em uns tempos como os nossos, em geral desdeñosos e ignorantes do passado, essas ficções aportam novos fantasmas ao imaginário coletivo, e reforçam com isso a memória do passado.

que bien pudieron haber existido, pues encajan a la perfección dentro del contexto histórico de fondo, y no resultan extraños a los valores y demás elementos morales e ideológicos que forman la atmósfera, por supuesto histórica, que envuelve a los hechos narrados.

3.- Por regla general, las novelas de Scott, y todas las que han seguido sus lineamientos, presentan – por lo común, pero no necesariamente, dentro de la anécdota ficticia – un episodio amoroso, casi siempre desgraciado al correr de la novela, cuyo desenlace muchas veces puede ser feliz [...], pero de igual modo puede ser trágico.

4.- La anécdota ficticia constituye el primer plano de la narración, y en ella se enfoca la atención central del novelista y del lector. El contexto histórico real es sólo eso, contexto, telón de fondo como arriba se dice. Sin embargo, esto no quiere decir que tal trasfondo histórico sea de importancia secundaria, puesto que en él están los elementos primordiales que configuran la atmósfera moral del relato.<sup>26</sup> (grifos do autor).

Numa estreita proximidade temporal em relação ao romance *Ivanhoé* (1819) e exatamente no mesmo ano de *Cinq Mars* (1826), de Alfred Vigny, publica-se o primeiro romance histórico latino-americano: *Xicoténcatl*, de autor anônimo. Sobre este último e o romance de Vigny, Fleck (2007, p. 151) escreve que ambos

[...] apresentam uma estrutura que destoa do modelo scottiano. Em *Xicoténcatl* o núcleo central também se assenta em personagens e episódios históricos reais e traz as figuras de Hernán Cortés e Malinche como protagonistas. Reconta a história do encontro de dois mundos, na qual se exaltam os tlaxcaltecas e os espanhóis são severamente denunciados, tema que seguirá repetindo-se largamente no romance latino-americano.

---

<sup>26</sup> Nossa tradução livre: 1.- Uma espécie de grande *telão de fundo*, de rigoroso caráter histórico, construído a base de episódios certamente ocorridos num passado mais ou menos distante do *presente* do romancista. Em tais episódios se percebe a presença de figuras históricas muito conhecidas, que aparecem com seus próprios nomes, e atuam conforme seu tempo e suas características psicológicas e em episódios reais de sua vida.

2.- Sobre esse *telão de fundo*, o romancista situa uma *história fictícia*, ou seja, inventada por ele, com episódios e personagens que não existiram na realidade, mas cujo caráter e significação são tais, que bem poderiam ter existido, pois encaixam perfeitamente dentro do contexto histórico de fundo, e não resultam estranhos aos valores e demais elementos morais e ideológicos que formam a atmosfera, logicamente histórica, que envolve os fatos narrados.

3.- Por regra geral, os romances de Scott, e todos os que seguirem sua linha, apresentam – em comum, mas não necessariamente, dentro da *história fictícia* – um *episódio amoroso*, quase sempre desventurado ao longo do romance, cujo desenlace muitas vezes pode ser feliz [...], mas de igual modo pode ser trágico.

4.- A *história fictícia* constitui o primeiro plano da narração, e nela se enfoca a atenção central do romancista e do leitor. O *contexto histórico real* é só esse, contexto, *telão de fundo* como acima se disse. Entretanto, isso não quer dizer que o pano de fundo histórico seja de importância secundária, posto que nele estão os elementos primordiais que configuram a atmosfera moral do relato.

Ao subjetivar o material histórico por uma perspectiva individualizada, essa modalidade rompe a distância épica e, além disso, promove a participação de personagens históricas como figuras centrais da construção romanesca. Desse modo, narrativas híbridas nesse molde divergem do modelo clássico elaborado por Scott.

Para uma sistematização, o modelo elaborado por Scott é designado como romance histórico clássico por, principalmente, não “tocar” na História, deixando-a temporalmente distante, além de ater-se num enredo ficcional protagonizado por personagens puramente ficcionais. Já os romances que subjetivam o tempo histórico, trazendo o evento histórico recriado na ficção para o primeiro plano da narrativa, além de apresentarem personagens históricas nos papéis centrais, como é o caso de *Xicoténcatl* e de tantos outros publicados nestes moldes na contemporaneidade, podem ser considerados romances históricos tradicionais. Somente a partir da segunda metade do século XX surgem, na América Latina, novas formas de se representar a história ficcionalmente.

Dentre essas novidades, outra vertente de romance histórico é sugerida pelos teóricos Aínsa (1991), e Menton (1993). Conforme Aínsa (1991, p. 83-5), as características do novo romance histórico podem ser entendidas, de modo resumido como: releitura da história pela ficção, objetivando dar um sentido e uma coerência à atualidade desde uma visão crítica do passado; impugnação ao discurso legitimador instaurado pelas versões oficiais da história; multiplicidade de perspectivas a qual impossibilita o acesso a uma só verdade histórica; abolição do distanciamento épico; ironia e paródia, às vezes irreverência, ao reescrever histórias conhecidas, sempre com pitadas hiperbólicas e grotescas, jogando com a criação linguística do anacronismo e do pastiche, dinamitando crenças e valores estabelecidos; superposição de tempos históricos diferentes; uso de documentação como respaldo à historicidade textual; variedade de modalidades expressivas; releitura distanciada, “pesadelesca” ou anacrônica da história, refletida numa escrita paródica; manejo da linguagem como ferramenta fundamental.

Segundo Menton (1993), as obras características do novo romance histórico apresentam, pelo menos, seis peculiaridades diferenciadoras do romance histórico tradicional. São elas:

*1. La subordinación, en distintos grados, de la reproducción mimética de cierto período histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas, difundidas en los cuentos de Borges y aplicables a todos los periodos del pasado, del presente y del futuro. [...] las ideas que se destacan son la imposibilidad de conocer la verdad histórica o la realidad; el carácter cíclico de la historia y, paradójicamente, el carácter imprevisible de ésta, o sea que los sucesos más inesperados y más asombrosos pueden ocurrir. 2. La distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos. 3. La ficcionalización de personajes históricos [...]. 4. La metaficción o los comentarios del narrador sobre el proceso de creación [...]. 5. La intertextualidad [...]. 6. Los conceptos bajtianos de lo diálogo, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia. De acuerdo con la idea borgeana de que la realidad y la verdad históricas son inconocibles, varias de las NNH proyectan visiones dialógicas al estilo de Dostoievski (tal como lo interpreta Bajtín), es decir, que proyectan dos interpretaciones o más de los sucesos, los personajes y la visión del mundo (MENTON, 1993, p. 42-4)<sup>27</sup>.*

Como é possível notar, as obras que seguem as características indicadas por Aínsa ou Menton não se preocupam em seguir fielmente as informações divulgadas pela História considerada oficial – entendamos pelos textos que se propõem verdadeiros e inequívocos. Ao ficcionalizar personagens e situações históricas, o novo romance histórico os apresenta de acordo com as concepções e a liberdade criativa de cada autor. Assim, não podemos estranhar ao lermos uma obra com tais aspectos, a presença de personalidades e “fatos” históricos apresentados de forma completamente insólita, diametralmente oposta às configurações que se tem deles no senso comum.

As narrativas consideradas metaficções historiográficas, de acordo com Hutcheon, têm como principal contribuição problematizar a representatividade escrita dos eventos, evidenciando os aspectos convencionais e arbitrários dos postulados históricos. Assim, “[...] a metaficção historiográfica procura

---

<sup>27</sup> A subordinação, em distintos níveis, da reprodução mimética de certo período histórico à apresentação de algumas ideias filosóficas, difundidas nos contos de Borges e aplicáveis a todos os períodos do passado, do presente e do futuro. [...] as ideias que se destacam são a impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade; o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o caráter imprevisível desta, ou seja, que os acontecimentos mais inesperados e mais assombrosos podem ocorrer. 2. A distorção consciente da história mediante omissões, exagerações e anacronismos. 3. A ficcionalização de personagens históricos [...]. 4. A metaficção ou os comentários do narrador sobre o processo de criação [...]. 5. A intertextualidade [...]. 6. Os conceitos bakhtinianos do diálogo, o carnavalesco, a paródia e a heteroglossia. De acordo com a ideia borgeana de que a realidade e a verdade históricas são inconcebíveis, vários dos NRH projetam visões dialógicas ao estilo de Dostoievski (tal como o interpreta Bakhtin), ou seja, que projetam duas interpretações ou mais dos acontecimentos, dos personagens e da visão do mundo.

desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos como formais” (HUTCHEON, 1991, p. 145). Para um entendimento mais abrangente das características dessa modalidade romanesca, incluindo sua importante repercussão na literatura latino-americana – não mencionada por Hutcheon (1991) – é interessante recorrer ao estudo assinado pelos pesquisadores Würmli e Fleck (2011, p. 83-99). Além de esclarecimentos pontuais e a apresentação de duas classificações recentes de romances entendidos, segundo Fleck (2007; 2008), como, primeiro, “apenas ‘metaficção historiográfica’” e, segundo, “metaficção historiográfica plena”, os autores lembram que “[...] a metaficção historiográfica encontrou nas Américas um dos nichos de produção e aceitação mais profícuos e observam-se produções cujo teor estético-estrutural é calcado no experimentalismo, por vezes extremo [...]” (WÜRMLI & FLECK, 2011, p. 85-6).

Ao indicar uma linha de romances que não segue totalmente aquilo que poderia ser entendido como uma crítica “radical” em relação à escrita histórica tradicional – metaficção historiográfica e o novo romance histórico – mas que não é, também, totalmente dependente das informações históricas ditas oficiais, vem à tona o que podemos chamar de uma nova categoria. Esta, denominada romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2008). Em linhas gerais, as principais características dessa vertente são: a construção da verossimilhança, em grande medida abandonada pelas narrativas do novo romance histórico hispano-americano, para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos narrados no romance; a linearidade cronológica dos eventos recriados, fixando-se neles, sem deixar de manipular o tempo da narrativa; privilegiar visões periféricas em relação aos grandes eventos e personagens históricos, como o fazem muitos novos romances históricos e metaficções historiográficas; linguagem amena e fluída em oposição ao barroquismo e o experimentalismo linguístico dos novos romances históricos; utilização de recursos como a paródia e a intertextualidade assim como de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, sem que estes se constituam no sentido global do texto (FLECK, 2008, p. 112-4). No romance histórico contemporâneo de mediação, percebemos um “intento de conciliação” entre os romances históricos ditos tradicionais e as modalidades tidas como novos romances históricos e também os metaficcionais.

Numa abordagem que abarcaria, sem exclusão, obras que se enquadrariam a uma ou mais das modalidades de romances históricos apresentadas acima, Trouche (2006, p. 44) escreve o seguinte:

[...] o composto 'narrativas de extração histórica', entendido, conceitualmente, como o conjunto de narrativas que encetam o diálogo com a história, como forma de produção de saber e como intervenção transgressora, se nos afigura como mais adequado que aqueles, cunhados através dos tempos.

Delineados de acordo com uma ou mais das características romanescas expostas aqui, os romances canudenses apresentam-se, seguramente, como narrativas de extração histórica, se relacionados com o argumento proposto por Trouche. Contudo, a leitura destes romances dedicados à reconfiguração de uma temática em comum – a Guerra de Canudos –, devido a suas múltiplas abordagens, aproximará seus enredos a direcionamentos específicos. Nessa direção, o próximo capítulo tem por finalidade expor particularidades dessas narrativas, a fim de estabelecer um percurso evolutivo que permita relacioná-las às modalidades de romances históricos expostas aqui.

### 3 NARRATIVAS CANUDENSES

Sob um modelo de expressão europeu, entretanto, com inspiração baseada em conteúdos muitas vezes diametralmente opostos aos encontrados no velho continente, as produções literárias latino-americanas, durante muito tempo, apresentaram-se entre duas vertentes inevitavelmente entrelaçadas e, ao mesmo tempo, com umas das bases negadas. O estereótipo de inferioridade recaía sobre todo aspecto que não respeitava o estabelecido pelos grandes teóricos, a maioria, senão todos, europeizados, excludentes, puristas, “superiores”. Logo, os latino-americanos e toda a sua arte não passavam, respectivamente, de seres e de manifestações de “segunda linha”. Daí a preocupação de muitos intelectuais em assemelhar-se, na vida e na arte, aos modelos externos e ignorarem, com ilusória convicção, sua condição híbrida. Para esclarecer a opção de se utilizar aqui termos como híbrido, hibridismo ou hibridização, é importante mencionar o que Bernd (1998, p. 17) expõe:

Considera-se híbrida a composição de dois elementos diversos anormalmente reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas. [...] A pós-modernidade, ao trazer à tona o conceito de híbrido, enfatiza acima de tudo o respeito à alteridade e a valorização do diverso. Híbrido, ao destacar a necessidade de pensar a identidade como processo de construção e desconstrução, estaria subvertendo os paradigmas homogêneos da modernidade, inserindo-se na movência da pós-modernidade e associando-se ao múltiplo e ao heterogêneo.

Uma postura hegemônica dos conceitos sobre as artes produzidas em alguns países da Europa Ocidental e, a partir de sua evidência mundial, nos Estados Unidos da América, prevaleceu até meados do século XX em detrimento das expressões oriundas do chamado terceiro mundo. Entretanto, em se tratando da arte literária, vem ocorrendo desde os anos de 1970 consideráveis transformações, “[...] que poderíamos sintetizar, sem riscos de reducionismo, na passagem de um discurso coeso e unívoco, com forte propensão universalizante, para outro plural e descentrado” (COUTINHO, 2003, p. 31).

Estava fora de cogitação, como bem lembra Silviano Santiago em *Uma literatura nos trópicos* (2000), permitir o bilinguismo, o pluralismo religioso, logo, toda manifestação literária não condizente com os padrões canônicos, numa situação em

que o objetivo era a imposição do poder colonial. Para o autor, “[...] na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua” (SANTIAGO, 2000, p. 14).

Todavia, sob a influência de correntes teóricas surgidas no século XX – como o Desconstrucionismo, a Nova História, os Estudos Culturais e os Pós-Coloniais –, abordagens antes silenciadas pelos discursos totalizadores e centralizadores do Primeiro Mundo puderam vir à tona. A elas deve-se a grande contribuição para o constante e interminável processo de (re)configuração e (re)interpretação das muitas identidades da América Latina. Esta última deve ser encarada, conforme Coutinho (2003, p. 42), como

[...] uma construção múltipla, plural, móvel e variada, e, por conseguinte, altamente problemática, criada para designar um conjunto de nações, ou melhor, povos, que apresentam entre si diferenças em todos os aspectos de sua conformação – étnicos, culturais, sociais, econômicos, políticos, históricos e geográficos –, mas que ao mesmo tempo apresentam semelhanças significativas em todos esses mesmos traços, sobretudo quando se os compara com os de outros povos.

Pensar nas línguas, nas religiões, nas artes, entre outras áreas que instituíram a América Latina na civilização ocidental é o mesmo que pensar no “[...] movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo” (SANTIAGO, 2000, p. 16). Por isso, em relação às contribuições externas e internas, “superiores” e “inferiores”, institucionalizadas e marginalizadas que se encontraram e se transformaram na América Latina de maneira indissolúvel, configuraram-se modos de expressão que já não são nem completamente estrangeiros, nem puramente locais. O discurso latino-americano encontra-se num “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000, p. 9-26). Nessa direção, sobre o problema literário, Santiago (2000, p. 26) afirma o seguinte:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.

Da mesma forma que no exemplo exposto acima, parece não haver desatino em afirmar que as identidades e o cotidiano da América Latina, a mais de cinco séculos, mesmo que não oficialmente considerados, encontram-se num entre-lugar. Portanto, mais do que trocar uma fórmula por outra, o que vem acontecendo, principalmente de quatro ou cinco décadas para cá, são quebras de barreiras. O que era antes tratado como insignificante, por não figurar na convencionada estrutura oficial, não pretende tomar o lugar dessa última, o que seria uma continuação do modelo com os papéis invertidos. Pelo contrário, a pluralidade cultural e discursiva do latino-americano exige ser encarada como elemento passível de análise, com aspectos positivos ou negativos – o que é sempre relativo –, igual a qualquer outro. Lembremo-nos, nesse sentido, da afirmação de Zea (1999, p. 9):

*Nosotros los latinoamericanos tenemos un origen común y una identidad racial y cultural igualmente común que implica la asunción de todas las expresiones de lo humano. Es esta diversidad de razas y culturas integradas la que nos identifica, la que está poniendo en crisis el mundo occidental*<sup>28</sup>.

Esta diversidade latino-americana, elemento fundamental na configuração do continente, como não poderia deixar de ser, está em grande medida presente na sua igualmente diversa expressão literária. Nessa direção, entendemos como correto afirmar que uma pequena porção dessa literatura está representada pelas narrativas aqui denominadas canudenses. Estas, em diferentes perspectivas, dialogam com a proposta de muitos clássicos romanescos a partir do “[...] caráter revolucionário de suas aspirações que os torna impopulares” (LUKÁCS, 1999, p. 109) para os contextos cuja dominação está respaldada por discursos e interesses de poder. Portanto, devemos considerar que essa escrita, assim como a sua leitura<sup>29</sup>

[...] não é um processo tranquilo nem pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são um local de conflito, que cabe aos estudos

<sup>28</sup> Nossa tradução livre: Nós os latino-americanos temos uma origem comum e uma identidade racial e cultural igualmente comum que implica o amálgama de todas as expressões do humano. É esta diversidade de raças e culturas integradas a que nos identifica, a que está pondo em crise o mundo ocidental.

<sup>29</sup> Reporte-se aqui sempre às atuais orientações dos estudos comparados os quais interrogam “[...] os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística” (CARVALHAL, 2006, p. 74).

comparados investigar numa perspectiva sistemática de leitura intertextual. (CARVALHAL, 2006, p. 53).

Na exposição das narrativas elencadas na sequência deste capítulo, objetivamos chamar a atenção para a diversidade de perspectivas sugeridas sob a temática comum da Guerra de Canudos. Buscaremos apresentá-las ao focalizar aspectos ilustrativos da variada gama de abordagens possibilitadas pelos textos em diálogo entre a ficção e a história. Antes dos romances, verificaremos partes do conteúdo d’*Os sertões*, obra multifacetada, difícil de ser enquadrada num gênero específico. Isso se explica porque Euclides da Cunha utilizou seus conhecimentos em variadas áreas do saber para elaborar sua narrativa. Conforme Galvão (1994, p. 624-5):

[...] o livro aparece como uma formidável enciclopédia onde teorias sobre as causas das secas que assolam o Nordeste ombreiam com interpretações psicocriminais da instabilidade nervosa dos mestiços, e a crítica às táticas desenvolvidas pelo exército, com análises de preceitos religiosos.

Em seguida, abordaremos, de forma breve e sintética, alguns textos escolhidos entre os já citados romances que configuram as narrativas canudenses: *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos; *João Abade* (1959), de João Felício dos Santos; *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga; *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes; *Verdicto em Canudos* (2002), de Sándor Márai; e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez.

### 3.1 O SERTÃO N’ OS SERTÕES

Mesmo ao acreditar que “[...] o sertão não tem saída por conta da irreversibilidade do progresso anunciado com pompa pela República e apoia-se na ciência da época para demonstrar isso” (REGO, 2008, p. 14), Euclides da Cunha dedica apenas duas páginas d’*Os sertões* para apresentação sistemática das teorias raciais que o levaram a caracterizar os sertanejos como uma subcategoria. Deste

modo, antes de iniciar o capítulo em que escreve a famosa sentença a qual considera a força do homem sertanejo, Cunha (1987, p. 79-80) propõe o seguinte:

Deixemos, porém, este divagar pouco atraente. Prossigamos considerando diretamente a figura original dos nossos patrícios retardatários. Isto sem método, despreziosamente, evitando os garbosos neologismos etnológicos. Faltaram-nos, do mesmo passo, tempo e competência para nos enredarmos em fantasias psíquico-geométricas, que hoje se exageram num quase materialismo filosófico, medindo o ângulo facial, ou traçando a *norma verticalis* dos jagunços. Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. Sejam simples copistas. Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias, que tivemos quando, de repente, acompanhando a celeridade de uma marcha militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão – abandonados – há três séculos.

Assim, neste método proposto por Euclides da Cunha para a continuidade de sua exposição, num processo de cópia simplificada para melhor compreensão daquele mundo novo se relacionado ao ponto de vista da intelectualidade pertencente ao litoral, a “hoste de fanáticos”, então, passa a ser delineada como fortes: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1987, p. 81). Antônio Conselheiro, “[...] um caso notável de degenerescência intelectual” (CUNHA, 1987, p. 103) influenciado pelo meio em que estava inserido, é favorecido por uma justificativa reparadora: ele tinha “[...] uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação. Satisfez-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além” (CUNHA, 1987, p. 104).

Deste modo, ultrapassando a dicotomia litoral *versus* sertão, Cunha busca compreender e apresentar um contexto ainda completamente desconhecido ao Brasil oficial. Viu em Antônio Conselheiro um místico doente que reunia todos os erros e as superstições da nossa nacionalidade. Arrastava o povo sertanejo, mas não o dominava. Pelo contrário, era dominado. Assim, favorecido pelo meio, o Conselheiro realizava “[...] o absurdo de ser útil. Obedecia a finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais; e julgando por ela espalhava em todos os atos a placabilidade de um evangelista incomparável” (CUNHA, 1987, p. 119).

Os *sertões* indica uma hesitação “[...] ora em prol, ora contra as partes da luta” (REGO, 2008, p. 14), fato que estabelece uma mudança de postura de Euclides

da Cunha em relação a seu texto anterior intitulado “A nossa Vendaia”<sup>30</sup>; no qual o autor se mostra favorável ao discurso do exército republicano em detrimento das posturas dos sertanejos que se aglomeravam no interior da Bahia.

Devido, talvez, à oportunidade de conhecer *in loco* o cenário da guerra e as peculiaridades de uma terra e de homens adaptados àquela maneira singular de vida, se comparada ao cotidiano do litoral, Euclides concluiria, numa visão reavaliada, que “[...] eram, realmente, frágeis aqueles pobres rebelados. Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta. Entretanto, enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala” (CUNHA, 1987, p. 140). Uma sensível mudança de perspectiva deste autor em relação aos sertanejos está, pois, evidenciada.

Em grande medida surpreso, após deparar-se com um mundo regido por organizações próprias e desconhecido para quase toda a população das outras regiões do Brasil, o homem que viajou à Bahia sob convicções seguras e fortemente embasadas por numerosa bibliografia, revelaria, num livro fundamental, particularidades de uma terra e de uma gente que o devem ter deixado, no mínimo, perplexo. A guerra, apesar de ocupar grande parte da obra, revela muito mais do que as táticas que levariam o conflito bélico ao desfecho final e ao conhecimento lógico de vencidos e vencedores. Outras questões, mais interessantes, seriam suscitadas em seus escritos:

[...] pouco nos avantajáramos aos rudes patrícios retardatários. Estes, ao menos, eram lógicos. [...] Entre nós, de um modo geral, despertou rancores. Não vimos o traço superior do acontecimento. Aquele afloramento originalíssimo do passado, patenteando todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmos-las, corrigirmos-las ou anularmos-las. Não entendemos a lição eloqüente. [...] Na primeira cidade da República, os patriotas satisfizeram-se como o auto-de-fé de alguns jornais adversos, e o governo começou a agir. Agir era isto – agremiar batalhões (CUNHA, 1987, p. 247-8).

Como podemos notar, conflitos para além da Guerra de Canudos – entendamos no sentido bélico – deveriam ser levados em conta conforme a

---

<sup>30</sup> Após a publicação deste artigo, “[...] em *O Estado de S. Paulo*, Euclides é imediatamente contratado por aquele jornal para fazer a cobertura da guerra como enviado especial. Viaja para Canudos em companhia do ministro da Guerra, marechal Macedo Bittencourt, comissionado como seu adido. Dessa missão resultou a publicação de uma série de reportagens sobre a guerra (só muitos anos após a sua morte recolhidos em livro), que seriam o embrião de *Os sertões*”. (GALVÃO, 1994, p. 623).

percepção de Euclides da Cunha. Talvez por isso sua preocupação em demonstrar, o mais detalhadamente possível, o quadro de uma realidade que provavelmente não lhe seria apresentada se não houvesse a guerra. *A Terra, O homem e A luta*, capítulos que compõem *Os sertões*, traduzem a visão particular de um homem que, mesmo sob as amarras de fortes influências científicas como as correntes no século XIX, soube compreender que esteve diante de um complexo único e até então desconhecido, quase completamente, pelas outras unidades que compunham o Brasil da época.

Portanto, entendemos como possível afirmar que *Os sertões* representam o resultado de um primeiro encontro, carregado de surpresas devido ao anterior desconhecimento entre as partes, no qual o civilizado, “superior” homem das letras, passa a conhecer uma realidade cultural até então ignorada para os “patrícios” do litoral. O impacto que a visita *in loco* ao sertão nordestino representou para Euclides da Cunha – acostumado a uma realidade do Brasil cuja oficialidade foi se desenvolvendo sob ideais europeus e norte-americanos –, traduzir-se-ia em seus escritos, como não poderia deixar de ser, sob formas carregados de contradições.

Contudo, o conhecimento teórico deste autor, somado à sua aguda capacidade de perceber que no sertão do nordeste brasileiro havia uma conjuntura diferenciada em relação a qualquer modelo pré-estabelecido, fez com que *Os sertões* se tornasse algo como o início de um contato entre dois “Brasis” que até hoje ainda não se entenderam de modo satisfatório.

Os conflitos bélicos e ideológicos presentes nas escritas de Euclides da Cunha suscitariam, para os leitores/escritores da posteridade, necessidades de reinterpretar as contradições da guerra. Essas leituras têm como parte representativa as publicações de romances históricos aqui expostos sob a designação de narrativas canudenses. Deste modo, na sequência, serão apresentadas leituras sucintas de alguns desses textos.

### 3.2 MÚLTIPLAS RELEITURAS: CANUDOS RECRIADA PELA FICÇÃO

No Brasil, durante o século XIX, o escritor que melhor se enveredou na escrita de romances de extração histórica, foi José de Alencar. Nas obras –

publicadas em dois volumes – *As minas de prata* (1865-6) e *Guerra dos mascates* (1871-3), por exemplo, há a proeminência de elementos históricos conjugados com outros ficcionais. Estes romances aproximam-se das características do que expomos como sendo romances históricos tradicionais. Acmeno Bastos, no artigo *O romance histórico no Romantismo brasileiro (além de Alencar)*<sup>31</sup>, faz um levantamento a respeito de outros autores românticos que no Brasil praticaram a escrita de romances históricos. Entretanto, já nas linhas iniciais de seu texto, lemos o seguinte:

Apesar da indiscutível proeminência de José de Alencar, outros autores do Romantismo brasileiro também praticaram o romance histórico. Não tanto quanto seria de esperar-se, levando-se em conta ter sido o romance histórico uma das tendências do período e haver coincidido com o próprio surgimento da ficção em prosa no Brasil, na primeira metade do século XIX. Na verdade, a corrente leva nítida desvantagem quando confrontada com outras, tais como o romance urbano, ou o romance regionalista, ou o romance indianista, tanto em termos quantitativos quanto, sobretudo, em termos qualitativos.

Contudo, é quando já se encontravam em grande medida ultrapassadas as produções ficcionais fundamentadas nos pressupostos românticos e já estavam amplamente difundidos na América Latina os romances Realistas e os Naturalistas – além das teorias científicas em voga no continente europeu desde a primeira parte do século XIX – que Afonso Arinos, sob o pseudônimo de Olívio de Barros, publica o romance *Os jagunços* (1898). Este conjuga elementos ficcionais com a apresentação dos recentes eventos relacionados à Guerra de Canudos (1896-7).

Esta narrativa, escrita sob encomenda do jornal *O Comércio de São Paulo* no qual Arinos era editor desde o final de 1896, teve uma tiragem muito pequena, sendo reeditada somente em 1969, na *Obra Completa* de Afonso Arinos. Ao mencionar o período da primeira edição de *Os jagunços*, Gaburo (2009, p. 13) escreve que o jornal *O Comércio de São Paulo* “[...] teve um papel importante na virada do século XIX para o XX por ter uma posição clara a favor da Monarquia e contrária à recém-criada República, posição compartilhada por Arinos já antes de assumir a editoria do jornal”. Assim, elegidas algumas narrativas canudenses para figurarem nesta parte do trabalho, *Os jagunços* será o primeiro romance abordado

---

<sup>31</sup> Este artigo está disponível na página do autor na internet: [www.acmeno.com](http://www.acmeno.com). Acesso em 09/05/2012.

devido à proximidade temporal de sua escrita com relação ao evento histórico da Guerra de Canudos que nele se aborda.

Na sequência, serão apresentados, em linhas gerais, alguns aspectos importantes do romance histórico *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos. Esta narrativa, considerando-se o posicionamento de Carpeaux (1958), pode ser apontada como um divisor de águas entre as antecedentes leituras positivistas, “oficiais” em relação à temática canudense, e uma história sob a perspectiva dos vencidos. *João Abade* é uma ficção representativa de uma “história vista de baixo” (SHARPE, 1992), uma visão crítica sobre Canudos que seria também desenvolvida em romances posteriores.

Com a apresentação do romance histórico intitulado *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga, será apontada aqui uma breve discussão referente às características principais de narrativas construídas sob o signo do real maravilhoso, do realismo mágico ou do elemento fantástico. Assim, verificaremos que o romance de Veiga segue as linhas desse último ao propor uma leitura alternativa sobre Antônio Conselheiro, apresentando-o por meio de uma configuração em grande medida modificada em comparação à ideia que dele fazem muitos escritores.

Outro romance a ser comentado é *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes. Escrita em primeira pessoa, essa narrativa representa a versão histórico-ficcional do frei que esteve em Canudos, em 1895, com a missão de dissuadir os sertanejos sobre a aglomeração que se formava naquela localidade. O insucesso de seu empreendimento culminou na elaboração de um relatório que, na opinião de alguns estudiosos, pode ter ajudado para a formação do conceito negativo que o Estado e a Igreja sustentariam sobre aquela gente. Nas memórias propostas nesse romance de Marcondes, o frei é representado como um velho à beira da morte refletindo, entre outras coisas, sobre as causas e as consequências da sua missão mal sucedida.

Em *Verdicto em Canudos* (2002), do escritor húngaro Sándor Márai, o que pretendemos verificar é a versão de um autor estrangeiro, anterior a de Vargas Llosa. Este romance pode ser considerado como uma das primeiras provas relativas à influência exercida pela monumental narrativa d'*Os sertões* sobre leitores de outras nacionalidades. Foi a partir da leitura da tradução inglesa do texto euclidiano

que Márai resolveu contribuir, também, com sua interpretação da Guerra de Canudos.

O último romance a ser apresentado neste subcapítulo é *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez. Considerado um “jogo de armar” (NETO, 2008), esta narrativa é o resultado de uma espécie de colagem dos mais variados gêneros textuais. Figuram desde os convencionais elementos da prosa, até a reprodução das imagens de pinturas, esculturas e capas de livro. Grande parte do romance, entretanto, compõe-se da representação de cartas escritas, principalmente, pela personagem Branca, menina rica que estudou na Europa, amiga da personagem Morena, que conviveu entre os conselheiristas.

Posto isso, seguimos com a exposição das narrativas canudenses indicadas.

### 3.2.1 NARRATIVAS CANUDENSES: UMA BREVE TRAJETÓRIA

Neste momento do presente estudo, apontamos narrativas canudenses que, de certa maneira, dialogam com a evolução dos romances históricos desde os modelos mais clássicos e tradicionais até a contemporaneidade. Assim, um romance que se aproxima do modelo tradicional é *Os jagunços* (1898); dos que apresentam características do novo romance histórico, temos *João Abade* (1958) e *A casca da serpente* (1989); e dos que podem ser lidos como romances históricos contemporâneos de mediação, mencionamos *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), *Veredicto em Canudos* (2002) e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006).

Essa seleção de romances feita entre o universo das narrativas canudenses tem como propósito evidenciar que a temática da Guerra de Canudos sempre esteve presente nas diferentes modalidades de textos híbridos de história e ficção, já que tal episódio histórico não foi, de fato, configurado em suas diferentes perspectivas no discurso histórico. Nesse sentido, a ficção, como leitora privilegiada do passado, pode contribuir para uma melhor compreensão dos eventos relacionados aos conflitos canudenses pelas múltiplas perspectivas que oferece e

pelas diferentes modalidades nas quais o romance histórico vem se constituindo ao longo dos tempos.

O romance *Os jagunços* (1898) aparece entre a expressiva quantidade de artigos publicados no “calor da hora” (GALVÃO, 1994), focalizando a temática da Guerra de Canudos. Para Thomas Beebee (2007, p. 3), como mencionado na introdução deste trabalho, o romance de Arinos está entre os primeiros ‘factions’ referentes aos conflitos de Canudos. No período da publicação dessa narrativa configuram-se mudanças de perspectivas e novas posturas dentro da produção intelectual brasileira. Conforme comenta Gaburo (2009, p. 24):

O fim da Guerra do Paraguai (1864-1870) encerra o período áureo do romantismo e retoma uma agitação em torno da assimilação da consciência de liberdade e independência. A Proclamação da República, a questão religiosa em Recife e o fim da escravidão também concorreram para a construção de uma nova literatura, mais realista, que revelava uma paisagem menos romântica e mais atroz, ao mesmo tempo em que se acentuam as discussões sobre identidade nacional, literatura nacional e nação. Essas tendências que seguirão os intelectuais da literatura regionalista.

Dentre esses acontecimentos que contribuíram para novas abordagens na produção da intelectualidade brasileira, podemos afirmar que a Guerra de Canudos também merece seu papel de destaque. A figura de Antônio Conselheiro, juntamente com seus seguidores que se aglomeraram na fazenda abandonada de Canudos no ano de 1893, causou o descontentamento de grandes proprietários de terra do sertão nordestino, da Igreja Católica e dos representantes políticos da recente e ainda cambaleante República.

Assim, após o primeiro conflito entre pouco mais de uma centena de representantes da força policial e os conselheiristas em Uauá, no final de 1896, e um segundo confronto destes com uma tropa sob o comando do major Febrônio de Brito, outros dois ataques ao arraial de Belo Monte foram organizados a fim de destruir aquela organização de sertanejos “fanáticos”. O primeiro deles não logrou êxito, recuando após a morte do seu comandante, o coronel Moreira César. Porém, as insistentes investidas da quarta e última expedição – sob o comando do general Arthur Oscar –, em aproximadamente quatro meses de muitas dificuldades em virtude da falta de recursos médicos e alimentícios, derrotariam os quatro últimos defensores do arraial, no dia 5 de outubro de 1897.

As especulações em torno desse conflito entre as forças armadas republicanas e os até então desconhecidos sertanejos repercutiram amplamente nos jornais brasileiros. Era quase nulo o conhecimento que o “litoral letrado” do Brasil detinha sobre a composição geográfica e demográfica do sertão. Assim, muitas acusações infundadas – como a que pretendia relacionar os seguidores de Antônio Conselheiro como fanáticos restauradores da Monarquia – foram amplamente divulgadas.

A configuração daquela gente que permanecia à margem da história do Brasil há quase quatrocentos anos só viria a ser apresentada ao grande público, porém não satisfatoriamente compreendida, com o surgimento d’*Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Essa obra foi bastante lida e discutida naquele período e ainda segue como motivo das mais variadas interpretações na atualidade, ao contrário dos pouquíssimos estudos que foram dedicados ao romance *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos que, se comparado a’*Os sertões*, segundo Walnice Nogueira Galvão (apud WEINHARDT, 1990, p. 49), Arinos e Cunha mostram

[...] pontos de aproximação (são contemporâneos, ambos moram em São Paulo) e de distanciamento (pertencem a extração social diversa, freqüentam círculos intelectuais diferenciados, têm opções políticas antagônicas), detendo-se no confronto entre as obras, para concluir, sobretudo com base na recorrência de imagens, ser provável que Euclides tenha lido e mesmo utilizado o romance de Arinos como fonte ou ambos ‘se serviram de uma outra fonte que deixou nas obras de ambos uma mesma e inconfundível marca’.

Uma das prováveis causas para a fraca repercussão do romance de Arinos e, conseqüentemente, às poucas análises dessa obra, deve-se ao longo período que ela permaneceu indisponível até sua segunda edição. Fatores como a abordagem da temática, a linguagem empregada, o desenvolvimento da narrativa, etc., também podem ser analisados no intuito de fundamentar especulações.

O romance *Os jagunços*, antes de sua publicação em livro, aparece em folhetins diários no jornal *O Comércio de São Paulo* em outubro/novembro de 1897, isto é, praticamente ao mesmo tempo do término da Guerra de Canudos. Dividido em duas partes, a primeira tem quatro capítulos e ocupa cerca de um terço das páginas. Esta parte, segundo Weinhardt (1990, p. 51),

[...] decididamente fictícia, é toda dedicada a mostrar como é a vida do sertanejo: meios de sobrevivência, estrutura social, festejos, princípios morais, etc. É na segunda parte, composta de cinco capítulos, que se situa a ação histórica. O fio narrativo é sustentado por uma personagem sobre a qual não se encontra registro histórico, Luís Pachola, no princípio camarada de um tropeiro e por quem desperta o coração da bela e faceira mulata Conceição, protegida da família do fazendeiro que realiza a festa do Espírito Santo.

No capítulo inicial da primeira parte, intitulado “A encomendação”, a personagem Luís Pachola encontra-se, juntamente com seu patrão e um cachorro de nome Tigre, pernoitando num rancho em que o terreno adjacente “[...] acompanhava a encosta de um morro áspero e seco, onde apenas algumas touças de açá-peixe e moitas rareadas de capim amarelento representavam a vegetação miserável” (ARINOS, 1985, p. 32). Notamos, já nas primeiras linhas da narrativa, o intento descritivo de peculiaridades da região, ainda em muitos aspectos desconhecida pelos brasileiros do litoral, onde ocorreram os conflitos entre as tropas republicanas e os conselheiristas.

Além do espaço geográfico, o sertanejo também recebe atenção especial ao ser representado na narrativa de Arinos. A personagem Luís Pachola aparece descrita pelo narrador como um homem de chapéu desabado na nuca e erguido na frente, tem no semblante tons de audácia e bravura. Sua altura é pouco mais que mediana, seu peito é protraído, o rosto é oval e moreno e sua barba rala nas faces formam no queixo um “[...] capucho basto [...]. No seu passo macio, havia um bambolear de felino, que indicava ao mesmo tempo a agilidade e a força” (ARINOS, 1985, p. 33). A estratégia narrativa da comparação dos movimentos da personagem com “um bambolear de felino” estabelece, também, a relação desse sujeito com o meio que o rodeia: pisadas precisas em terreno hostil, que podem ser vistas como formas de adaptação do homem ao ambiente no qual se move; fato que em muito contribuiu à resistência dos conselheiristas.

Justificando a escolha do título desse capítulo, a personagem central do romance, avisada pelos latidos inquietos do cachorro, depara-se com uma procissão em que as pessoas se penitenciavam prostradas em terra com açoites. Para a personagem que representava o patrão de Luís Pachola, “[...] aquilo é gente sem quefazer, que anda inventando esses ofícios de defunto pelos cruzeiros do caminho” (ARINOS, 1985, p. 33). Percebemos, neste trecho, características representativas de

alguns aspectos da particular religiosidade dos sertanejos além do ponto de vista, por meio deste padrão ficcional que não era daquela região, de muitos “coronéis”. Estes, grandes proprietários de terra que não pensavam em outra coisa a não ser no acúmulo de riquezas, utilizando-se da mão de obra quase escrava dos sertanejos culturalmente configurados de modo singular. Conforme Gaburo (2009, p. 34), a unidade narrativa d’*Os jagunços* é, em alguns momentos, “[...] comprometida pelo excesso de descrições ou explicações, que no caso específico tem a seu favor o fato de ter sido escrito a princípio para folhetim de forma demasiadamente rápida, sem uma revisão necessária”.

Nas primeiras páginas desse romance, assim como nas posteriores, Afonso Arinos busca contribuir para o conhecimento de uma significativa parte do Brasil. Este desejo já havia sido expresso em artigo cujo título é “Campanha de Canudos” (O Epílogo da Guerra), publicado no jornal *O Comércio de São Paulo*, em 9 de outubro de 1897, dia seguinte ao anúncio da “rendição” dos conselheiristas. Demonstrando lucidez, e recusando interpretações imediatas, Arinos (apud WEINHARDT, 1990, p. 50) escreve que

[...] essa luta deveria merecer a atenção dos publicistas, para ser estudada, não simplesmente na trágica irrupção e no desenvolvimento, mas em suas origens profundas, como um fenômeno social importantíssimo para a investigação psicológica e o conhecimento do caráter brasileiro.

Ainda na primeira parte de *Os jagunços*, verificamos a narração sobre a festa do Divino Espírito Santo, na fazenda Periperi, onde muita gente da região comparece para os festejos. Há descrições acerca das características daquele tipo de comemoração, das atividades dos vaqueiros, além de introduzir-se no enredo o despertar da paixão que a personagem Luís Pachola causa na personagem Conceição, jovem e bela sertaneja, e a morte trágica desta última em decorrência dos ciúmes de Gabriel, personagem também representativo dos vaqueiros extremamente envolvidos em tudo que lhes tocam nas questões de honra. É anterior a estes acontecimentos o momento em que aparece na fazenda uma figura singular com ares proféticos:

[...] apareceu no vão da porta o vulto magro e lívido do missionário. A barba maltratada no rosto longo e escaveirado, a comprida samarra de algodão e os pés nus, vacilantes, metidos em alparcatas de couro, denotavam as fundas privações e o ascetismo. O dorso meio alquebrado e a cabeça inclinada, em atitude de humildade, de quem esmola pelo mundo, pareciam espiritualizar aquela figura esguia. Mas, nas têmporas proeminentes, nas maçãs pontudas, no brilho estranho do olhar havia a energia brônzea do profeta e do reformador. (ARINOS, 1985, p. 40).

Esta personagem missionária, o qual somente na segunda parte do romance é explicitamente nomeado Antônio Conselheiro, impressiona a personagem Luís Pachola que, na sequência da narrativa, sente-se culpado pela morte de Conceição e acaba por deixar seu patrão, tornando-se um dos seguidores do Conselheiro. Ele passa, então, a figurar entre os principais representantes do peregrino no arraial de Belo Monte. A vida nesta localidade e o desenrolar dos conflitos contra as quatro expedições das forças armadas republicanas são descritas em cinco capítulos cujos títulos são: “A cidade santa”; “A expedição”; “Os fanáticos”; “A guerra”; e “O último reduto”. É importante lembrar que o termo fanático, segundo a análise de Gaburo (2009, p. 120-1), embora possa sugerir

[...] uma adesão de Arinos ao pensamento corrente na época de classificar os sertanejos de Canudos como fanáticos religiosos, loucos, desordeiros, numa apropriação negativa do termo fanático, o autor caminha na direção contrária, não só no capítulo, mas em toda a obra. O fanático de Afonso Arinos está longe dessa configuração de marginalização e se volta unicamente para a adoração da figura do Conselheiro, numa adesão completa aos ideais divinos que se entendia emanar da sua figura.

Apesar da narrativa não destoar em relação aos apontamentos de informações “oficiais” das fontes relativas à história de um evento recente, quase simultâneo à escrita do romance, Afonso Arinos parece conseguir, em muitos aspectos, demonstrar, por intermédio da ficção, o que, no seu artigo já mencionado, aparece como a necessidade de uma investigação psicológica e do conhecimento do caráter brasileiro. Em *Os jagunços*,

[...] o narrador utiliza o artifício para, personificado em Pachola, frisar o caráter humanitário do sertanejo, com passado e com sentimentos, quando a maioria dos artigos da imprensa contemporânea retratava-

o semelhante ao animal irracional. Os aspectos domésticos e pacatos do cotidiano na cidade [no arraial] são reforçados pelos encaixes de episódios amorosos e cenas familiares. (WEINHARDT, 1990, p. 53).

Esta breve exposição de aspectos presentes no romance de Afonso Arinos, apesar de omissa em relação a muitas abordagens presentes nos estudos quase solitários, porém expressivos como os sugeridos no artigo de Weinhardt (1990) e na dissertação de Gaburo (2009), parece ser suficiente para desenvolver uma abordagem que permite considerá-lo uma narrativa que se aproxima do romance histórico tradicional. Diferentemente da abordagem clássica representada pelo modelo scottiano, na escrita de *Os jagunços* percebemos a concomitância do tempo histórico com o tempo narrativo. Como ficou exposto, o período da Guerra de Canudos e o da publicação do romance são quase os mesmos, impossibilitando o distanciamento entre as abordagens fictícias e históricas, dando-lhe um caráter de engajamento.

A personagem Luís Pachola, apesar de não constar entre as figuras historicamente relacionadas aos conflitos, insere-se como representativa do sertanejo estudado por Euclides da Cunha e largamente analisado segundo as mais diferentes formas de expressão até a atualidade. Pachola é uma metonímia dos conselheiristas, das gentes desconhecidas do sertão por mais de três séculos. Não é problemática se comparada ao seu meio. Mas desde seus encontros e confrontos com as tropas militares de um governo distante, ele e os seus pares deparam-se com o mundo longínquo representado pelo “litoral” e pelas grandes cidades se comparadas com as pequenas vilas percorridas pelo Conselheiro desde a década de 1870. Luís Pachola, se tomado como parte totalmente integrada de uma sociedade singular como é o sertão nordestino na época da guerra, insere-se no modelo de personagem instaurado por Lukács em *A teoria do romance* (2000). Representa um herói que está ao mesmo tempo em comunhão e em oposição ao mundo. Segundo Brait (1993, p. 39),

[...] a nova concepção de personagem instaurada por Lukács, apesar de reavivar o diálogo a respeito da questão e de fugir às repetições do legado aristotélico e horaciano, submete a estrutura do romance, e conseqüentemente a personagem, à influência determinante das estruturas sociais. Com isso, apesar da nova ótica, a personagem continua sujeita ao modelo humano [...].

Os sertanejos fundamentados em questões religiosas, festivas e de honra, têm na figura da personagem Luís Pachola um representante cujas características Afonso Arinos teve o cuidado e a audácia de elaborar, lucidamente, segundo a evidência de uma guerra marcada por contradições. Desde sua eclosão e término, podemos considerar que o sertão nordestino, apesar de permanecer em grande medida político, econômico e socialmente à margem das atenções do Brasil nação, ganhou muito mais evidência. Romances como *Os jagunços*, além de tantas outras narrativas que transitam entre a história e a ficção, vem contribuindo para que aquela parte do país, culturalmente distinta, integre-se com todos os direitos à unidade plural do Brasil e do contexto latino-americano.

A segunda narrativa canudense da qual apresentamos alguns aspectos é *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos. Ao sugerir uma ampla perspectiva do arraial visto por dentro, configura-se como uma novidade em relação às narrativas históricas e ficcionais anteriores a sua publicação. Como mencionado na introdução deste trabalho, Carpeaux (apud ESTEVES, 2010, p. 60) considera este romance como a proposta de uma inversão de foco. Conforme as palavras de Rachel de Queiroz (1958, p. 5) escritas no prefácio deste livro, “[...] este *João Abade* que estamos lendo parece que veio quebrar um tabu; e com a singularidade de apresentar o drama de Canudos sob um ângulo completamente novo: o da gente do Conselheiro”. Assim, ao contrário de expor os recorrentes pontos de vista do “branco civilizado”, *João Abade* privilegia a voz dos vencidos a partir da qual os fatos históricos em si são subjetivados em uma narrativa de “[...] forma mais independente, por não pretender repetir os modelos existentes até então” (REGO, 2008, p. 165).

De acordo com o próprio autor, os estudos realizados para a composição do romance basearam-se em anotações feitas por pessoas do arraial e depoimentos de sobreviventes. Percebemos aspectos dessa explicação ao depararmos com a personagem Arlequim, descrita como letrada entre a maioria de analfabetos que conviviam em Canudos. Embora João F. dos Santos, nas páginas de apresentação do romance, introduza Arlequim como uma figura histórica, não há indícios de que esta personagem tenha existido na realidade. Em todo caso, ela recebe destaque

nesta narrativa. Suas cartas e outros escritos, além do paradeiro destes, são mencionados da seguinte forma:

[...] sempre muito longas com fumaça de romanceado, trinta e oito ou quarenta colecionadas por um cônego da Bahia, mais uns quantos cadernos de venda cheios de anotações em geral a lápis, muita coisa ilegível pelo uso do tempo, permitiram a reconstituição da história de um homem que ninguém sabe até que ponto tomou parte na guerra de Canudos. (SANTOS, 1958, p. 43).

Os componentes descritos neste trecho corroboram com a liberdade ficcional do romancista, para fundamentar algo como uma existência histórica da personagem. Assim, na elaboração do enredo de uma narrativa híbrida como são os romances históricos, as personagens totalmente imaginadas se tornam verossímeis em relação ao todo. O processo inverso também ocorre quando figuras historicamente conhecidas são apresentadas de maneira distinta para atender aos meandros da intencionalidade do texto, prática bastante recorrente nos novos romances históricos.

Entre as figuras de destaque na narrativa, aparece a personagem feminina Maria Olho de Prata. Esta, ao contrário das beatas representadas em muitos escritos relativos aos conselheiristas, revela-se como uma das mulheres responsáveis pelos prazeres carnais de muitos homens do arraial. Ela revela à personagem João Abade que não acredita na alma nem no Conselheiro. Ao notar o espanto da personagem que dá título ao romance, o narrador transcreve as palavras de sua interlocutora em discurso direto:

- Nada passa nunca: nem tristeza nem sorriso. O dia é igual ao dia que nem a noite é igual à noite. *Essa maçaroca de favela espinhenta, dói mais nos vazios da gente do que em riba do couro. Sol pra danar!* Chão duro de ofender até os pés do Cão. Cascavel castigando solto... *Arrepare, Abade*, como é o mato desse estirão: só galho cruzando pontudo. Folha verde mesmo manca que é um horror! - A mulata falava devagar - Tristeza... Então, quando nem não se vê um juazeiro balançando, é triste... (SANTOS, 1958, p. 99). (grifos nossos).

Notamos, no trecho mencionado, a preocupação do autor em representar as peculiaridades da fala dos sertanejos daquela região. Em contraponto com a linguagem culta expressada pelo narrador, este romance apresenta pontos

discursivos marcados pela heteroglossia, um recurso narrativo presente em muitos textos regionalistas, apontado, também, como uma das estratégias na escrita dos novos romances históricos descritas por Aínsa (1991) e Menton (1993). Além da linguagem do texto privilegiar a variante popular, depreendemos no discurso registrado pela personagem Maria Olho de Prata, a representação de um olhar crítico dos integrantes da comunidade de Canudos em relação à religiosidade e às consequências da guerra.

A personagem João Abade, apesar de dar nome ao título do romance e constar historicamente como uma das principais lideranças dos sertanejos no período da guerra, talvez o grande responsável pelas táticas que culminaram na forte resistência armada dos conselheiristas, não é a protagonista. Este papel é concedido à personagem Pedrão, figura também histórica, representante, no romance em questão, da honra e da valentia dos sertanejos.

Sobre a representação do arraial de Canudos sob a perspectiva dos vencidos, podemos considerar que o romance *João Abade* sugere o que os pressupostos da História Nova apresentam com a designação de “história vista de baixo”. Os estudos realizados segundo essa vertente buscam investigar e sugerir de modo crítico, segundo Sharpe (1992, p. 41), a história de “[...] homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história”. Mais adiante, ao referir-se à grande parte da história ensinada aos estudantes na atualidade, afirma que,

[...] nas universidades da Grã-Bretanha (e também, supõe-se, em instituições similares por toda parte), ainda considera a experiência da massa do povo no passado como inacessível ou sem importância; não a considera um problema histórico; ou, no máximo, considera as pessoas comuns como ‘um dos problemas com que o governo tinha que lidar’. (SHARPE, 1992, p. 41).

Assim como no exemplo citado acima, não é erro afirmar que as instituições de ensino brasileiras estiveram historicamente atreladas à “oficialidade”, deixando à margem a história das denominadas pessoas comuns e privilegiando personalidades como, por exemplo, reis e descobridores. Nessa direção, há um

poema de Bertold Brecht sob o título “Perguntas de um operário que lê” (1932)<sup>32</sup>, questionando sobre o lugar dos marginalizados. Nos primeiros versos, lemos: “Quem construiu as portas de Tebas?/ Nos livros constam nomes de reis./ Foram eles que carregaram as rochas?/ E Babilônia destruída mais de uma vez?/ Quem a construiu de novo?/[...]”. Entre tantas generalidades possíveis de se mencionar, os sertanejos da Guerra de Canudos evidenciados sob a representatividade do romance *João Abade*, não deixam de ser mais um exemplo de “esquecidos” que, apesar de não mencionados nos grandes discursos, também fazem parte da construção híbrida cultural brasileira.

*A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga, numa escala em que figuram como principais obras *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, é a narrativa canudense a que se dedicaram maior número de estudos<sup>33</sup>. À categorização de romance fantástico, ao lado do aspecto histórico-ficcional, talvez se devam os maiores motivos do interesse suscitado. Aqui, pretendemos abordar o romance *A casca da serpente* como uma narrativa em que o elemento fantástico aparece de modo predominante. Não devemos descartar, contudo, o que não será desenvolvido aqui, a possibilidade de analisar *A casca da serpente* como um romance histórico conforme estudos já realizados.

Posto isso, entendemos como necessário verificar algumas considerações sobre termos como maravilhoso, mágico e fantástico quando relacionados à literatura. Muitas vezes, eles são utilizados indiscriminadamente como semelhantes ou com a mesma conotação para designarem narrativas que propõem leituras alternativas ao que poderíamos considerar como representatividade da “realidade normal ou natural”. Taconi de Gómez (1995, p. 18), afirma que, “[...] de manera general, la crítica literaria ha trabajado con un concepto

<sup>32</sup> Este poema está disponível em <http://www.almacarioca.net/perguntas-de-um-operario-que-le-bertolt-brecht/>. Acesso em 20/02/2012.

<sup>33</sup> Como exemplo, podemos mencionar: GUEDES, Rebeca S. de A. *Os sertões e A casca da serpente: a reescritura como resignificação*. Dissertação. Recife. UFPE, 2010; SILVA, Maria J. M. *O real e o ficcional em A casca da serpente e Guerra no coração do serrado*. Dissertação. Goiânia. PUC, 2009; DIAS, João Paulo M. *Antonio Conselheiro não morreu: ficção histórica e pós-modernidade em A casca da serpente*, de José J. Veiga. Dissertação. Rio de Janeiro. UFRJ, 2009.

*equivocado – por demasiado abarcador – de lo fantástico: incluyó lo mítico en el ámbito de lo fantástico, a pesar de que el mito resulta claramente discernible*<sup>34</sup>.

Este discernimento a que se refere Taconi de Gómez pode ser compreendido quando lemos as considerações de Alejo Carpentier (1969) sobre suas viagens a terras onde se deparou com realidades culturais distintas em que manifestações “sagradas” ou “sobrenaturais” revelavam-se com naturalidade no cotidiano das comunidades. Carpentier escreve que se sentia minimizado frente à grandeza das revelações, não encontrando meios de exprimir aos seus o que havia de universal naquelas raízes repletas de presenças e transformações atuais. “Para isso teria tido de possuir certos conhecimentos indispensáveis, certas chaves, que, no meu caso, e no caso de muitos outros, teriam requerido uma especialização, uma disciplina, de quase uma vida inteira” (CARPENTIER, 1969, p. 70). Ainda na exposição de suas andanças reveladoras de surpresas “inexplicáveis” para o estrangeiro, o autor cubano conclui:

[...] o maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação desabitual ou singularmente favorecedora das inadvertidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com particular intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que conduz a um modo de ‘estado-limite’. Para começar, a sensação do maravilhoso pressupõe uma fé. (CARPENTIER, 1969, p. 77).

Neste mesmo texto, ao referir-se à América, o autor escreve um trecho já reproduzido fielmente no conhecido prólogo de *El reino de este mundo* (1949). Ao considerar a virgindade da paisagem, a formação, a ontologia, a presença do índio e do negro, a revelação que constitui a sua recente descoberta, as “[...] fecundas mestiçagens que propiciou, a América está muito longe de ter esgotado o seu caudal de mitologias. Mas o que é a história de toda a América senão uma crônica do real maravilhoso?” (CARPENTIER, 1969, p. 79).

Numa abordagem semelhante em termos de conteúdo, porém divergente no aspecto conceitual, Uslar Pietri (2006) prefere a nomenclatura “realismo mágico” ao referir-se a uma literatura que teve como expoentes na América Latina autores

---

<sup>34</sup> Nossa tradução livre: de maneira geral, a crítica literária tem trabalhado com um conceito equivocado – demasiadamente abarcador – do fantástico: incluiu o mítico no âmbito do fantástico, apesar de que o mito resulta claramente discernível.

como Miguel Ángel Asturias, Alejo Carpentier e Aguilera Malta. Após escrever sobre manifestações do termo “realismo mágico” no contexto europeu, Uslar Pietri ressalta, entretanto, que esses escritores latino-americanos, no sentido estrito da palavra, não inventaram nada que já não estivesse aqui desde tempo imemorial e, de certa forma, havia sido desdenhado.

*En cierto sentido, era como haber descubierto de nuevo la América, no la que habían creído formar los españoles, ni aquella a la que creían no poder renunciar los indigenistas, ni tampoco la fragmentaria África que trajeron los esclavos, sino aquella otra cosa que había brotado espontánea y libremente de su larga convivencia y que era una condición distinta, propia, mal conocida, cubierta de prejuicios que era, sin embargo, el más poderoso hecho de identidad reconocible. Los mitos y modalidades vitales, herederos de las tres culturas, eran importantes pero, más allá de ellos, en lo más ordinario de la vida diaria surgían concepciones, formas de sociabilidad, valores, maneras, aspectos que ya no correspondían a ninguna de ellas en particular. [...] lo que importa es que, a partir de esos años 30, y de una manera continua, la mejor literatura de la América Latina, en la novela, en el cuento y en la poesía, no ha hecho otra cosa que presentar y expresar el sentido mágico de una realidad única. (USLAR PIETRI, 2006, p. 3-4)<sup>35</sup>.*

Essas considerações de Carpentier e Uslar Pietri – apesar deste último entender que o mágico nem sempre tem a ver com maravilhas – aproximam o mito, a religiosidade, o milagre como componentes determinantes e “naturais” de determinados contextos. Assim, a América Latina revela-se como um palco privilegiado de expressões cotidianas que, a partir do século XX, figuraram de modo mais intenso numa literatura que, salvo as devidas divergências conceituais, apresenta-se como mágica ou maravilhosa.

Parece não ser adequado relacionar o romance *A casca da serpente* a essas concepções citadas porque, apesar de seu contexto e de suas personagens representarem o sertão nordestino do Brasil, logo, uma parte da América Latina

---

<sup>35</sup> Nossa tradução livre: Em certo sentido, era como haver descoberto de novo a América, não a que haviam crido formar os espanhóis, nem aquela a que acreditavam não poder renunciar os indigenistas, nem tão pouco a fragmentária África que trouxeram os escravos, senão aquela outra coisa que havia brotado espontânea e livremente de sua longa convivência e que era uma condição distinta, própria, mal conhecida, coberta de preconceito que era, no entanto, o mais poderoso fato de identidade reconhecível. Os mitos e modalidades vitais, herdeiros das três culturas, eram importantes mas, mais além deles, no mais ordinário da vida diária surgiam concepções, formas de sociabilidade, valores, maneiras, aspectos que já não correspondiam a nenhuma delas em particular. [...] o que importa é que, a partir desses anos 30, e de uma maneira contínua, a melhor literatura da América Latina, no romance, no conto e na poesia, não tem feito outra coisa que apresentar e expressar o sentido mágico de uma realidade única.

marcadamente híbrida religiosa e culturalmente, ele propõe uma leitura insólita principalmente ao descrever a personagem Antônio Conselheiro. Esse tipo de abordagem, ao representar com “naturalidade” uma figura cujas características destoam em grande medida do sertanejo forte descrito por Euclides da Cunha (1902) e aceita por muitos como um modelo, é o principal ponto que permite considerarmos o romance de José J. Veiga uma narrativa fantástica. Esta, no sentido da concepção relativa ao extraordinário defendida por Taconi de Gómez (1995, p. 18), em detrimento das outras categorias do fantástico que são, conforme suas leituras de Todorov, Vax, Caillois, Carilla: o parapsicológico e o estranho. A autora ainda acrescenta duas categorias consideradas como “de fronteira” com o mítico: o maravilhoso e a ficção científica. Para a presente exposição do romance *A casca da serpente*, parece não ser necessário tecermos maiores considerações sobre essas categorias além da qual ele se aproxima de modo evidente: o extraordinário. Este,

*[...] corresponde a todo fenómeno que viole alguna de las leyes del universo, en especial las que ordenan los planos físico y biológico, en el más amplio sentido. [...] Las posibilidades de alteración de la legalidad cotidiana pueden organizarse a mi juicio en: 1. Transgresiones de la fluencia temporal; 2. Transgresiones de la ley de causalidad; 3. Transgresiones de la ley de gravedad; 4. El objeto increíble y la criatura absurda; 5. La metamorfosis no justificada por fuerzas sobrenaturales; 6. Lo extraordinario hiperbólico; 7. Otras formas de alteración de la legalidad cotidiana. (TACONI DE GÓMEZ, 1995, p. 18-9)<sup>36</sup>.*

Dentre os aspectos mencionados, *A casca da serpente* pode ser vista como representativa de transgressões de casualidade e de temporalidade. A primeira nota-se, fundamentalmente, ao se verificar, de modo comparativo, grande parte de toda uma literatura anterior em que se descrevem as características do sertanejo nordestino e, em especial, a personagem Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro. Sobre as pregações deste último, Euclides da Cunha (1987, p. 113) escreve que era “[...] desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia

<sup>36</sup> Nossa tradução livre: [...] corresponde a todo fenômeno que viole algumas das leis do universo, em especial as que ordenam os planos físico e biológico, no mais amplo sentido. [...] As possibilidades de alteração da legalidade cotidiana podem se organizar na minha opinião em: 1. Transgressões da fluência temporal; 2. Transgressões da lei de casualidade; 3. Transgressões da lei de Gravidade; 4. O objeto incrível e a criatura absurda; 5. A metamorfose não justificada por forças naturais; 6. O extraordinário hiperbólico; 7. Outras formas de alteração da legalidade cotidiana.

extrema das citações latinas, transcorrendo em frases sacudidas; misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas...”. No romance *Capitão jagunço*, cuja primeira edição é de 1969, a personagem que dá título ao romance afirma que “[...] o Conselheiro rezava, batendo nos peitos, nas penitências, no contrito daquela hora que era próxima das Ave-Marias (DANTAS, 1987, p. 50). Já no romance de Vargas Llosa (1981, p. 15), para não nos estendermos aqui a mais exemplos, ele é descrito como alto e tão fraco que parecia sempre de perfil, “[...] *de improviso, al principio solo, siempre a pie, cubierto por el polvo del camino, cada cierto número de semanas, de meses. Su larga silueta se recortaba en la luz crepuscular o nascente, mientras cruzaba la única calle del poblado, a grandes trancos, con una especie de urgencia*”.<sup>37</sup>

Essas características não diferem demasiadamente das postulações gerais referentes ao Conselheiro, em determinados momentos mais deterministas e em outros mais humanistas. No caso de *O pêndulo de Euclides* (FONSECA, 2009, p. 177) em que a personagem Antônio Conselheiro se apresenta como peregrino condutor do seu povo e responsável por “diversas benfeitorias ao agrado dos moradores”, o líder dos sertanejos na Guerra de Canudos não é descrito de maneira inverossímil se comparado ao que podemos considerar como “padrão” construído ao seu respeito e sobre o povo do sertão nordestino historicamente. Neste sentido, ao sugerir uma personagem carregada de ideias e de comportamentos transgressores em relação ao que se esperaria como “normal” ao se referir a um líder sertanejo representativo de um lugar específico com vida cultural e religiosa particulares, *A casca da serpente* transgride a casualidade esperada rompendo com “[...] *la cadena de causas y efectos, gran ordenadora del universo [y] produce las peripecias más inesperadas*” (TACCONI DE GÓMEZ, 1995, p. 27-8)<sup>38</sup>.

Exemplo disso ocorre quando, dias antes da guerra terminar, a personagem Beatinho mente, informando às tropas republicanas que o Conselheiro está morto. Escolheram um cadáver fisicamente parecido com aquele e fugiram. Já

---

<sup>37</sup> As traduções dos fragmentos do romance de Vargas Llosa que utilizamos nesse estudo são as feitas por Remy Gorga (filho), da edição brasileira de *La guerra del fin del mundo*, da editora Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1982: [...] *de improviso, no princípio sozinho, sempre a pé, coberto pelo pó do caminho, a cada certo número de semanas, de meses. Sua alta silhueta destacava-se na luz crepuscular ou nascente, enquanto atravessava a única rua do povoado, a grandes trancos, com uma espécie de urgência.* (VARGAS LLOSA, 1982, p. 15).

<sup>38</sup> Nossa tradução livre: [...] *a cadeia de causas e efeitos, grande ordenadora do universo [e] produz as peripécias mais inesperadas.*

durante a fuga, um Conselheiro diferente começa a se revelar. As exigências das rezas são afrouxadas e, em determinado momento, o líder que ia carregado devido às debilitações físicas, informa que precisa se aliviar e não era necessário acanhamento porque ele não precisa de ajuda para isso, somente que o levassem a um lugar adequado. Mais adiante, quando comenta que devem pensar no que fazer ao invés de ficarem rezando e descansando até os Anticristos irem embora, alguns começam a notar “[...] a mudança no modo de falar usado agora por ele. Antes ele resolvia tudo sozinho e comunicava a decisão aos seguidores; agora falava no plural, nós resolvemos depois para onde ir” (VEIGA, 1987, p. 17). Em outro trecho da narrativa, lemos:

[...] ele não andava mais tão apegado a citações da Bíblia, falava uma linguagem mais singela. Disse há pouco que era preciso evitar os erros de Canudos, formar outro arraial mais voltado para as necessidades das pessoas, não se perdendo tanto tempo com rezas. No outro arraial ia-se rezar, claro, mas não como em Canudos. As rezas agora iam ser entoadas em agradecimento e regozijo, não mais pleitear graças impossíveis. [...] Outro episódio que deixou os homens embasbacados foi o do banho. Em canudos nunca se soube que o Conselheiro tomasse banho. Dos guerreiros que tinham contato com ele, alguns falaram no cheirum que ele exalava; e parece que ele falou na igreja contra o banho das mulheres. [...] Só quando o viram voltando da fonte molhado e a camisola em parte também, acreditaram que ele tinha entrado para a irmandade dos asseados. [...] se distraiu olhando os braços, as pernas, os pés, parecia não acreditar que eram dele, fazia tempo que não os via sem o cascorão. Os outros notavam admirados aquela curiosidade nova do Conselheiro com o próprio corpo, e ninguém teve coragem de fazer uma brincadeira, de dizer uma pilhéria. (VEIGA, 1987, p. 27-9).

Este novo Conselheiro funda junto com os seus um novo arraial em Itatimundé e não mais andava orientando e fiscalizando vestido num camisolão. Desfez-se da barba e mudou o modo de falar com as pessoas, acabando com o distanciamento. Ele “[...] não correspondia mais ao de Canudos, isso qualquer sobrevivente da guerra podia perceber. Era preciso soltar a casca antiga. Mas não de sopetão, para não assustar” (VEIGA, 1987, p. 102).

Essa personagem, representativa da figura histórica de Antônio Conselheiro, é construída por José J. Veiga sob características diametralmente díspares quando comparadas a escritos sobre ela baseados em aportes biográficos, religiosos, políticos e culturais. Com essa descrição, sem justificativas para suas

mudanças de acordo com uma verossimilhança histórica, podemos considerar *A casca da serpente* como representativa de uma transgressão de casualidade, elemento básico do extraordinário na narrativa fantástica (TACONI DE GÓMEZ, 1995).

A transgressão de temporalidade, outro aspecto na narrativa de cunho fantástico, dá-se de maneira mais evidente quando se verifica o anacronismo histórico em relação ao ficcional e utópico arraial de Itatimundé. Nele havia a estátua de “[...] tio Antônio, [...] foi dinamitada pelos invasores em 1965 e seus pedaços jogados serra abaixo. O tio Antônio mesmo tinha morrido antes, aos noventa e quatro anos [...]” (VEIGA, 1987, p. 155). A Guerra de Canudos terminou oficialmente no dia 5 de outubro de 1897 e o Conselheiro, morto pouco antes, devia ter em torno de 67 anos. Sabemos, entretanto, que a liberdade na escrita de romances históricos permite esses saltos temporais e, ao lado de outras estratégias como a ironia, contribuem para a leitura crítica do passado e, ao mesmo tempo, do presente. No período da publicação do romance *A casca da serpente*, o Brasil estava sob um processo de ditadura militar. O golpe de 1964 “congelou” uma série de perspectivas favoráveis ao desenvolvimento econômico, político e cultural do país. Neste sentido, parece não haver desatino em aproximarmos o poder centralista militar desse momento com a invasão à Itatimundé, “[...] a cidade da verdadeira alegria, um modelo concreto de humanidade solidária que espalha seus raios de luz a muitas outras cidades do mundo” (VALLADARES, 2011, p. 26). Conforme as últimas linhas do romance, “[...] o chão onde foi a Concorrência de Itatimundé, é agora depósito de lixo atômico administrado por uma indústria química com sede fictícia no principado de Mônaco” (VEIGA, 1987, p. 155).

No texto de Veiga, são perceptíveis vários aspectos que o aproximam do novo romance histórico como a paródia, o anacronismo deliberado e a carnavalização. Essas estratégias narrativas funcionam como elementos de reorganização do passado e crítica ao presente. Para a apresentação desse romance, contudo, optamos por uma leitura em que se destacasse o elemento fantástico utilizado pelo autor para reler o passado e o momento atual de um país em que a construção de uma sociedade igualitária, por mais que a personalidade das pessoas se transforme – como aconteceu com a personagem representativa de Antônio Conselheiro – parece cada vez mais unido ao caráter utópico.

Noutro romance, *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes, consta nas suas últimas páginas as referências bibliográficas. Apesar de desnecessárias, em se tratando de textos ficcionais, esse proceder, paratextual segundo Genette (2006), revela uma das características dos novos romances históricos que, segundo Aínsa (1993), confere maior credibilidade ao contexto narrativo. Numa direção complementar, poderíamos afirmar que os relatos da personagem frei Monte Marciano, uma vez impressos e publicados, funcionam, tomando-se de empréstimo o conceito sugerido por Pierre Nora (1993, p. 15), como “lugares de memória”.

O frei apresenta-se como uma personagem já velha e atormentada, no ano de 1920, pelo fantasma de Antônio Conselheiro. Ao rememorar passagens de uma vida historicamente conhecida, a personagem narra aspectos da sua chegada ao Brasil, da atividade como professor de futuros padres, dos estudos e ainda defende-se de acusações adiantadas por ele mesmo ou surgidas em livros como *Os sertões* (1902). Em um trecho do romance, que se refere ao dia em que chegou a Canudos, podemos ler o seguinte:

Dirão que eu estivesse contra o povo do arraial e encarei Canudos como a sediciosa obra de um fanático movido pela monomania religiosa. De fato era como eu os via na época, não posso nem quero negar o que escrevi em meu relatório. Mas, sinceramente, alguém na minha situação, teria enxergado diferente? Interpretações! Para além delas, muito longe, encontra-se a realidade. Esta muitas vezes escapa aos estudiosos, os que submetem fatos à camisa-de-força de suas premissas teóricas. É fácil condenar quando envoltos pela sobriedade das bibliotecas... Pois eu queria que os que me condenam estivessem ao meu lado, sobre o lombo de um cavalo, no meio do rio Vaza-Barris, naquela manhã. Que usassem a roupa suada de quem havia dias seguira por regiões inóspitas e desconhecidas, que erguessem a cabeça e olhassem para além da margem do rio. Creio que só assim poderiam compreender o que se passou comigo. (MARCONDES, 1997, p. 93).

A personagem recriada por Ayrton Marcondes apresenta-se, assim, como um injustiçado pelas críticas que remetem à ideia de que sua missão à comunidade do Conselheiro teria sido o estopim para o início da Guerra de Canudos. De maneira semelhante às ideias expostas no relato da personagem histórica frei João Evangelista – alguns trechos estão citados no romance –, a personagem ficcional repete considerações gerais a respeito das pessoas que compunham o arraial, além

de afirmar, convictamente, que não se arrepende do que escreveu. Reconhece que tanto o Estado como a Igreja não entenderam completamente o que era e significava o que os conselheiristas denominavam o arraial de Belo Monte. Sabia que, historicamente, a conjuntura daquele lugar e daquela gente exigira, por parte dos padres, a disseminação do conceito de um Deus vingativo e não de um Deus de bondade e perdão. Assim, “[...] o Deus da nossa perspectiva enquanto sacerdotes pouco tinha a ver com o Deus do povo para o qual pregaríamos. Nos nossos espíritos o pai de bondade, no deles o justiceiro” (MARCONDES, 1997, p. 29-30).

Nessa direção, a personagem histórica não hesitaria ao referir-se ao que, para ela, era a seita político-religiosa representada pelos canudenses. Não se tratava somente de um “[...] foco de superstição e fanatismo [...]”; é, principalmente, um núcleo, na aparência desprezível, mas um tanto perigoso e funesto, de ousada resistência e hostilidade ao governo constituído no país” (MONTE MARCIANO apud MARCONDES, 1997, p. 118).

Uma explicação sugerida no romance a essa acusação determinada do frei, está relacionada ao modo ríspido com o qual alguns dos conselheiristas o trataram ao saberem que sua missão tinha o objetivo de convencer os sertanejos a não continuarem se aglomerando naquele arraial, fenômeno cada vez mais evidente e ameaçador aos interesses religiosos e políticos instituídos. Entre justificativas e exposições críticas relacionadas à sua missão, a personagem literária frei João Evangelista ainda dedica parte considerável de suas memórias a relatar o encontro que teve com o coronel Moreira César, outra personagem histórica ficcionalizada, antes que este seguisse para Canudos a fim de comandar a terceira expedição.

A ocorrência deste encontro, pelo que sabemos, não está devidamente registrada em nenhum lugar que não seja o romance aqui apresentado. Portanto, trata-se de estratégia utilizada por Marcondes para a construção do enredo. O desfecho não vitorioso da terceira expedição a qual começaria a ceder com a morte de Moreira Cesar após ser atingido por dois tiros, todavia, está de acordo com a historiografia.

A personagem frei João Evangelista, menciona ainda ter estado “[...] no garimpo dos pecados” (MARCONDES, 1997, p. 37) e, segundo consta no romance, não numa comunidade homogênea. Ao lado de pessoas boas,

[...] tínhamos criminosos contumazes que queriam perdão para crimes que haviam cometido. Buscavam uma espécie de quitação aos malfeitos anteriores para, a seguir, começar uma nova vida de atrocidades. Não, não eram santos os sertanejos (MARCONDES, 1997, p. 41-2).

Assim, tanto a figura histórica frei João Evangelista de Monte Marciano como a reelaborada pela ficção, apresentam ideias semelhantes em relação à comunidade que se formou em Canudos. Contudo, o distanciamento temporal do autor deste romance em relação ao período da guerra, permite uma reavaliação do passado o que lhe possibilita trazer perspectivas para além da reprodução do evento histórico em si. Sob considerável pesquisa bibliográfica, Ayrton Marcondes utiliza-se de estratégias pertencentes à escrita do texto ficcional para trazer à tona a história e a memória de uma personagem que, diretamente ou não, tem seu nome marcado no conflito que foi a Guerra de Canudos.

Em mais outra narrativa canudense, *Veredicto em Canudos* (2002), de Sándor Márai, deparamo-nos com um romance escrito sob a influência da leitura da tradução para o inglês d'*Os sertões*. Conforme consta no texto escrito na orelha do livro – um recurso que, segundo a teoria da transtextualidade de Genette (2006) é considerado um paratexto – “[...] Márai se apropriou do essencial a fim de fazer um recorte sobre o sentido profundo da comunidade de Canudos”. Assim vemos como a temática da Guerra de Canudos começou a interessar romancistas além de nossas próprias fronteiras, antes mesmo do aparecimento de *La Guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa.

Depreendemos, já no início da leitura dessa narrativa escrita por Márai, que saber ler e escrever eram habilidades raras entre os soldados que participaram das expedições de ataque e destruição ao arraial de Canudos. Numa alusão a esta peculiaridade sobre questão de alfabetização que tem procedência histórica no Brasil, a narrativa inicia-se fazendo referência ao dia em que a guerra encerrara: 5 de outubro de 1897. Nessa parte do romance são descritas as cercanias do arraial onde a personagem homônima representativa do ministro da Guerra, o marechal Bittencourt, iria receber a imprensa e fechar uma espécie de ata em prol da vitória republicana. Percebemos, nesta particularidade da narrativa de Márai, uma relação com o momento histórico em que os republicanos procuraram construir, documentar,

a ideia de que o massacre dos sertanejos obedecia a critérios justos e benéficos para o Brasil.

O narrador/personagem deste romance, um soldado escolhido para registrar por escrito os acontecimentos daquele dia, apresenta-se como Oliver O'Connel que, muito tempo depois da guerra, então trabalhando como auxiliar na Biblioteca de São Paulo, cuidando dos livros de história, resolve escrever o que se passou naquela tenda nas últimas horas do dia 5. Esse processo de reescrita da história, utilizando-se da memória pessoal e da registrada nos livros, está de acordo com os fundamentos teóricos, já apontados ao longo desse estudo, sobre a validade das diversas formas de registro igualmente aceitáveis para se chegar a conhecimentos e elaborar versões relativas a eventos passados. Isso resulta num trabalho em que o passado apenas em parte é recuperado, haja vista que mesmo o presente não pode ser apreendido devido às lacunas da memória e as convenções plurissignificativas da linguagem. Entre a presença e a ausência, entre a evidência e a pluralidade significativa dos signos linguísticos é que devemos compreender o processo de volta ao passado, tanto pelos textos que se pretendem históricos como pelos ficcionais.

Entre os vários aspectos e personagens da guerra, a figura histórica que recebe maior atenção por parte do narrador/personagem de *Veredicto em Canudo*, é o general Bittencourt, descrito no romance da seguinte maneira:

Um cidadão, um funcionário – um fenômeno social novo por aqueles lados. Era marechal, embora não fosse militar; não portava arma, e sim bengala de passeio e paletó. E vencera porque conseguira organizar – com a ajuda de mil jumentos e mulas – uma linha de suprimentos no sertão. Quedava-se estático, barrigudo. Nós o contemplávamos boquiabertos (MÁRAI, 2002, p. 39).

Na passagem selecionada se estabelece, entre outros momentos do romance, uma intertextualidade em relação a *Os sertões*. Márai apresenta sua leitura ao descrever uma personagem que, segundo Euclides da Cunha (1987, p. 334), “[...] tinha o fetichismo das determinações escritas. Não as interpretava, não as criticava: cumpria-as”. Numa atitude que poderia ser entendida como prestação de contas aos jornalistas, a personagem marechal Bittencourt apresenta dados

referentes à guerra. Ataca jornais monarquistas e defende os ideais republicanos de maneira imperturbável.

A caracterização dessa postura evidencia os ideais republicanos da época, ainda em processo “prático” de instauração. Entretanto, pela maneira como está construída a personagem e seus modos de encarar toda situação adversa, ele está configurado como um marechal digno e preparado para o seu posto. De acordo com essa representação, nada parecia abalar os objetivos de sua missão a qual consistia em dar por encerrados aqueles conflitos, que já iam para quase um ano, e demonstrar à nação que a República agira corretamente ao eliminar o que, para ele e para o “Brasil oficial”, representava uma manifestação fanática com fortes tendências monarquistas.

A personagem representativa do marechal Bittencourt é descrita como um homem acostumado ao poder. Assim, o elemento introduzido na narrativa para estabelecer um contraste com a postura séria daquele republicano, seria uma estrangeira, personagem que, à procura de seu marido, na ficção de Márai, havia convivido entre os conselheiristas. Segundo consta no romance, ela foi aprisionada, juntamente com mais dois homens da comunidade de Belo Monte, e afirmou aos soldados republicanos que Antônio Conselheiro estava vivo. Diante dessa situação, o narrador relata que a personagem marechal Bittencourt esperaria por duas horas até que os prisioneiros trouxessem o Conselheiro.

Na sequência do relato, vê-se que a mulher exige algo em troca: depois de ser questionada por duas vezes, suas palavras foram as seguintes: “Quero tomar um banho” (MÁRAI, 2002, p. 88). A voz enunciadora do discurso menciona que, para a surpresa de todos os presentes, o marechal Bittencourt ordenou que dois homens fossem até sua barraca e trouxessem a banheira de borracha, dois odres de água, sabão, pente e toalha. Deste modo a mesma personagem que apareceu na cena como um frangalho humano, de repente passava a representar uma espécie de sensualidade diferente.

Uma mulher se banhava... e nos lembrávamos que na vida havia outras coisas além da crueldade e da selvageria desvairadas. Havia na vida alguma coisa mansa e macia como a água, o pão recém-assado, como... sim, como um corpo macio e vivo de mulher (MÁRAI, 2002, p. 93).

Percebemos que ocorre nesse trecho do relato uma espécie de reumanização dos soldados diante de uma cena comum da vida cotidiana, porém inusitada naquele universo bélico em que estavam inseridos, trazendo-lhes à lembrança momentos de prazer já quase apagados pelas experiências vividas no sertão.

Após o banho, a mulher disse em voz baixa e suave: “*Thank you, gentlemen*” (MÁRAI, 2002, p. 94). Pelo relato romanesco, notamos que o fato de alguém que falava inglês estar entre os habitantes de Canudos era certamente algo extraordinário. Desse momento em diante, inicia-se um diálogo que seria particular entre ela e o marechal, e estranho a todos aqueles presente naquela hora e lugar. A presença de uma personagem representante de outras nacionalidades no romance *Veredicto em Canudos* é exemplo de uma tendência que aparece em outras narrativas canudenses. Por exemplo: Galileo Gall (*La guerra del fin del mundo*); Louis de la Tour (*Luzes de Paris e o fogo de Canudos*); Dominique (*O pêndulo de Euclides*); entre outros.

Lemos no romance que, mesmo não encontrando seu marido que havia estado em Canudos, porém, morto há algum tempo, a mulher acaba se impressionando com a vida dos sertanejos e decide, assim como seu marido, não mais abandoná-los. A personagem expõe ao marechal Bittencourt um quadro totalmente a favor dos canudenses ao contrapô-los aos ideais políticos e religiosos vigentes no cenário “civilizado” da época. Todavia, apesar de em alguns momentos parecer impressionar o marechal, utilizando argumentos os quais não pareciam conter nada de incoerente, essa personagem de ficção teve o mesmo destino histórico de milhares de canudenses: foi degolada<sup>39</sup>.

Na parte final do romance, o narrador/personagem expõe o seguinte: “[...] foi o que vi e ouvi na edificação do Rancho do Vigário no dia 5 de outubro, entre as cinco horas da tarde e às nove horas da noite. Conteí como pude. Não lembro mais nada de Canudos” (MÁRAI, 2002, p. 149). Em nota, num paratexto conforme Genette (2006), Sándor Márai assinala que, para a escrita do seu *Veredicto em Canudos*, “[...] da obra de Euclides da Cunha, não emprestei mais que os dados

<sup>39</sup> “Desarmados, os homens reuniram suas famílias e se preparam para evacuar o povoado destruído e prestes a ser incendiado. Então, pouco antes da anunciada ‘viagem’, eles foram agarrados, rodeados por soldados e executados na frente de centenas de testemunhas, entre elas suas mulheres e filhos” (LEVINE, 1995, p. 263); “[...] a chamada *gravata vermelha* [...] há de pesar no passivo moral das forças legais atuantes em Canudos” (MELLO, 2007, p. 236).

topográficos e as datas. E os nomes de alguns personagens. Todo o resto é invenção” (MÁRAI, 2002, p. 152). Esta exposição explicativa do autor corrobora como a afirmação de Polese (2011, p. 141) de que “[...] Sándor Márai propõe uma escrita do que acreditou ter ficado ‘de fora’ da narrativa euclidiana”.

Essas demonstrações ajudam a reafirmar o uso da liberdade criativa nas narrativas ficcionais em geral, e o caráter experimentalista dos romances históricos em particular. Estes, “[...] além do intenso trabalho com a linguagem, buscam a distorção dos materiais históricos ao incorporá-los na diegese ficcional pelo emprego de histórias alternativas, apócrifas, anacrônicas” (FLECK, 2007, p. 160).

Outra narrativa significativa dessa temática canudense é *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez. Esse é um romance com características formais diferenciadas. De recente publicação e menos citado nos estudos referentes aos romances que têm como temática a Guerra de Canudos, apresenta-se como uma narrativa multifacetada, polifônica e representativa de gêneros diversos como carta, pintura e fotografia. Segundo Neto “[...] *Luzes de Paris* se apresenta como um *jogo de armar*, em que, ao fim da partida, o leitor rememora o percurso de construção da personagem e desvela o enredo” (2008, p. 3). (grifo nosso).

O termo enfatizado aqui, para designar particularmente o livro de Gutiérrez, parece adequado em detrimento das diversas formas de transtextualidade (GENETTE, 2006) que ajudam a compreender o texto em relação manifesta ou secreta com outros textos. Isso se justifica porque todas as narrativas canudenses, de um modo ou outro, pelas relações histórico-ficcionais, revelem-se transtextuais, em maior ou menor medida<sup>40</sup>. Deste modo, o romance em questão apresenta-se como um jogo de armar em diálogo com a Guerra de Canudos como evento histórico e com narrativas anteriores referentes a esta mesma temática.

---

<sup>40</sup> Campos (2011) sintetiza cinco formas de transtextualidade conforme Genette expõe em *Palimpsestos: la literatura en segundo grado*. Trad. Celia Fernández Prieto: Taurus, 2006: 1. Intertextualidade como co-presença de dois ou vários textos, ou seja, a presença efetiva de um texto em outro; 2. Paratexto como relação, menos explícita e mais distante da obra, constituída pelo conjunto apresentado em uma obra literária como, por exemplo: o título, o subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos; notas marginais, de rodapé, de fim de texto, epígrafes; ilustrações, etc.; 3. Metatextualidade como relação – comentário – que une um texto a outro do qual ele fala, sem citá-lo, necessariamente; em alguns casos sem nomeá-lo; 4. Hipertextualidade como tema que o autor se detém a analisar com maior profundidade na obra. É a relação que une um texto B (hipertexto) a um texto A (Hipotexto), do qual ele brota; 5. Arquitextualidade como determinante do *status* genérico de um texto. Geralmente, essa relação está presente no título ou subtítulo da obra como, por exemplo: Poesias, Ensaios, Novela.

Gutiérrez propõe contar a história de duas personagens em especial: Morena e Branca. Para isso, além das estratégias convencionais como as narrações em primeira e terceira pessoas, do discurso direto e indireto, a autora utiliza da reprodução de gêneros como carta, diário, fotografia, gravura, pintura e poesia para urdir um enredo que transita entre o ambiente culto do Brasil e da Europa dos séculos XIX e XX e a representatividade sertaneja, focalizando o evento histórico da Guerra de Canudos.

Trata-se de um livro repleto de alusões a momentos e personagens históricos, a autores e obras de arte. Conforme lemos na orelha do livro, o romance é o resultado da busca da personagem Flora em reconstruir a história da sua tia avó Branca e da irmã de leite desta, as duas nascidas em 1877.

Percorrendo os caminhos do destino de Branca e Morena, Flora entra em cenários de Fortaleza, Londres, Paris, Belo Monte, Rio de Janeiro, Salvador e Berne, e acompanha a travessia do século XIX ao século XX, vislumbrando personagens que viveram e interpretaram a história do tempo, e viventes de outras eras que permaneceram no imaginário dessa época: Sarah Bernhardt, Oswaldo Cruz, Thérèse de Lisieux, Freud, Mme. de la Tour, Dreyfus, Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha, Lélis Piedade, Padre Cícero, Zola, Charcot, Flora Tristán, Pedro II, Pedreiras, Gonçalves Dias, Padre Mororó, Alencar, Mme. de Sevigné, Sainte-Beuve, Stendhal, Ricardo Palma, Garrett, Ortigão, Machado, Eça, Chiquinha Gonzaga, Georges de la Tour, Delacroix, Jeanne d'Arc, Santo Agostinho, Ruy Barbosa, Rainha Victória... (GUTIÉRREZ, 2006 - orelha).

Neste autêntico jogo de armar, conforme afirmou Neto (2008), as descobertas culturais da personagem Branca e a expressividade de seu discurso avultam com maior destaque. Todavia, Morena não deixa de aparecer como uma personagem relevante pelo contraste que a experiência desta se estabelece com a primeira. Apesar das duas terem crescido num ambiente comum sob forte amizade e participado de leituras semelhantes – Morena também sabia francês –, enquanto uma viajou a Europa, a outra fugiu e foi morar com um soldado. Ao separar-se desde, juntou-se aos conselheiristas em Canudos. Ali conheceu a personagem que se apresentou como Charles, com quem teve uma filha, o mesmo francês saído de seu país para se misturar aos sertanejos e quem, por ironia do destino, era a paixão de Branca: Dr. Louis de la Tour.

Entre as muitas particularidades deste romance que, segundo Moraes, “[...] trata-se de um tecido narrativo multifacetado, plurissignificativo, muito bem urdido e costurado por uma autora *expert* neste *métier*” (2007, p. 11), chamam a atenção as tantas referências a personagens ficcionais de outros romances canadenses, como se elas fossem históricas, estabelecendo, assim, uma rede intertextual bastante intensa e revelando, desse modo, a constante releitura daquela temática.

Em determinada passagem do romance, já ocorrido o reencontro entre as amigas, questiona-se sobre a existência de um certo Dr. Louis de la Tour em Belo Monte. Narra-se o seguinte: “Não, de estrangeiro em Canudos Morena só conhecia Charles... Falavam de amalucado, ruivo, alto, que tinha estado por perto, mas não chegara por lá. Vivia pegando nas cabeças das pessoas, fazendo anotações e falando em revolução” (GUTIÉRREZ, 2006, p. 83). Este sujeito de manias estranhas poderia ser considerado uma criação de Gutiérrez se não fosse possível relacioná-lo sob todas as características, tanto físicas como de itinerário, com a personagem Galileo Gall, apresentada por Mario Vargas Llosa no romance *La guerra del fin del mundo* (1981, p. 19-20): “*un combatiente de la libertad*”; “*un escocés que anda pidiendo permiso a la gente de Bahía para tocarles la cabeza*”<sup>41</sup>.

Além dessa, há uma referência implícita ao romance *A casca da serpente* quando lemos que o Conselheiro não morreu e, apesar de doente, “[...] vai se curar e vai peregrinar até fundar outra cidade santa e eu vou de novo para lá” (GUTIÉRREZ, 2006, p. 129). Outros exemplos das mais variadas referências históricas e ficcionais poderiam ser mencionados ao se voltar à pluralidade profícua do romance *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*. As possibilidades de leituras e os diálogos estabelecidos por esta narrativa permitem tamanha gama de análises que, por vezes, mesmo sabendo que todo romance pode ser lido por muitos vieses, elas parecem infinitas.

Assim, com a ressalva de que a intenção deste estudo é apresentar possibilidades, leituras, e não buscar totalidades, não é exagero afirmarmos que os conhecimentos históricos e artísticos amarrados pela autora nessa trama ficcional,

---

<sup>41</sup> “um combatente da liberdade”; “um escocês que anda pedindo licença aos baianos para tocar em suas cabeças”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 20).

nos remetem, também, às categorias transtextuais já apontadas. Nas palavras de Moraes (2007, p. 7-8):

Não é um livro para ser lido de um só fôlego. Até pode ser porque a história vai prendendo a atenção do leitor em direção a um final inesperado. Mas pausas são necessárias, no sentido de perceber a riqueza dos detalhes que a autora esmerou-se em distribuir, conferindo sentidos importantes à leitura. Tudo denuncia cuidadosa pesquisa: a sequência das epígrafes que encadeiam as passagens do romance, as variadas ilustrações que se incorporam à simbologia do texto – como capas de livros, cartas manuscritas em delicados papéis floridos, fotos de monumentos, personagens históricas, quadros famosos – todos esses elementos, enfim, apontam para o labor e o perfeccionismo do processo escritural de Angela Gutiérrez.

O texto de Gutiérrez apresenta uma composição ousada ao amalgamar diversos gêneros e, conseqüentemente, propostas de discursos. As histórias das personagens Branca e Morena, além de outras importantes figuras históricas ou não que compõem o romance, ajudam em grande medida a compreendermos contextos representativos de, pelo menos, duas facetas: vertentes “cultas” europeias e brasileiras no final do século XIX e início do XX, e as contendas no sertão nordestino como corolário do abandono e esquecimento de uma parte importante do país por quase quatro séculos.

As narrativas canudenses aqui apresentadas podem ser encaradas sob os direcionamentos da própria evolução das modalidades de romance histórico. Desde a publicação dos romances históricos sob o modelo inaugurado por Scott até os produzidos na atualidade, apareceram novas abordagens sobre os eventos históricos no processo de reescrita das narrativas ficcionais. Os romances que seguiram os pressupostos do escritor escocês são considerados como exemplos do modelo clássico em que, como características principais (LUKÁCS, 1977; MARQUEZ RODRÍGUEZ, 1993), o tempo e o espaço narrativos se dão num passado histórico distante, o qual funciona como pano de fundo, e as personagens históricas não são evidenciadas como figuras centrais.

Além disso, não há um questionamento crítico e sim a aceitação dos apontamentos estabelecidos pela história oficialmente divulgada. Já nos romances históricos considerados tradicionais (FLECK, 2007), os principais elementos diferenciadores em relação ao modelo clássico, são a subjetivação do material

histórico a partir da perspectiva adotada pelo romancista e a participação de personagens históricas como protagonistas. Das narrativas aqui abordadas, *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos, ressaltadas as particularidades do tema e do momento histórico em que foi escrito, é o romance que mais se aproxima deste modelo tradicional de romance histórico.

A subversão do discurso dos vencedores e a evidência de uma leitura focalizando o arraial de Canudos por dentro, tornam o romance *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos, um representante embrionário de um modelo que, ao se verificar grande parte da produção romanesca surgida na América Latina por volta de 1970, ficou conhecido como novo romance histórico latino-americano. As bases teóricas para a análise dessa vertente foram demonstradas aqui segundo a sistematização de Aínsa (1991) e Menton (1993). Assim, como ruptura fundamental em relação ao romance histórico tradicional, os novos romances históricos apresentam-se como transgressores da história e dos discursos oficiais. Os principais elementos para a composição dessas narrativas são a ironia, a carnavalização, o anacronismo e o uso de comentários metaficcionalis. Aspectos que marcam a intertextualidade, a heteroglossia ou a tanstextualidade também aparecem, em grande medida, na composição desses romances. Além de *João Abade*, a narrativa canudense que mais se aproxima desse modelo é *A Casca da serpente* (1981), de José J. Veiga. Nesta, o elemento fantástico aparece com destaque, como é recorrente em muitos novos romances históricos.

Já os romances *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes, *Veredicto em Canudos* (2002), de Sándor Márai, e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez, não podem ser aproximados nem ao modelo tradicional nem aos novos romances históricos. As características destas três narrativas obedecem a um formato que vai ao encontro de uma mediação entre a história estabelecida oficialmente e a transgressão não radical dos seus discursos. Contudo, elas não deixam de possibilitar a reflexão sobre o presente pelos meandros da história.

Deste modo, são narrativas representativas do que Fleck (2011) denomina romance histórico contemporâneo de mediação. Como verificamos na apresentação desses romances, o primeiro apresenta uma leitura crítica do passado pela personagem frei João Evangelista, contudo, sem distorcer o conteúdo histórico

ou apresentar novidades. *Verdicto em Canudos* busca demonstrar ficcionalmente o momento histórico em que a Guerra de Canudos terminava. Apresenta comentários metaficcionais como no romance de Marcondes e, mesmo declarando a liberdade criativa na sua redação, revela sua dívida com *Os sertões* (1902). No romance de Gutiérrez, percebemos um panorama histórico do Brasil no final do século XIX e início do XX. O uso de muitas estratégias discursivas e da personagem Morena entre os conselheiristas contribuem para estabelecer um contraponto entre as realidades de um Brasil sertanejo desprivilegiado e a parte “civilizada” em que a personagem Branca, por nascer numa família rica, tem a oportunidade de estudar e conhecer os pressupostos da influente cultura europeia.

As narrativas canudenses aqui apresentadas revelam uma trajetória que vai, pois, desde os modelos tradicionais do gênero, passando pelas escritas críticas e desconstrucionistas dos novos romances históricos até às estratégias de mediação, presentes na escrita dos romances históricos contemporâneos de mediação. Destacamos, assim, alguns dos pontos de confluência e as contribuições particulares que os textos escolhidos para figurarem nessa parte do trabalho apresentam entre si. Nesta direção, procuraremos, na sequência, dirigir-nos a análises mais detidas e aprofundadas sobre os romances *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, e *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca, que compõem o *corpus* principal de análise. Nesses textos os conflitos gerados pela questão de Canudos vão além da guerra e se estendem amplamente no espaço do discurso, dos enfrentamentos ideológicos e das tantas possibilidades que a manipulação da linguagem nos oferece.

#### 4 CANUDOS: DOIS MOMENTOS – MÚLTIPLAS LEITURAS

A formação híbrida da América Latina contempla múltiplas culturas as quais representam resultados de encontros que foram se estabelecendo desde a chegada de espanhóis e portugueses ao continente. Sua grande extensão territorial culminou na divisão de regiões que nem sempre concordaram umas com outras em termos políticos, sociais, econômicos e mesmo culturais. Assim, muitas confrontações aconteceram e ainda acontecem nesse espaço. Apesar de não ser difícil de aceitarmos a ideia de que a América Latina é o resultado de múltiplas heranças, o diálogo entre suas ramificações continua complicado em muitos lugares. As narrativas canudenses a serem analisadas aqui são representativas de uma parte desses conflitos.

Enquanto *Os sertões* (1902) – texto de fundamental importância para a escrita dos romances aqui referidos de Vargas Llosa e Aleilton Fonseca –, sob uma ótica marcada pela surpresa do achado de uma cultura diferenciada e por soluções científicas, apresenta o contraste entre dois “Brasis” desconhecidos até o momento da explosão da Guerra de Canudos, *La guerra del fin del mundo* (1981) busca incluir todas as partes possíveis envolvidas no conflito. A obra de Vargas Llosa elabora, alegoricamente, uma leitura “totalizante” das condições inexoráveis dos seres humanos, sobretudo, das relações e das características que eles protagonizam no contexto latino-americano.

Já *O pêndulo de Euclides* (2009) demonstra aspectos da Guerra de Canudos numa avaliação lúcida, permitida pelo distanciamento histórico. Ao mesmo tempo, a obra de Fonseca retrata a realidade atual da região de Canudos, sob o pretexto de encontrar explicações, até então desconhecidas, para mudanças importantes no posicionamento crítico de Euclides da Cunha quando se compara seus artigos como correspondente de guerra e sua obra fundamental *Os sertões*.

N’*O pêndulo de Euclides*, figuras representativas da região – como dona Elza, Estêvo de Madá e seu Ozébio –, ao interagirem com visitantes cultos como o narrador personagem, as personagens poeta Alex e o professor francês Dominique, parecem representar o contato amigável e interessante de mundos culturais diferentes, dispostos a se conhecerem e se enriquecerem numa troca mútua de revelações na contemporaneidade.

Portanto, os dois romances comparados aqui, num diálogo inevitável com o texto euclidiano como todos os outros textos subsequentes sobre a temática canudense, propõem leituras que ultrapassam os limites bélicos da guerra. Apresentam peculiaridades das partes envolvidas e o “desejo”, parece correto afirmarmos, de que dois mundos aparentemente díspares se conheçam e se transformem por meio da universalidade de suas particularidades.

Ao procedermos, a seguir, a leitura desse *corpus*, buscamos, pois, expor como a temática da Guerra de Canudos ultrapassa os terrenos dos conflitos da guerra e se expande a outros limites.

#### 4.1 OS MUNDOS EM *LA GUERRA DEL FIN DEL MUNDO* (1982), DE MARIO VARGAS LLOSA

A escrita do romance *La guerra del fin del mundo* (1981) obedece a um distanciamento histórico considerável em relação ao término da Guerra de Canudos (1897) e à primeira edição d'*Os sertões* (1902). O que inicialmente seria um roteiro de filme, elaborado em parceria com o cineasta Ruy Guerra, a pedido da Paramount, em 1972, ganha consistências com o passar dos anos e das pesquisas feitas até se tornar, talvez, a melhor narrativa de Vargas Llosa.

O filme não se realizou. Conforme declara Vargas Llosa, em entrevista a Ricardo Setti (1986, p. 40), foi uma decepção para Ruy Guerra. Contudo, para o autor peruano surgiu a possibilidade de continuar trabalhando em algo que lhe chamara muito a atenção e, ao mesmo tempo, tinha na escrita do roteiro um resultado muito limitado. Já com o projeto de escrever o romance, Vargas Llosa afirma o seguinte: “[...] continuei lendo e me documentando, e realmente cheguei a me apaixonar de uma forma como poucas vezes me ocorreu com um livro”. (SETTI, 1986, p. 40).

Escrever um romance com a magnitude do *La guerra del fin del mundo* era um desejo que Vargas Llosa já havia externado no ano de 1969 a Günter Lorenz, quando afirmava sua admiração por “narrativas totais” como *Guerra e Paz*. Referindo-se ao romance de cavalaria *Tirant lo Blanch*, de Juan Martorell, expõe:

Este romance é muito importante para mim, porque de certa forma é o que eu gostaria de escrever. É um romance que deslumbra, talvez, antes de mais nada, por sua extraordinária ambição. É uma tentativa de recuperação, diríamos, quase total da realidade. É um modelo de romance total, quer dizer, romance que procura descrever uma realidade em todos os níveis que a compõem. (LORENZ, 1973, p. 160).

Essa ambição peculiar de escrita torna-se possível a Vargas Llosa após a leitura d'*Os sertões*, pois o romancista a classifica como: “[...] uma das grandes experiências da minha vida de leitor. Foi como ter lido, quando garoto, *Os três Mosqueteiros*, ou, já adulto, *Guerra e Paz*, *Madame Bovary* ou *Moby Dick*” (SETTI, 1986, p. 39). O clássico de Euclides da Cunha, segundo Vargas Llosa, é um dos

[...] grandes livros que se escreveram na América Latina. [...] Creio que ele vale por muitas coisas, mas sobretudo porque é como um manual de latino-americanismo, quer dizer, neste livro se descobre primeiro o que *não* é a América Latina. A América Latina não é tudo aquilo que nós importávamos. Não é tampouco a Europa, não é a África, nem é a América pré-hispânica ou as comunidades indígenas – e ao mesmo tempo é tudo isso mesclado, convivendo de uma maneira muito áspera e difícil, às vezes violenta. E tudo isso resultou algo que muito poucos livros antes de *Os sertões* haviam mostrado com tanta inteligência e brilho literário. (SETTI, 1986, p. 39). (grifo do autor).

Podemos notar no trecho acima a perspicácia de um escritor estudioso e observador do processo de construção cultural da América Latina. Por um longo período, desde os primeiros encontros entre europeus e os nativos do Novo Mundo, buscou-se forjar uma América sob as coordenadas estrangeiras. Atribuíam características completamente destoantes a um povo que se formava sob o signo da diversidade, num encontro transformador de culturas (USLAR PIETRI, 1990).

Assim, *Os sertões* representou para Vargas Llosa essa leitura “ao contrário” de um continente oficialmente forjado a partir de pressupostos questionáveis. Verificar no texto euclidiano aspectos da “América real”, com seus problemas e contradições, apresenta-se como forte incentivo para a escrita de *La guerra del fin del mundo*, um romance que podemos considerar, também, um manual de latino-americanismo. Este último, se relacionado à análise empreendida

na tese de doutorado<sup>42</sup> de Djair T. do Rego, o qual verifica os aspectos polifônicos, dialógicos e transtextuais em *La guerra del fin del mundo*, é representado da seguinte maneira nos textos de Euclides da Cunha e de Vargas Llosa:

[...] em *Os sertões*, procura-se justificar a guerra por meio de teses científicas, caracteres deterministas, conspirações de monarquistas e fanatismo religioso num paroxismo com acentuada carga dramática; [...] no romance de Vargas Llosa, existe uma espécie de ferramenta meta-histórica que permite ao narrador transitar pela narrativa de uma forma tal que várias vozes se entrecruzam, formando uma teia polifônica de enunciação. (REGO, 2008, p. 96).

Mesmo sendo notória a disparidade metodológica e conceitual presentes nesses dois escritores envolvidos numa temática comum, um e outro legaram contribuições importantes para que se justificasse a acertada avaliação do autor peruano ao enxergar n'Os sertões um ponto de partida fundamental para interpretações relevantes sobre a América Latina. Assim, cada um à sua maneira, oferecem bases de leitura relacionadas a muitos aspectos da história do continente.

A pesquisa empreendida por Vargas Llosa, para escrever *La guerra del fin del mundo*, durou quatro anos entre leituras e uma visita de três meses, *in loco*, aos sertões percorridos por Antônio Conselheiro. Essa visita foi fundamental para solucionar uma questão que o autor peruano não conseguia entender mesmo com a leitura de “tudo” o que se havia escrito sobre Canudos até então. Não entendia o que o Conselheiro havia dado aos sertanejos para que eles se comportassem de maneira tão radical na Guerra de Canudos. Obteve suas respostas ao deparar-se com a memória viva e “magnificada” das pessoas simples, ligadas direta ou indiretamente ao massacre de Canudos. Vargas Llosa expõe o seguinte ao verificar a influência do beato na vida dos sertanejos:

---

<sup>42</sup> Entre uma variedade considerável de teses, dissertações e artigos relacionados ao romance *La guerra del fin del mundo*, destacamos: REGO, Djair T. *Polifonia, dialogismo e procedimentos transtextuais na leitura do romance La guerra del fin del mundo, de Mario Vargas Llosa: pródromos e epígonos*. Tese. João Pessoa: UFPB, 2008; FERNANDES, Rinaldo N. *Mundo múltiplo: uma análise do romance histórico 'La guerra del fin del mundo', de Mario Vargas Llosa*. Tese. Campinas: UNICAMP, 2002; MARTINS, Cláudia M. *Em busca de um paraíso: o messianismo em 'La guerra del fin del mundo' e 'Videiras de Cristal'*. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 1998. REGO, Tarciso G. do. *Vargas Llosa reescreve Euclides: uma proposta de Brasil*. Dissertação: Rio de Janeiro: UFRJ, 2010; SCHEFFEL, Marcos Vinícius. A vez e a voz do sertanejo em A guerra do fim do mundo. In. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. v. 21. 2011.

O Conselheiro evidentemente não podia resolver o problema dessas pessoas. Não tinha nenhuma possibilidade de melhorar econômica e socialmente um mundo em situação de pauperismo extremo, trágico, e ainda com a seca, os bandoleiros, sem contar a pobreza da própria terra, tão terrível. Mas creio que o genial do Conselheiro foi que ele converteu tudo o que era defeito em virtude. O que deu aos jagunços foi uma possibilidade de interpretar essa condição desamparada e trágica que eles tinham como algo que podia enobrecê-los e dignificá-los. (SETTI, 1986, p. 47).

Muito se especula sobre a formação familiar, as leituras e a psicologia de Antônio Conselheiro. O ponto em que há consenso, todavia, está relacionado à influência carismática que o beato possuía entre os sertanejos. Não podemos esquecer que, antes de formar o arraial de Belo Monte, ele peregrinou por cerca de três décadas, realizando orações, reformas em igrejas e cemitérios nos povoados onde confluíam tempo e narrativas próprios. A vida cultural dessas paragens longínquas e desconhecidas para a população do litoral obedecia a uma ordem que Vargas Llosa pode compreender somente conhecendo pessoalmente “os lugares e os filhos do sertão”. Notando a extrema pobreza, a ameaça das secas e os ataques de bandoleiros ainda comuns durante a primeira metade do século XX, o autor peruano interpretou como “transformador” o papel do Conselheiro. Suas palavras e ações, adequadas a um contexto único o qual conhecia muito bem, repercutiram nos sertanejos como a possibilidade de reação aos ataques de mundos distantes e desconhecidos, como eram o do litoral e o da República.

Quanto às características formais do romance, *La guerra del fin del mundo* está dividida em quatro partes subdivididas em capítulos também subdivididos em seções. Escrito em terceira pessoa, o romance apresenta-se a partir de um narrador onisciente e a ênfase a alguma personagem em cada seção no decorrer da urdidura da narrativa. Isto é, praticamente todas elas são escritas de acordo com o ponto de vista de uma personagem escolhida e sua voz é apresentada, em grande medida, sob as estratégias do discurso indireto livre. Por exemplo, assim inicia a quarta seção do primeiro capítulo da primeira parte: “*Su verdadero nombre no era Galileo Gall, pero era, sí, un combatiente de la libertad, o, como él decía, revolucionario y frenólogo*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 24)<sup>43</sup>. Apesar de *La guerra del fin del mundo* estar escrita a partir da onisciência de um narrador,

---

<sup>43</sup> “Seu verdadeiro nome não era Galileu Gall, mas era, de fato, um combatente da liberdade, ou, como ele dizia, revolucionário e frenólogo” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 25).

não há um monologismo como escreveu Bakhtin (1997, p. 51), e sim uma profusão polifônica. O “protagonismo” e os pontos de vista de diferentes personagens estabelecem os fundamentos ideológicos em que estão inseridas. Isso nos remete à essência dos romances polifônicos em que as vozes, para Bakhtin (1997, p. 21),

[...] permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior a da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento.

Dessa forma, percebemos abordagens ideológicas distintas em personagens que caracterizam, por exemplo, a representação da honra sertaneja (Rufino), do desejo de se chegar ao poder a qualquer preço (Epaminondas Gonçalves), e de ideias fundamentalistas (Moreira Cesar). Em *La guerra del fin del mundo*, não há o enquadramento dos eventos e das personagens no sentido de direcionar o leitor a um posicionamento definido ao final da leitura. Eles são descritos e representados de acordo com suas idiossincrasias e as condições culturais que os envolvem. Cada um defende os “seus lados” os quais estão postos no decorrer do enredo.

O tempo narrativo situa-se, basicamente, no período histórico da Guerra de Canudos. As seções do romance, contudo, não respeitam uma linearidade. As alternâncias cronológicas são recorrentes do começo ao fim do romance podendo, assim, confundir o leitor menos atento ou desinformado em relação ao evento histórico ficcionalizado. Podemos citar como exemplo o episódio narrado na primeira seção do quinto capítulo da última parte (VARGAS LLOSA, 1981, p. 471-6) em contraponto com o narrado na penúltima seção do romance (VARGAS LLOSA, 1981, p. 516-523). Enquanto o primeiro apresenta o diálogo entre as personagens Barão de Canabrava e o jornalista míope meses após o término da guerra, o segundo ainda refere-se aos dias finais dos conflitos, representando as revelações da personagem Antônio Fogueteiro à personagem Antônio Vilanova sobre alguns acontecimentos como o pedido de trégua, historicamente conhecido, da personagem Beatinho, para que os velhos, as mulheres e as crianças pudessem se render. Essas idas e vindas desenvolvidas no plano temporal da narrativa, assim como as

múltiplas perspectivas sugeridas de acordo com personagens representativas das partes envolvidas no evento histórico recriado pela ficção em *La guerra del fin del mundo*, conferem a este romance um aspecto das “[...] narrativas poliperspectivistas, comuns dos novos romances históricos” (FLECK, 2011, p. 92). Assim, não é por acaso que Menton (1993) dedica um dos capítulos do livro em que teoriza sobre a modalidade denominada novo romance histórico à narrativa aqui estudada. Para ele, projeta-se por todo o romance a constatação de que

[...] *no hay una sola verdad absoluta, no hay una sola interpretación verdadera de la historia o de la realidad; en fin, que la realidad es incognoscible. Este punto de vista también coincide con el de la época posmoderna y con los conceptos de lo dialógico y lo polifónico de Bajtín.* (MENTON, 1993, p. 68-9)<sup>44</sup>.

Sob o título “La guerra contra el fanatismo”, o autor canadense sugere a presença de pelo menos quatro personagens em que se evidencia a representatividade de diferentes modos de fanatismo. São elas: Antônio Conselheiro, Rufino, Galileo Gall e Moreira Cesar. Para Menton (1993, p. 69) “[...] *el tema de toda la novela es la condena del fanatismo*”<sup>45</sup>. A personagem Antônio Conselheiro aparece em *La guerra del fin del mundo* como uma figura que se expõe mais nas palavras e nos comportamentos dos seus seguidores do que por si mesma. Nas primeiras páginas do romance é descrita de modo mais detido, porém, em nenhum momento “toma a palavra” o suficiente para que o leitor crie uma perspectiva a seu respeito para compará-la às descrições históricas que se tem dela: o homem “[...] *era alto y tan flaco que parecía siempre de perfil. Su piel era oscura, sus huesos proeminentes y sus ojos ardían con fuego perpetuo*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 15)<sup>46</sup>. Os olhos ardentes do líder sertanejo é um exemplo da recorrência e identificação com distintas formas do fogo que, para Menton (1993, p. 71), é o recurso utilizado por Vargas Llosa para fortalecer as características fanáticas nas personagens apontadas. Elas são acompanhadas por palavras como

---

<sup>44</sup> Nossa tradução livre: [...] não há uma só verdade absoluta, não há uma só interpretação verdadeira da história ou da realidade; enfim, que não se pode conhecer a realidade. Este ponto de vista também coincide com o da época pós-moderna e com os conceitos de diálogo e polifônico de Bakhtin.

<sup>45</sup> Nossa tradução livre: [...] o tema de todo o romance é a condenação do fanatismo.

<sup>46</sup> “[...] era alto e tão magro que parecia sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos proeminentes e seus olhos ardiam em fogo perpétuo” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 15).

“[...] *ojos ígneos*”<sup>47</sup> (VARGAS LLOSA, 1981, p. 32) – Antonio Conselheiro –, “[...] *unos ojitos que echan chispas*”<sup>48</sup> (VARGAS LLOSA, 1981, p. 146) – Moreira Cesar –, olhos em “[...] *brillos azogados*”<sup>49</sup> (VARGAS LLOSA, 1981, p. 282), - Rufino – ou os “[...] *cabellos encendidos*”<sup>50</sup> (VARGAS LLOSA, 1981, p. 19) – Gall.

Entretanto, optamos, aqui, por caracterizar as leituras (pontos de vista) das personagens sobre os eventos, em detrimento de suas faculdades estritamente psicológicas as quais são apresentadas por Délia Cambeiro (2006), ao comparar as conotações que elas recebem nos textos de Vargas Llosa e de Euclides da Cunha, da seguinte maneira:

Em *La guerra del fin del mundo*, Antônio Conselheiro é, para alguns, um santo e um revolucionário desejando efetivar, socialmente, ideais igualitários. Para os representantes do poder é um fanático rodeado de bandidos. Já em *Os sertões*, é um doente paranoico aliciador dos desprovidos que viam na sua figura e palavra a única salvação propagada em seus sermões. (CAMBEIRO, 2006, p. 125).

Fanática, revolucionária, movida pela fé, atrasada culturalmente, ou com todas essas características ao mesmo tempo (VARGAS LLOSA, 2006), focaremos nossa atenção em aspectos da representatividade da personagem Antônio Conselheiro para o contexto geral, assim como o faremos na leitura sobre outras personagens e eventos em *La guerra del fin del mundo*.

Assim, no romance de Vargas Llosa, o beato aparecia sempre de improviso nos pequenos povoados do sertão. Falava de coisas que eram “[...] *sabidas desde tiempos inmemoriales* [...]”. *Cosas actuales, tangibles, cotidianas, inevitables, como el fin del mundo y el Juicio Final* [...] (VARGAS LLOSA, 1981, p. 16)<sup>51</sup>. Esse aspecto ficcional revela a comunicabilidade da personagem Antônio Conselheiro com os sertanejos que compunham um contexto cultural comum. Os significados das suas palavras eram palpáveis, faziam parte das expectativas e estavam de acordo com o imaginário coletivo construído e compartilhado pelos sertanejos há séculos. A pesquisadora Ana Paula M. C. Bovo, cuja dissertação

<sup>47</sup> “olhos ígneos” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 33).

<sup>48</sup> “[...] uns olhinhos que soltam faíscas” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 150).

<sup>49</sup> “[...] brilho inquieto” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 293).

<sup>50</sup> “[...] cabelos incendiados” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 20).

<sup>51</sup> “[...] sabidas de tempos imemoriais [...]”. *Coisas atuais, tangíveis, cotidianas, inevitáveis, como o fim do mundo e o Juízo Final*” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 16).

empreende um estudo das várias representatividades de Antônio Conselheiro em textos histórico/ficcionais, afirma o seguinte:

Hoje sabe-se não haver nada de herético nas pregações do missionário, o qual era proveniente de uma população cujo catolicismo era em boa dose autodidata, já que os quadros da igreja eram sabidamente insuficientes para zelar pela população mais afastada dos grandes centros. (BOVO, 2007, p. 18).

Um exemplo da força simbólica de Antônio Conselheiro – entendamos como força de fé que se materializa em todos os conselheiristas – aparece em *La guerra del fin del mundo* no momento em que Belo Monte está prestes a ser atacado pela terceira expedição. O líder da comunidade resolve caminhar pelas trincheiras sertanejas e falar aos seus. Segundo à perspectiva da personagem Maria Quadrado, “[...] *la llegada del Consejero causó gran alborozo. Los que cavaban o cargaban corrieron a escucharlo*”. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 286)<sup>52</sup>. Esse trecho demonstra o respeito e a admiração que o beato conquistara durante os anos em que percorreu os sertões. Como afirma Bovo (2007, p. 18), a Igreja Católica não possuía representantes em número suficiente para atender toda uma região onde as representações e as forças religiosas, mesmo que em grande medida destoantes em relação ao catecismo oficial, eram presentes e importantes. Assim, não era rara a presença de beatos que, de tempos em tempos, percorriam os povoados falando, entre outros temas, sobre os pecados e o fim do mundo, conquistando a atenção de não poucos sertanejos.

As poucas falas da personagem Antônio Conselheiro, todavia, aparecem quando se narra os momentos anteriores à sua morte. Suas palavras são mais para caracterizar um possível desejo da personagem histórica do que para conferir-lhe uma individualidade ficcional. Esta, como já referimos, está nos “efeitos” de sua representatividade configurada em outras personagens. Portanto, ao perceber que, provavelmente, todos os sertanejos de Belo Monte morreriam, transmite a seguinte ordem à personagem histórica Antônio Vilanova:

- *Anda al mundo a dar testimonio, Antonio, y no vuelvas a cruzar el círculo. Aquí me quedo yo con el rebaño. Allá irás tú. Eres hombre*

<sup>52</sup> “[...] a chegada do Conselheiro causou grande alvoroço. Os que cavavam ou carregavam correram a ouvi-lo” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 297).

*del mundo, anda y enseña a sumar a los que olvidaron la enseñanza. Que el Divino te guíe y el Padre te bendiga.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 480)<sup>53</sup>.

O desejo da continuidade de uma obra que já nasceu fadada à extinção é o que transmitem essas palavras. O mundo de Antônio Conselheiro, possível e funcional como provou ser a comunidade próspera de Belo Monte, não estava de acordo com as diretrizes republicanas para uma nação civilizada. Os conselheiristas renegaram atividades nascidas com a República como o casamento civil e a cobranças de impostos. Também deixaram de trabalhar nas fazendas de muitos coronéis importantes, além de já não comparecem às missas dominicais, onde havia padres pelo sertão. Essas atitudes subversivas, apesar da ordem ficcional da personagem Antônio Conselheiro, dificilmente funcionariam nas proporções de Canudos. Mesmo a Nova Canudos (re)criada ficcionalmente por José J. Veiga em *A casca da serpente* (1989), como vimos em capítulo anterior, não sobreviveu.

Em outra passagem em que o discurso da personagem Antônio Conselheiro aparece de forma direta, notamos a estratégia do autor para, talvez justificar e garantir verossimilhança à quase inverossímil sobrevivência da personagem jornalista míope, uma entre as sete que conseguiram fugir do massacre final de Belo Monte. Dirigindo-se ainda à personagem Antônio Vilanova: “- *Lleva contigo a tu familia, para que no estés solo – susurra el Consejero –. Y llévate a los forasteros del Padre Joaquim. Que cada cual gane la salvación con su esfuerzo. Así como tú, hijo*”. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 480)<sup>54</sup>. Os forasteiros são as personagens Jurema, Anão e o jornalista míope, ficcionalmente salvas do massacre final de Belo Monte. Esta última participa praticamente de todas as fazes do enredo. Os diálogos entre ela e a personagem Barão de Canabrava relevam leituras interpretativas em relação aos motivos e aos significados da Guerra de Canudos.

O fanatismo (MENTON, 1993) da personagem Galileo Gall está ligado ao determinismo científico – como frenólogo, acreditava que a personalidade de cada pessoa derivava do formato do crânio –, às convicções radicais e ao fato de

<sup>53</sup> - Saia pelo mundo a dar testemunho, Antônio, e não volte a atravessar o círculo. Aqui fico eu com o rebanho. Para lá irá você. É homem do mundo, ande, ensine a somar os que esqueceram a lição. Que o guie o Divino Espírito Santo e o Pai o abençoe. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 499-500).

<sup>54</sup> “- Leve junto sua família, para que não fique sozinho – sussurra o Conselheiro. – e leve os forasteiros amigos do Padre Joaquim. Que cada um deles ganhe a salvação com seu esforço. Assim como você, filho”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 500).

enxergar em Canudos um exemplo de estrutura revolucionária para uma utopia social. No entanto, não deixa de apresentar observações relevantes entre as cartas enviadas ao periódico francês *l'Étincelle de la revolte*. Neste, há alguns apontamentos sobre o Brasil que não parecem desmedidos. Sobre a escravidão,

[...] *aunque abolida, existía de facto, pues, para no morirse de hambre, muchos negros libertos habían vuelto a implorar a sus amos que los recibieran. Estos sólo contrataban – por salarios ruines – a los brazos útiles, de modo que las calles de Bahía, en palabras de Gall, ‘hierven de ancianos, enfermos y miserables que mendigan o roban y de prostitutas que recuerdan Alejandría y Argel, los puertos más degradados del planeta’.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 40)<sup>55</sup>.

Notamos aqui uma postura crítica em *La guerra del fin del mundo* sobre um evento importante da história do Brasil. Muitos estudos apontam para a falta de planejamento e as consequências desfavoráveis que a abolição da escravatura representaram, paradoxalmente, para a população de descendência africana. Os aspectos sociais referentes a esse povo – fundamental para a construção da identidade brasileira – ainda são motivos de debates, apesar de serem inquestionáveis as vantagens econômicas de sua contribuição cultural em períodos como o carnaval: momento em que, ironicamente, parece diminuir preconceitos historicamente arraigados. A personagem Gall refere-se, ainda, à formação dos habitantes da Bahia, numa leitura quase euclidiana para a explicação do hibridismo do povo brasileiro:

[...] *pese a los prejuicios, los descendientes de portugueses, indios y africanos se habían mezclado bastante en esta tierra y producido una abigarrada variedad de mestizos: mulatos, mamelucos, cafusos, caboclos, curibocas. Y añadía: ‘Vale decir, otros tantos desafíos para la ciencia’. Estos tipos humanos y los europeos varados por una y otra razón en sus orillas, daban a Bahía una atmósfera cosmopolita y variopinta.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 40)<sup>56</sup>.

<sup>55</sup> [...] embora abolida, existia *de facto*, pois, para não morrer de fome, muitos negros libertos tinham voltado a implorar a seus senhores que os recebessem. Estes só contratavam – e por maus salários – os braços úteis, de modo que as ruas da Bahia, nas palavras de Gall, ‘fervilham de anciãos, doentes e miseráveis que mendigam ou roubam, e de prostitutas que recordam Alexandria e Argel, os mais degradados portos do planeta’. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 42).

<sup>56</sup> [...] apesar dos preconceitos, os descendentes de portugueses, índios e africanos tinham se misturado bastante nesta terra e produzido uma colorida variedade de mestiços: mulatos, mamelucos, cafuzos, caboclos, curibocas. E acrescentava: ‘Isto é, outros tantos desafios à ciência’. Estes tipos humanos e os europeus, estacionados por uma ou outra razão em suas margens, davam à Bahia uma atmosfera cosmopolita e multicolorida. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 42).

As visões baseadas nos determinismos científicos do século XIX percebiam nos encontros, como os apontados acima, muito mais a mescla de raças do que de culturas. Apesar dos preconceitos entre as partes, a América Latina é, contudo, desde seu início o resultado do encontro de culturas. Desta maneira, o que já foi encarado e ratificado como prejudicial à civilização (CUNHA, 1987), surge, de acordo com estudos em grande medida realizados a partir da segunda metade do século XX, como resultado criador e necessário para a própria civilização (USLAR PIETRI, 1990; ZEA, 1999; BERND, 1998; SANTIAGO, 2000; COUTINHO, 2003). Já as convicções da personagem Gall em relação ao ajuntamento de sertanejos em Canudos podem ser identificadas em suas reflexões quando, ao lado da personagem Jurema, está muito perto de Belo Monte – local que o frenólogo escocês não conheceria.

*Podía ser algo primitivo, ingenuo, contaminado de superstición, pero no había duda, era también algo distinto. Una ciudadela libertaria, sin dinero, sin amos, sin policías, sin curas, sin banqueros, sin hacendados, un mundo construido con la fe y la sangre de los pobres más pobres. Si duraba, lo demás vendría solo: los prejuicios religiosos, el espejismo del más allá, se marchitarían por obsoletos e inservibles. Cundiría el ejemplo, habría otros Canudos y quién sabe... Se había puesto a sonreír. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 221)<sup>57</sup>.*

Neste trecho resume-se muito do discurso utópico social representado por uma figura acostumada às lutas revolucionárias europeias. Para a personagem Galileo Gall, apesar dela não compreender a fundo a idiosincrasia do sertão, estava instalada em Canudos, mais do que o ideal, a prática comunista. Numa leitura precisa sobre esta personagem, Angela Gutiérrez (1996, p. 182-3) expõe o seguinte:

Como outros europeus que se aventuravam no novo mundo, Gall tenta encontrar no Brasil o território de suas utopias irrealizáveis no velho continente. Diferentemente do europeu durante a conquista e a colonização da América, não pensa impor uma língua e uma religião

---

<sup>57</sup> Podia ser primitivo, ingênuo, contaminado de superstição, mas não havia dúvida: era também original. Uma cidadela libertária, sem dinheiro, sem patrões, sem policiais, sem padres, sem banqueiros, sem proprietários, um mundo construído com a fé e o sangue dos pobres mais pobres. Se perdurasse, o resto viria só: os tabus religiosos, as miragens do além, tudo isso murcharia por obsoleto e imprestável. O exemplo se propagaria, viriam outras Canudos e, quem sabe... Estava Sorrindo. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 228-9).

ao Brasil, nem dele aproveitar-se economicamente, mas, como seus antecessores, pensa encontrar pronto um paraíso terrestre: não o Eldorado que alvoroçou o espírito dos primeiros visitantes do continente americano, mas a sociedade igualitária que vislumbra em Canudos.

Foram exatamente as imposições linguísticas e ideológicas da colonização europeia (SANTIAGO, 2000, p. 14) que buscaram apagar, primeiro com a força das armas e depois com a do discurso, as manifestações autóctones e africanas sempre presentes e atuantes nas formações culturais do continente. Nesta direção, Canudos representa um movimento à margem e, por conseguinte, fora dos pressupostos oficiais. A sociedade igualitária vislumbrada pela personagem Galileo Gall dificilmente resistiria – a história o confirma – a partir do momento em que sugere uma formação social alternativa, aquém de poderes centralizados.

Mais um representante do fanatismo segundo Menton (1993), é a personagem sertaneja Rufino. Sua persistência para encontrar e matar o homem (Galileo Gall) que violou sua mulher (Jurema) é incansável. Após retornar de um trabalho pelo qual esteve fora por algum tempo, encontra sua casa vazia e descobre que sua esposa havia partido com o forasteiro. Este, numa outra ocasião, intentara contratar Rufino (conhecedor dos caminhos dos sertões) para levá-lo até Canudos. Portadora de uma desonra incomensurável no mundo sertanejo, a personagem Rufino não tem mais outro objetivo que não seja a morte do agora seu maior inimigo.

Assim, uma das atitudes do sertanejo é ir até a casa do seu padrinho de casamento, a personagem Barão de Canabrava, e pedir permissão para romper a promessa, provavelmente relacionada aos laços de matrimônio. Escuta as seguintes palavras do barão: “- *Haz lo que tu conciencia te pida – murmuró –. Que Dios te acompañe y te perdone*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 188)<sup>58</sup>. Já em outro momento da narrativa, a personagem Rufino é informada de que Galileo Gall encontra-se na fazenda de seu padrinho. O sertanejo segue até lá e pede para que o barão entregue a ele o culpado por suas desgraças. Pedido negado, um dos capangas escuta duas sentenças proferidas pelo traído: “- *Dile al Barón que ya no es mi padrino – articula com voz rajada –. Y a él [Gall] dile que estoy yendo a matar a la*

---

<sup>58</sup> “- Faça o que lhe pede sua consciência – murmurou. – Deus o acompanhe e perdoe” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 195).

*que me robó*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 236)<sup>59</sup>. Podemos notar nessas palavras que o objetivo da personagem Rufino é irrevogável e está acima do vínculo anteriormente estabelecido com o dono da fazenda onde a personagem Jurema crescera. No trecho seguinte, já numa outra seção do romance, é possível verificar alguns dos signos que o código da honra representa no sertão:

*Quando vuelve la espalda a la casa grande de Calumbí, Rufino se siente aligerado: Haber roto el vínculo con el Barón le da, de pronto, la sensación de disponer de más recursos para lograr sus propósitos. A media legua, acepta la hospitalidad de una familia que lo conoce desde niño. Ellos, sin preguntarle por Jurema ni por la razón de su presencia en Calumbí, le hacen muchas demostraciones de afecto y, a la mañana siguiente, lo despiden con provisiones para el camino. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 261)<sup>60</sup>.*

Depreendemos que o romance retrata de maneira muito próxima aspectos inerentes ao cotidiano do sertão. A hospitalidade e o respeito para as questões de honra se aproximam do sagrado. Nas entrelinhas, conseguimos perceber que a família sabia o que se passava com a personagem Rufino. Contudo, o atendem sem maiores perguntas. Para Menton (1993, p. 74), com a construção da personagem Rufino, Vargas Llosa não está “[...] *condenando tanto al fanático individual cuanto al código matrimonial fanático de la América Latina. Rufino se siente presionado por sus prójimos a limpiar su honor [...]*”<sup>61</sup>. Essa radicalização da honra tem como fim as mortes em combate das personagens Rufino e Galileo Gall. A determinação desta última em convencer a primeira de que os esforços para matá-lo não se justificam, é em vão:

*- Ciego, egoísta, traidor a tu clase, mezquino, ¿no puedes salir de tu mundito vanidoso? El honor de los hombres no está en sus caras ni en el coño de las mujeres, insensato. Hay millares de inocentes en Canudos. Se está jugando la suerte de tus hermanos, compréndelo.*

<sup>59</sup> “- Diga ao Barão que ele não é mais meu padrinho – articula sua voz trêmula. – E pro forasteiro [Gall], que estou indo matar aquela que ele me roubou” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 244).

<sup>60</sup> Quando dá as costas à casa-grande de Calumbi, Rufino sente-se aliviado: ter rompido o vínculo que o ligava ao Barão lhe dá, imediatamente, a sensação de dispor de mais recursos para lograr seus propósitos. À meia légua, aceita a hospitalidade de uma família que conhece desde criança. Eles, sem perguntar por Jurema nem pela razão de sua presença em Calumbi, recebem-no com muitas demonstrações de afeto e, na manhã seguinte, despedem-no com provisões para o caminho. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 270).

<sup>61</sup> Nossa tradução livre: [...] *condenando tanto ao fanático individual quanto ao código matrimonial fanático da América Latina. Rufino se sente pressionado por seus próximos a limpar sua honra.*

*Rufino movía la cabeza, volviendo del desmayo.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 280)<sup>62</sup>.

Os conceitos de honra para essas personagens são contrários e suas formações culturais parecem impedir a possibilidade de entendimento mútuo. Enquanto para um o que importa é a revolução social representada por Canudos, para o outro o que vale é não deixar que uma afronta culturalmente imperdoável fique sem o devido castigo. Não somente se restringindo à personagem Rufino, narra-se também em *La guerra del fin del mundo* o evento em que um militar do nordeste cobra uma provocação de um militar do sul, explicando que uma forma de fazê-lo é batendo na cara do provocado, “[...] *dice, mientras se abre la bragueta, velozmente saca el sexo y ve salir el chorrillo de orina [...] –. Pero todavía peor que eso es mearle encima*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 531)<sup>63</sup>. Com os exemplos mencionados aqui, Vargas Llosa expõe a representatividade de códigos de honra comuns sob muitas formas na América Latina os quais têm como desfecho, em grande medida, a morte.

O último dos fanáticos apontados por Menton (1993) apresenta-se sob a figura da personagem histórica coronel Moreira Cesar. Representante dos ideais militares e republicanos, ele menciona o seguinte, em diálogo com a personagem Barão de Canabrava:

*- Hay una rebelión de gentes que rechazan la República y que han derrotado a dos expediciones militares [...]. Objetivamente, esas gentes son instrumentos de quienes, como usted, han aceptado la República sólo para traicionarla mejor, apoderarse de ella y, cambiando algunos nombres, mantener el sistema tradicional. Lo estaban consiguiendo, es verdad. Ahora hay un Presidente civil, un régimen de partidos que divide y paraliza el país, un Parlamento donde todo esfuerzo para cambiar las cosas puede ser demorado y desnaturalizado con las artimañas en las que ustedes son diestros.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 213)<sup>64</sup>.

<sup>62</sup> - Cego, egoísta, traidor de sua classe, mesquinho, não pode sair de seu mundinho vaidoso? A honra dos homens não está em suas caras nem na buceta de suas mulheres, insensato. Há milhares de inocentes em Canudos. Estão jogando a sorte de seus irmãos, entenda bem isso.

Rufino sacudia a cabeça, voltando do desmaio. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 290).

<sup>63</sup> “[...] diz, enquanto abre a braguilha, rapidamente tira o sexo e faz jorrar um esguicho de urina [...] –. Mas ainda pior que isso é mijar em cima” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 553).

<sup>64</sup> - Há uma rebelião de pessoas que negam a República e derrotaram duas expedições militares [...]. Objetivamente, tais pessoas são instrumentos daqueles que, como o senhor, aceitaram a República apenas para melhor traí-la, apoderar-se dela e, trocando alguns nomes, manter o sistema tradicional. E o estavam conseguindo, é verdade. Agora há um Presidente civil, um sistema de partidos que divide e paralisa o país, um Parlamento onde todo o esforço para mudar as coisas pode ser retardado

Para essa personagem, os conselheiristas representam uma ameaça à República e, por isso, precisam ser eliminados. Como podemos notar, semelhante a todo defensor ferrenho de uma ideia pronta, Moreira César enumera muitos dos possíveis defeitos de um governo civil. Contudo, em nenhum momento aceita que suas convicções sejam debatidas. Da mesma forma que no âmbito histórico, a ficção em *La guerra del fin del mundo* desenvolve os motivos que fizeram com que Moreira César fosse enviado a Canudos como comandante da terceira expedição. Com as derrotas das duas primeiras, muita pressão política e popular, incendiada por meio de muitos jornais da época que conspiraram contra os conselheiristas (GALVÃO, 1994), culminou com a intervenção do governo republicano do Brasil. Dessa maneira, mais do que um “problema” isolado, o arraial de Belo Monte tornou-se uma questão nacional, totalmente solucionada somente com a quarta, complicada e definitiva expedição militar.

Já numa perspectiva relacionada aos seguidores de Antônio Conselheiro, Cardoso (2010, p. 219) sugere uma leitura sobre o sertanejo configurado por Vargas Llosa entre dois polos contrastantes: o abandono e a redenção. O primeiro termo refere-se ao tratamento social direcionado aos sertanejos e às pessoas culturalmente semelhantes a estes. Já a segunda acepção pressupõe o acolhimento que essa gente recebe em Belo Monte. Essa dicotomia representada pelos termos abandono e redenção tem no processo de nomeação das personagens um elemento estrutural importante. Referindo-se a uma construção qualitativa de identidades, o estudioso expõe o seguinte:

[...] todos os personagens realizam-se em sua dualidade de misérias e alegrias que se manifestam pela presença do nome próprio e do apelido que os qualifica (ex-escravo, filicida de salvador, por exemplo) do seu tempo de homens caídos, substituído, na maioria dos casos, por designação diversa depois que conhecem o Conselheiro e se tornam redimidos. (CARDOSO, 2010, p. 221).

Em outras palavras, as personagens sertanejas de *La guerra del fin del mundo* aparecem deslocadas entre um mundo que os marginaliza e outro que os acolhe “[...] apresentando personalidade que se adapta a cada circunstância, na

---

e desvirtuado pelas artimanhas em que os senhores são destros. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 219-220).

medida em que reagem de acordo com a situação em que se encontram, repetindo, evidentemente, na ficção, uma postura da vida real”. (CARDOSO, 2010, p. 222). Buscaremos elencar aqui alguns momentos em que personagens conselheiristas são apresentadas sob o signo da redenção. Um deles está no desespero da personagem João Grande quando informado pela personagem João Abade sobre quem será o responsável pela Guarda Católica. Ao pedir ao Conselheiro que o livre daquela responsabilidade, ocorre um diálogo:

- *Siempre estás sufriendo, João Grande – murmuró.*  
 - *No soy digno de cuidarte – sollozó el negro –. Mándame lo que sea. Si hace falta, mátame. No quiero que te pase nada por mi culpa. He tenido al pero en mi cuerpo, padre, acuérdate.*  
 - *Tú formarás la Guardia Católica – repuso el Consejero -. La mandarás. Has sufrido mucho, estás sufriendo ahora. Por eso eres digno. El Padre ha dicho que el justo se lavará las manos en la sangre del pecador. Ahora eres un justo João Grande.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 202)<sup>65</sup>.

Antes de se juntar aos conselheiristas, a personagem João Grande, escravo em outros tempos, carregava a culpa de ter matado uma menina, sua ama. Esse assassinato está atribuído no romance a tentações malignas. Contudo, como podemos notar no decorrer na narrativa, o assassino não encontrou obstáculos para se tornar um seguidor da personagem Antônio Conselheiro quando o viu em um dos povoados por onde passara: *“La figura del santo se le velaba a ratos por las lágrimas que acudían sus ojos. Cuando el hombre reanudó su camino, se puso a seguirlo a distancia, como un animal tímido”* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 40)<sup>66</sup>. Arrependido de seu pecado, é representado em *La guerra del fin del mundo* como um dos principais defensores do arraial de Belo Monte. Assim, condenado para o mundo onde nascera, a personagem João Grande torna-se redimido no mundo à margem representado por Canudos. Se nos voltarmos ao processo de nomeação

<sup>65</sup> – Sempre sofrendo, João Grande – murmurou.

– Não sou digno de cuidar de você, pai – soluçou o negro. – Mande o que for. Se for preciso, me mate. Não quero que aconteça nada por minha culpa. Tive o Cão no corpo, pai, se lembre disso.

– Você organizará a guarda católica – retrucou o Conselheiro. – E vai comandá-la. Já sofreu muito, está sofrendo agora, por isso é digno. O Pai disse que o justo lavará as mãos no sangue do pecador. Você agora é um justo, João Grande. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 208).

<sup>66</sup> A figura do santo se apagava por instantes, com as lágrimas que acudiam a seus olhos. Quando o homem retomou seu caminho, seguiu-o à distância, como um animal tímido. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 41).

indicado por Cardoso (2010), podemos notar nos dois trechos do romance mencionados acima, que o “animal tímido” passa a ser um justo.

Outra personagem que conquistou a redenção em Canudos é Maria Quadrado, apresentada em determinados momentos do romance como a “*filicida de Salvador*”. Em outros, já entre os conselheiristas, como “*Madre de los Hombres*”. O processo de nomeação aqui também revela a mudança de tratamento para a mulher que viajou a pé de Salvador a Monte Santo, estuprada por quatro vezes durante o caminho, até se tornar uma das redimidas e se juntar ao séquito de Antônio Conselheiro: “*El hecho es que María Quadrado no se apartó de él un instante, cargando piedras a su lado en el día e escuchándolo con los ojos muy abiertos en las noches*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 53)<sup>67</sup>. Essa personagem feminina, uma vez num lugar em que o crime de ter matado a própria filha é, ao invés de ser julgado pelas leis dos homens, perdoado por Deus, revela-se carregada de compaixão. Ao deparar-se com os combatentes conselheiristas, “[...] *sintió ternura por todos, deseo de limpiarles las frentes, de darles agua y panes recién horneados y decirles que por esa abnegación la Santísima Madre y el Padre les perdonarían todas sus culpas*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 286)<sup>68</sup>.

Mais do que sob um processo de redenção aos olhos de Deus, do Conselheiro e da comunidade de Belo Monte, personagens femininas como Maria Quadrado, Jurema, Alexandrinha Corrêa ou as primas Antônia e Assunção Sardelinha, também são apresentadas com destaque em *La guerra del fin del mundo*. A configuração dessas personagens influencia na trajetória e na maneira de ser das personagens masculinas. A representatividade ficcional dessas mulheres entre os conselheiristas está entre os poucos exemplos capazes de destoar da constatação de que “[...] as publicações disponíveis carecem de informações sobre o papel delas naquela comunidade [...] não se compreende a omissão na literatura e na própria História” (BRAGA, 2011, p. 7). Há poucas décadas não era comum encontrar estudos em que a figura da mulher, assim como outros temas “excluídos” da História, fosse central (BURKE, 1992; LE GOFF, 2001; PERROT, 1992). No contexto brasileiro, mesmo quando não se representava a história de “grandes”

<sup>67</sup> “O fato é que Maria Quadrado não se afastou dele um instante carregando pedras ao seu lado de dia e ouvindo-o com os olhos muito abertos de noite”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 54).

<sup>68</sup> “[...] sentiu ternura por eles, desejo de limpar suas testas, de lhes dar água e pão quentinho e dizer-lhes que por sua abnegação a Santíssima Mãe e o Pai perdoariam todas as suas culpas”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 297).

personalidades ou eventos a partir de uma visão que privilegiasse a parte “nobre” da sociedade,

[...] todo discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravatura, a imigração europeia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de *merecerem* uma maior atenção. (RAGO, 1995, p. 81). (grifo da autora).

Num caminho contrário a esses direcionamentos da escrita da história, em certa medida superados, o olhar para as mulheres de Canudos, segundo uma perspectiva ficcional, destaca-se por ser pouco evidenciado em outros escritos, como pudemos perceber. Em *La guerra del fin del mundo*, as Sardelinhas – uma casada com Honorio e a outra com Antônio Vilanova, personagens histórico-ficcionais – ajudam nos cuidados com os feridos e no abastecimento de água e comida para os combatentes conselheiristas. Num diálogo “entre homens” em que as personagens Antônio Vilanova e Antônio Fogueteiro comentam sobre a morte da personagem Padre Joaquim – este pegou em arma, lutou e morreu de tiro em Canudos –, uma das Sardelinhas opina sem ser repreendida ou contestada pelas vozes masculinas: “– *El Consejero le habrá explicado por qué tenía un fusil en la mano [...]. Y el Padre lo habrá perdonado* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 517)<sup>69</sup>. Notamos aqui uma liberdade de expressão pouco comum para um contexto e uma época em que as questões de gênero eram delimitadas rigidamente, o que não ocorre entre esses dois casais conselheiristas.

A personagem Alexandrinha Corrêa representa uma das beatas que, assim como Maria Quadrado, acompanhavam o Conselheiro o qual, em Canudos, “[...] chegou a permitir que um pequeno número de assistentes-mulheres o servisse pessoalmente” (LEVINE, 1995, p. 230). Antes de sair de casa para seguir o Conselheiro, ela vivia com a personagem Padre Joaquim o qual respeitava o peregrino e não ficou surpreendido com a atitude da mulher. “*Habían tenido tres hijos [...]. Los vecinos la llamaban cuando, más bebido de lo recomendable, el currita se volvía una complicación, y ante ella él era siempre dócil, aun en los*

<sup>69</sup> “– O Conselheiro deve ter explicado a ele. [...] E o pai terá perdoado” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 538).

*extremos de la borrachera*". (VARGAS LLOSA, 1981, p. 122)<sup>70</sup>. As relações conjugais e os vícios terrenos do padre representado no romance estão de acordo com o proceder, velado ou não, de muitos religiosos, também, daquele período. O inusitado no que se refere à personagem Alexandrinha Corrêa é que suas ações são respeitadas pelo "marido". Este, quando visitava o arraial de Belo Monte para levar informações e rezar missas, conversava com a mãe de seus filhos naturalmente.

Já a personagem Jurema destaca-se por sua influência direta no destino de, pelo menos, cinco personagens: Rufino, Galileo Gall, Anão, o jornalista míope e Pajeú. Os dois primeiros morreram numa luta motivada por uma relação sexual forçada (entre as personagens Gall e Jurema), e pela ferida indelével na honra da personagem Rufino. A "culpada" por duas mortes seria, no decorrer da narrativa, a responsável por duas vidas: das personagens Anão e do jornalista míope, que encontraram nela carinho e proteção. Ao acompanhar um comboio de abastecimento para os combatentes conselheiristas que se encontravam afastados de Belo Monte, a personagem Jurema "[...] *creyó que el Enano y el miope permanecerían en la ciudad, pero, cuando estuvo listo el convoy de cuatro acémilas, veinte cargadores y una docena de mujeres, ambos se pusieron junto a ella*". (VARGAS LLOSA, 1981, p. 380)<sup>71</sup>. Após o término da guerra, os três seguem a Salvador e passam a viver juntos, como uma família. A personagem Anão já era como um filho para aquelas duas personagens distintas que se "igualaram" e se amaram sob os fogos da guerra. Num momento do romance, narra-se o seguinte sobre a perspectiva da personagem Jurema:

*Abrió los ojos e seguía sintiéndose feliz, como la noche pasada, la víspera y la antevíspera, sucesión de días hasta la tarde en que, después de creerlo enterrado bajo los escombros del almacén, halló a la puerta del Santuario al periodista miope, se echó en sus brazos y lo oyó decir que la amaba y dijo que ella también lo amaba. Era verdad, o, en todo caso, desde que lo dijo comenzó a serlo* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 485).<sup>72</sup>

<sup>70</sup> "Tiveram três filhos. [...] Os habitantes de Cumbe chamavam-na quando, mais embriagado que o recomendável, o padrezinho tornava-se uma complicação, pois diante dela era sempre dócil, mesmo nos extremos da embriaguez". (VARGAS LLOSA, 1982, p. 125).

<sup>71</sup> "[...] pensou que o Anão e o míope permaneceriam na cidade, mas quando ficou pronto o comboio de quatro burros, vinte carregadores e uma dezena de mulheres os dois se juntaram a ela" (VARGAS LLOSA, 1982, p. 394).

<sup>72</sup> Abriu os olhos e continuava sentindo-se feliz, como na noite passada, na véspera e na antevéspera, sucessão de dias que se confundiam até a tarde em que, depois de imaginá-lo enterrado sobre os escombros do armazém, encontrou à porta do Santuário míope, atirou-se em seus

Ao admitir as suas paixões, esta personagem sertaneja revela-se uma comandante de seus pensamentos e atos, o que não se permitia entre as mulheres inseridas num sistema patriarcal como o do sertão nordestino. Ela encontra no contexto da guerra, somado às trágicas experiências anteriores – entre elas, vítima de estupro –, forças e um sentido de independência a ponto de negar, categoricamente, o pedido de casamento de um dos mais afamados entre os conselheiristas: Pajeú – no romance de Vargas Llosa e também de acordo com informações históricas, “[...] comandava os guerrilheiros que ficavam nas cercanias de Canudos para guardar e defender a cidade santa” (MONIZ, 1978, p. 127). Quando procurada pela personagem Padre Joaquim, intermediária das intenções do pretendente, não vacila em responder: “– *No es terquedad ni que le tenga odio. [...] Si fuera otro que Pajeú, tampoco lo aceptaría. No quiero volver a casarme, Padre.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 418)<sup>73</sup>. Com a personagem Jurema, e em alguma medida nos seus companheiros inseparáveis, parece ter ocorrido a partir de situações adversas, num risco contínuo de morte, ironicamente, um encontro triplo e mútuo com uma humanidade, desconhecida até então, que a tornou forte a ponto de não medir possíveis consequências das suas decisões.

As personagens femininas mencionadas aqui também são representativas das “[...] mulheres [que] executavam trabalhos pesados, bem como as crianças e os velhos, o que ocorria em todas as áreas rurais do Brasil”. (LEVINE, 1995, p. 231). Entretanto, também são desenvolvidos no romance não somente aspectos arraigados em estereótipos relacionados aos desvalidos do sertão. Vargas Llosa incursiona por um contexto em que a voz e a vez dos excluídos, em suas múltiplas perspectivas, proporcionam leituras que vão além das reinterpretações do passado. Para Scheffel (2011, p. 135), *La guerra del fin del mundo* levanta “[...] uma série de questões que incomodavam os intelectuais e a sociedade latino-americana rompendo com o engajamento militante e partidário e oferecendo uma visão múltipla da história”. Este pesquisador refere-se ao período marcado por ditaduras na América Latina onde muitos intelectuais, na contramão dos direcionamentos

---

braços e ouviu dizer que a amava e disse que ela também o amava. Era verdade, ou, em todo caso, desde que o disse começou a ser. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 505).

<sup>73</sup> “– Não é teimosia nem que tenha ódio dele. [...] Se fosse outro que não Pajeú, também não aceitava. Não quero voltar a me casar, Padre”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 434).

ideológicos estabelecidos, tanto no momento de suas produções como por um passado histórico, (re)elaboraram temas discutidos timidamente até então – a história das mulheres está entre eles.

Personagens como o Leão de Natuba e o Anão são apresentados como rejeitados sociais, antes de tudo, devido as suas características físicas. O primeiro nasceu com as pernas muito curtas e uma cabeça enorme “[...] *de modo que los vecinos de Natuba pensaron que sería mejor para él y para sus padres que el Buen Jesus se lo llevara de pronto ya que, de sobrevivir, sería tullido y tarado. Sólo lo primero resultó cierto*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 100)<sup>74</sup>. O segundo, Anão, a exemplo de companheiros como a Barbuda e o Bobo, que percorriam os sertões no Circo do Cigano, somente juntos e nas atividades circenses, “[...] *dejaron de vivir avergonzados y asustados y compartían una anormalidad que los hacían sentirse normales*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 150)<sup>75</sup>. Contudo, tanto a personagem Leão de Natuba como a personagem Anão, possuíam habilidades que os tornavam notáveis para o mundo sertanejo. Gutiérrez (1996), afirma que eles estão entre os homens-palavra em *La guerra del fin del mundo*, representados como

[...] pequenos monstros marginalizados pela sociedade: o escriba-leitor, ser disforme e angelical, depositário da palavra do Conselheiro, o León de Natuba, e o anão de circo, contador de histórias, que mantêm os aguerridos sertanejos de Belo Monte quietos e absortos, ouvindo as aventuras e desventuras dos antigos cavaleiros da Távola Redonda. A través da palavra, esses dois seres monstruosos encontram a redenção em um lugar entre os homens como representantes de entidades sacralizadoras: a memória escrita do homem-santo e a memória oral dos homens-do-mundo. (GUTIÉRREZ, 1996, p. 58).

O escriba monstruoso acompanhara a personagem Antônio Conselheiro desde a época em que esta havia passado por Natuba e o defendera de uma acusação de morte. Desde então, tornara-se um dos mais próximos ao beato, “[...] *escribía todas las palabras del Consejero [...]. Sus pensamientos, sus consejos, sus rezos, sus profecías, sus sueños. Para la posteridad. Para añandir otro evangelio a*

<sup>74</sup> “[...] de modo que os habitantes de Natuba pensaram que seria melhor para ele e seus pais que o Bom Jesus o levasse logo, pois, no caso de sobreviver, seria entevado e retardado. Só a primeira previsão acabou acontecendo”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 103-4).

<sup>75</sup> “[...] deixaram de viver envergonhados e assustados e compartilhavam uma anormalidade que os fazia sentir-se normais”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 154).

*la Biblia*". (VARGAS LLOSA, 1981, p. 456)<sup>76</sup>. Já a personagem Anão chegou a Belo Monte acompanhando as personagens Jurema e o jornalista míope. Em determinado momento da narrativa, o contador de histórias medievais comenta o seguinte, quando analisa a situação de muitos dos conselheiristas: "*¿Has visto nunca tantos mancos, ciegos, tullidos, tembladores, albinos, sin orejas, sin narices, sin pelos, con tantas costras y manchas? Ni te has dado cuenta, Jurema. Yo sí. Porque aquí me siento normal*". (VARGAS LLOSA, 1981, p. 351)<sup>77</sup>. Essa normalidade atribuída a essas personagens vão ao encontro da dicotomia rejeitados *versus* redimidos. No arraial de Belo Monte, são normais e protegidas por saberem, cada um a sua maneira, lidar com as palavras.

Um exemplo é a atenção que a personagem João Abade, antes temida em todo o sertão, dedica ao Anão, pedindo que lhe conte, um dia, a história de "*Roberto el Diablo*". Esta narrativa medieval aparece de maneira intertextual para representar a trajetória de crimes e a redenção da personagem João Abade que, antes de converter-se em conselheirista, era conhecido por João Satã. Para Vasallo (1993) a recorrência de histórias baseadas no romanceiro medieval, na cultura popular nordestina, deve-se à herança do modelo português da época dos descobrimentos que emigrou para o Novo Mundo.

A oralidade predominante naquele período sobrevive fixada em especial nessa região, por ser depositária do acervo cultural e social da Europa medieval. Aí permaneceu devido a múltiplas razões: por ser a mais antiga zona de colonização que prosperou; pelo isolamento prolongado em que a região permaneceu; pelo encontro e cruzamento contínuo de raças e culturas; pela estabilidade e longa duração de uma organização social semi-feudal de latifúndio e patriarcalismo, perpetuadora das tradições herdadas. A continuidade da literatura medievalizante no Nordeste confirma o conceito de arcaísmo atribuído a essa sociedade. (VASSALLO, 1993, p. 69).

Com base no exposto, percebemos que o romance *La guerra del fin del mundo* sugere representações ficcionais de acordo com os pressupostos históricos do sertão nordestino. A tradição oral difundida por cantadores e escritores de cordel

<sup>76</sup> "[...] escrevia todas as palavras do Conselheiro [...]. Seus pensamentos, seus conselhos, suas rezas, suas profecias, seus sonhos. Para a posteridade. Para acrescentar outro Evangelho à Bíblia". (VARGAS LLOSA, 1982, p. 474).

<sup>77</sup> "Já viu tantos cochos, cegos, entrevados, tremeadores, albinos, sem orelhas, sem nariz, sem cabelo, com tanta ferida e tão machucados? Você nem notou, Jurema. Eu sim, porque aqui me sinto normal". (VARGAS LLOSA, 1982, p. 364).

obteve solo propício na formação de um mundo ainda, em grande medida, isolado dos grandes centros urbanos. As condições de espaço e tempo ajudaram para a continuidade de um contexto aproximado a um período que há muito tempo deixou de existir no continente europeu. Os encontros culturais da região somados a um isolamento histórico favoreceram uma sociedade completamente distinta que apareceu para o mundo “civilizado” do litoral somente com o impacto proporcionado pela publicação d’ *Os sertões* (1902).

Entre os componentes culturais do sertão nordestino, destacam-se em *La guerra del fin del mundo* a presença dos autóctones e dos negros entre os conselheiristas. A história dos indígenas, conforme Vainfas (2000), desde os primórdios da colonização portuguesa, nunca foi motivo de grandes preocupações entre os historiadores. Apesar da benevolência cristã das missões jesuíticas em relação aos “gentios”, “[...] a população nativa, que se contava na casa dos milhões de pessoas no limiar do século XVI, mal ultrapassa hoje os 300 mil indivíduos” (VAINFAS, 2000, p. 37). Quanto à população de origem africana, apesar de numerosa e da sua relevância fundamental na formação cultural do país, ainda é vítima de preconceitos, no contexto democrático do século XXI, historicamente construídos. Segundo Levine (1995, p. 232), “[...] moradores das vilas circunvizinhas, povoadas predominantemente por aborígenes e organizadas no período colonial por missões religiosas, foram para Canudos”. Mais adiante expõe que descendentes de escravos africanos, elementos extraordinários nos sertões, também se mudaram para Canudos: “[...] viajavam léguas para ouvi-lo pregar, sem trazer comida e sem saber como iriam sobreviver” (LEVINE, 1995, p. 232).

Estas informações estabelecidas a partir de pressupostos históricos são reafirmadas no romance de Vargas Llosa, nas referências a índios e negros os quais também seguiram para Belo Monte, onde se estabeleceram em pontos específicos do arraial. Em um descampado vizinho ao Mocambo, “[...] *aglomeración contigua en la que coincidían tantos cafusos, mulatos y negros*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 314)<sup>78</sup>, os índios kiriris “[...] *levantaron sus cabañas y abrieron entre ellas sus sembríos. Iban a oír los consejos y chapurreaban suficiente portugués para entenderse con los demás, pero constituían un mundo aparte.*” (VARGAS LLOSA,

---

<sup>78</sup> “[...] aglomeração contigua em que viviam tantos cafuzos, mulatos e negros” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 326).

1981, p. 346)<sup>79</sup>. Na comunidade liderada por Antônio Conselheiro, apesar dos “mundos aparte” representados pelos elementos culturais sertanejos, indígenas e de conotação africana, notamos que houve, tanto historicamente como na ficção de *La guerra del fin del mundo*, uma aceitação das partes em detrimentos das diferenças. A convivência pacífica, numa luta unida pela fé e por permanecerem num lugar onde as relações humanas funcionavam num enfrentamento às dificuldades do sertão, destoa do radicalismo empreendido pelos republicanos do litoral os quais buscaram destruí-la sem dar-se ao trabalho de a conhecerem. O encontro de culturas no arraial de Belo Monte simboliza a expectativa de uma civilização multifacetada ao contrário das imposições unilaterais pretendidas segundo os ideais republicanos e positivistas da época. Estes últimos não compreenderam que, por mais que um ou outro grupo pretenda manter suas características “primitivas” ou “superiores”, pelos mais diferentes motivos, o contato com outras configurações sociais, linguísticas ou culturais é inevitável e, acima de tudo, necessário.

Para Canudos, também seguiram pessoas de recursos que venderem suas terras e seu gado. Mas foram principalmente os rejeitados pela sociedade considerada civilizada que encontraram refúgio e um ambiente no qual puderam viver, numa dignidade incomum nos lugares onde viviam anteriormente.

Homens e mulheres paupérrimos. Índios do aldeamento de Mirandela e Rodelas, certamente localizados na rua dos Caboclos; pretos libertados pela lei áurea, conhecidos por ‘13 de maio’, que deviam predominar na ‘rua dos negros’. Doentes mentais, aleijados, incapacitados que viviam das esmolas do Bom Jesus e esperavam seus milagres. Todos atraídos pelo poder de Antônio Conselheiro, pelos seus conselhos, pelo lenitivo que ele lhes podia proporcionar. (CALASANS, s.d., p. 6)<sup>80</sup>.

Segundo lemos em *La guerra del fin del mundo*, diariamente chegavam romeiros, “[...] *los que no eran tullidos o enfermos se ponían de pie. En sus ojos había hambre y felicidad.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 227)<sup>81</sup>. A massa conselheirista composta por uma gente simples e de fé inabalável, foi se estabelecendo às

<sup>79</sup> “[...] levantaram suas cabanas e, entre elas, plantaram. Iam ouvir os conselhos e arranjavam um português suficiente para se entender com os outros, mas constituíam um mundo à parte”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 359).

<sup>80</sup> Canudos - origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. In. *José Calasans*. Página oficial do autor disponível em: <http://josecalasans.com/>. Acesso em 25/09/2012.

<sup>81</sup> “[...] levantaram-se os que não eram entrevados ou doentes. Em seus olhos havia fome e felicidade” (VARGAS LLOSA, 1982, p. 234).

margens do rio Vaza-barris. Eram pessoas pobres e ao mesmo tempo felizes que construíram suas casas, trabalhavam, rezavam e se relacionavam num cotidiano parecido com o de outras comunidades do sertão. Entretanto, isso era acompanhado pela certeza da proximidade de Deus, numa convivência interpessoal próxima da igualdade, além de não se admitir o pagamento de impostos sobre o pouco que muitos nem tinham ao chegarem a Belo Monte.

Outros aspectos interpretativos de eventos históricos no romance de Vargas Llosa, por exemplo, aparecem na caracterização do envolvimento dos jornais da época, assim como o da Igreja. Num momento em que a personagem Moreira Cesar fala aos jornalistas que acompanharão a terceira expedição, lemos o seguinte: “[...] *Debo advertirles que si alguno intentara enviar un artículo sin el visto bueno de mis adjuntos, cometería una grave infracción*”. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 148)<sup>82</sup>. Essa postura de uma personagem representante das forças armadas é um exemplo da censura sobre informações muitas vezes evidentes na história da América Latina. Grande parte dos direcionamentos jornalísticos, sobre o ajuntamento conselheirista, foi no sentido de caracterizá-lo como uma ameaça nacional. No livro *No calor da hora* (1994), Galvão apresenta uma relação de artigos surgidos nos principais jornais do Brasil no período da Guerra de Canudos.

Num capítulo recheado de informações históricas referentes à República e às condições do sertão percorrido durante décadas por Antônio Conselheiro, comenta-se também sobre a atitude de padres em relação ao beato. Os “[...] *de algunos lugares, como Tucano y Cumbe, le permitían hablar a los fieles desde el púlpito y se llevaban bien con él; otros, como los de Entre Ríos e Itapicurú se lo prohibían y lo combatían*”. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 30)<sup>83</sup>. Notamos, aqui, que a postura de muitos padres do sertão em relação a Antônio Conselheiro não era de rechaço, ao contrário de outros que não o aceitavam. As longínquas paragens sertanejas contribuíam para que sacerdotes adotassem um cotidiano menos rígido, aceitando o convívio paralelo de práticas religiosas nem sempre de acordo com os pressupostos vigentes direcionados por Roma. A personagem padre Joaquim, por exemplo, em *La guerra del fin del mundo*, leva um vida boêmia, casa-se e tem filhos.

<sup>82</sup> “[...] Devo advertir-lhes que se alguém tentar enviar um artigo sem a aprovação dos meus adjuntos, cometerá grave infração”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 152).

<sup>83</sup> “[...] de alguns lugares como Tucano e Cumbe permitiam-lhe falar aos fiéis do púlpito e se davam bem com ele; outros, como o de Entre Rios e Itapicuru não, e até o combatiam”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 31).

Além de ser um dos que rezava missa em Belo Monte, no decorrer da narrativa, pega em arma e se transforma em combatente conselheirista tocado pela fé que sempre notou entre os sertanejos, nunca vivenciada por ele: um sacerdote.

Já a personagem histórica frei João Evangelista de Monte Marciano, também retratada no romance de Vargas Llosa, representa uma postura menos flexível em relação ao arraial de Belo Monte. Numa entrevista concedida à personagem Galileo Gall, que o procurou no *Monasterio de Nuestra Señora de la Piedad* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 53-7), o estrangeiro explica que,

[...] *en el curso de la charla noté que está lleno de odio contra Canudos, por el fracaso de la misión que lo llevó allá y por el miedo que debió pasar entre los 'heréticos'. Pero aún descontando lo que haya de exageración y rencor en su testimonio, el resto de verdad que queda en él es [...] impresionante.* (VARGAS LLOSA, 1981, p. 55)<sup>84</sup>.

É sabido que a personagem histórica frei Monte Marciano foi enviada em missão a Canudos para dissuadir os conselheiristas de permanecer em Belo Monte. Efetou casamentos e batizados, porém, não obteve sucesso quanto ao principal motivo de sua missão. Os sertanejos não quiseram retornar às suas antigas casas para que a vida no sertão voltasse à “normalidade”. Essa missão mal sucedida resultou na escrita de um relatório que, apesar de descrever sob muitos aspectos as características dos conselheiristas e do arraial, apresenta-se carregado de acusações, um material propício à justificativa de que Belo Monte não podia continuar crescendo<sup>85</sup>.

Das variadas vozes ideológicas representadas em *La guerra del fin del mundo*, as que apresentam leituras menos radicais em relação as causas e as decorrências da Guerra de Canudos são as personagens ficcionais Barão de Canabrava e o jornalista míope. Para Menton (1993, p. 75):

*Frente a los cuatro fanáticos principales se opone el Barón de Cañabrava, simbolizado por el camaleón. Hacendado rico, cacique político, ex ministro bajo el Imperio y ex embajador ante la Gran Bretaña, el Barón llega a ser el coprotagonista de la novela, opacado*

<sup>84</sup> “[...] durante a conversa notei que está cheio de ódio contra Canudos, pelo fracasso da missão que o levou lá e pelo medo que deve ter sentido entre os ‘heréticos’. Mesmo descontando e exagero e o rancor de seu testemunho, o resto de verdade que há nele é [...] impressionante”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 56).

<sup>85</sup> Cf. nota número 8 do presente estudo.

*sólo por el periodista miope, y a veces el portavoz ideológico de Vargas Llosa. También es el mejor ejemplo del afán del autor por desmentir ciertos estereotipos latinoamericanos*<sup>86</sup>.

A personagem Barão de Canabrava, em muitos momentos da narrativa direciona seu olhar para a parte externa de sua casa, em Salvador, a procura de seu camaleão, animal que representa a possibilidade de mudanças de acordo com as situações. Da mesma forma que este último, as atitudes da personagem Barão de Canabrava não é representada no romance conforme radicalismos políticos ou configurados de acordo com a imparcialidade de muitos coronéis do sertão que mandavam e desmandavam acima de legalidades jurídicas. Pelo contrário, aparece como um observador, disposto a mudar de postura ante as necessidades pessoais e, também, para o bem comum. Para este fazendeiro e político, os sertanejos representam uma gente que

*[...] no roba ni mata ni incendia cuando sienten un orden, cuando ven que el mundo está organizado, porque nadie sabe mejor que ellos respetar las jerarquías [...]. Pero la República destruyó nuestro sistema con leyes impracticables, sustituyendo el principio de la obediencia por el de los entusiasmos infundados. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 211)*<sup>87</sup>.

As leituras da personagem Barão de Canabrava sobre o sistema sertanejo são parecidas com as realizadas por estudiosos que buscaram analisar profundamente o sertão nordestino sem as amarras ideológicas previamente estabelecidas. Contudo, não podemos considerar que todos os donos de terra no sertão eram ditadores implacáveis. A proximidade entre patrão e empregados não era de todo hostil, sendo muito comum o apadrinhamento como o representado pelo próprio Barão de Canabrava em relação às personagens Rufino e Jurema. Ao viajar pelos sertões de Antônio Conselheiro, Vargas Llosa se deparou com uma casa, ainda conservada, que pertenceu a um grande latifundiário: “[...] ali entendi muito o que poderia ter sido a mentalidade de um senhor feudal da época. O personagem

<sup>86</sup> Nossa tradução livre: Frente aos quatro fanáticos principais se opõe o Barão de Canabrava, simbolizado pelo camaleão. Fazendeiro rico, cacique político, ex-ministro baixo o império, ex-embaixador ante a Grã Bretanha, o Barão chega a ser o coprotagonista do romance, obscurecido somente pelo jornalista míope, e às vezes porta voz ideológico de Vargas Llosa. Também é o melhor exemplo do empenho do autor por desmentir certos estereótipos latino americanos.

<sup>87</sup> [...] não rouba nem mata nem incendeia quando sente uma ordem, quando veem que o mundo está organizado, porque ninguém sabe melhor que eles respeitar as hierarquias [...]. Mas a República destruiu o nosso sistema com leis impraticáveis, substituindo o princípio da obediência pelo das paixões infundadas. (VARGAS LLOSA, 1982, 218).

Barão de Canabrava [...] cresceu tremendamente desde a visita a essa propriedade” (SETTI, 1986, p. 49).

Quanto à flexibilidade política representada pela personagem Barão de Canabrava, deparamo-nos com uma exposição que ela faz àquele que era o seu principal adversário, a personagem líder do partido republicano Epaminondas Gonçalves: “- *Creo que se acabó un estilo, una manera de hacer política [...]. Reconozco que me he quedado obsoleto. Yo funcionaba mejor en el viejo sistema [...]. Estando así las cosas, la persona mejor preparada para mantener el orden es usted*”. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 330-1)<sup>88</sup>. Mais um exemplo de análise crítica da personagem Barão de Canabrava aparece em suas palavras ao dialogar com a personagem jornalista míope: “- *¿Locura, malentendidos? No basta, no explica todo [...]. Ha habido también estupidez y crueldad. [...] Supongo que no sólo Canudos, que toda la historia está amasada con eso*”. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 361)<sup>89</sup>. Percebemos, nas interpretações dessa personagem ficcional, um olhar construído a partir de elementos que lhe permitem não incorrer em sentenças precipitadas. Aproxima-se de um revisionismo histórico permitido pelo distanciamento da escrita do romance em relação ao evento da guerra em si. A voz da personagem Barão de Canabrava integra-se à polifonia de *La guerra del fin del mundo* num processo que reescreve a história de Canudos e “[...] também, em palimpsesto, a história do continente dilacerado em uma luta equivocada e inglória entre civilização e barbárie” (GUTIÉRREZ, 2009, p. 264).

A personagem jornalista míope, mais do que um representante dos jornalistas que contribuíram de modo decisivo, para o bem e para o mal, com a repercussão dos conflitos em Canudos, é apresentada como um elemento em contato com os dois lados envolvidos: o Brasil oficial e os sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro. Sua trajetória começa “a serviço” dos republicanos, passa por uma experiência transformadora entre os conselheiristas e culmina com o seu desejo de escrever um livro sobre aquela história de mal entendidos. Todo o segundo capítulo de *La guerra del fin del mundo*, composto por somente três

<sup>88</sup> “- Acredito que já se acabou um estilo, uma maneira de fazer política [...]. Reconheço que estou obsoleto. Funcionava melhor no velho sistema [...]. E porque as coisas estão assim, o senhor é a pessoa melhor preparada para manter a ordem”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 343).

<sup>89</sup> “- Loucura, mal entendidos? Não basta, não explica tudo [...] Houve também burrice e crueldade. [...] Penso que não apenas Canudos, que toa a história é feita desse material”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 374).

seções, é dedicado à representação da construção de uma farsa elaborada pelo Partido Republicano – comandado pela personagem Epaminondas Gonçalves – para atacar o Partido Autonomista, liderado pela personagem Barão de Canabrava. Esta construção permitida pela manipulação das informações e da linguagem compõe toda a segunda seção: uma matéria escrita pela personagem jornalista míope, um texto conspirador previamente marcado.

A curiosidade desta personagem, contudo, faz com que ela se torne um dos jornalistas a acompanhar a expedição de Moreira César. Uma série de fatores delineados na sequência do enredo juntam as personagens jornalista míope, Jurema e o Anão os quais se encontram em plena guerra entre os sertanejos de Belo Monte. Antes de chegar ao local que desejava conhecer em situações menos drásticas, os óculos do jornalista se quebram. Talvez por isso, em toda sua estada no arraial, essa personagem é designada pelo narrador apenas pelo nome míope. Ela utiliza os outros sentidos em detrimento da visão, mudanças radicais ocorrem com ele durante o período em que sua vida estava constantemente ameaçada. Apaixona-se pela personagem Jurema e seu amor é correspondido. Os dois, mais a personagem Anão, tornam-se companheiros inseparáveis. Em determinado momento da narrativa, lemos:

*Por culpa de esa nariz y esa miopía sólo había tenido entre los brazos a las putas de Bahía, conocido esos amores mercantiles, rápidos, sucios, que dos veces pagó con purgaciones y curas con sondas que lo hacían aullar. Él también era monstro, tullido, inválido, anormal. No era accidente que estuviese donde habían venido a congregarse los tullidos, los desgraciados, los anormales, los sufridos del mundo. Era inevitable pues era uno de ellos. (VARGAS LLOSA, 1981, p. 451)<sup>90</sup>.*

Estar entre os conselheiristas e se sentir um deles são fatores fundamentais para que aconteça nessa personagem letrada um processo de redenção e revisão de suas convicções. Há um choque entre dois mundos culturais que, ao cabo, revelam mais do que confrontos ideológicos e permite o retorno à

---

<sup>90</sup> Por culpa desse nariz e dessa miopia só tivera nos braços as putas da Bahia, só conhecera esses amores interesseiros, rápidos, sujos, que duas vezes pagou com purgações e curativos com sondas que o faziam uivar de dor. Também ele era um monstro, entrevado, inválido, anormal. Não era por acaso que estivesse onde se haviam congregado os entrevados, os desgraçados, os anormais, os sofreadores do mundo. Era inevitável, pois era um deles. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 469).

condição primeira do ser humano: sobreviver. É nesse sentido que Gutiérrez (2009, 266-7) interpreta *La guerra del fin del mundo*

[...] não apenas como a representação da luta social e política entre civilização *versus* barbárie, tradicionalmente um tema da literatura do continente, mas também como uma alegoria da luta entre duas forças internas do homem: a que lhe é natural, instintiva, sexual, anterior aos limites impostos pela civilização, a do homem primitivo, e a que lhe foi imposta pela necessidade de sobrevivência na grei, a do homem civilizado.

Não é por acaso que, em diálogo com a personagem Barão de Canabrava, a personagem jornalista míope confessa o desejo de escrever sobre aquele evento dramático da história do Brasil o qual não pode enxergar com os olhos, mas vivenciou com os ouvidos, o tato, o olfato, a fome, a sede, o medo e o amor. Transforma-se numa personagem que não vacila em afirmar: “*Canudos ha cambiado mis ideas sobre la historia, sobre el Brasil, sobre los hombres. Pero, principalmente, sobre mí*” (VARGAS LLOSA, 1981, p. 401)<sup>91</sup>. Os diferentes posicionamentos, assim como a possibilidade de uma personagem mudar suas visões sobre a “realidade” de acordo com suas experiências, reafirmam a multiplicidade de facetas sugeridas no romance de Vargas Llosa aqui em estudo. Todas elas defendidas segundo a visão de personagens inseridos em mundos próprios que “formam” e caracterizam seus discursos, permitem reafirmar a constatação de que não há verdades absolutas nem interpretação unívoca da história ou da realidade (MENTON, 1993, p. 68-9).

Em meio a uma profusão de vozes relacionadas a uma gama considerável de contextos e de interesses, *La guerra del fin del mundo* surge como um metonímia de conflitos comuns à América Latina. Autores como Cardoso (2010), Gutiérrez (1996; 2009), Cambeiro (2006) e Menton (1993) destacam essa estreita relação. O próprio escritor peruano afirma que o caso protagonizado por Antônio Conselheiro “[...] *es digno de memoria porque ilustra, más trágicamente que ningún otro, los terribles extravíos de que está llena la historia de América*” (VARGAS LLOSA, 1979, p. 39)<sup>92</sup>. Para Cardoso (2010), as obras de Vargas Llosa apontam

<sup>91</sup> “Canudos mudou minhas idéias sobre a história, sobre o Brasil e sobre os homens. Mas, principalmente, sobre mim”. (VARGAS LLOSA, 1982, p. 416).

<sup>92</sup> Nossa tradução livre: [...] é digno de memória porque ilustra, mais tragicamente que nenhum outro, os terríveis extravios de que está cheio a história da América.

para uma necessidade de mudança política e social ao apresentarem propostas de confrontações entre a tradição e a renovação, entre a imobilidade de estruturas e sua evolução. Assim, apresentam-se como representativas de uma urgência em superar esses confrontos. Em *La guerra del fin del mundo*, “[...] o personagem que tipifica a urgência é o líder messiânico Antônio Conselheiro, cuja presença era marcante e sempre, à sua passagem, deixava os ouvintes perplexos” (CARDOSO, 2010, p. 227). Para Cambeiro (1991, p. 108), “[...] Llosa pintou um monumental painel de imagens – misto de crônica e situações factuais – ao repensar, em perspectiva crítica criadora, o que chamou de um ‘mal-entendido nacional’”. Antes mesmo de cogitar a escrita de seu romance total, Vargas Llosa já afirmava:

[...] a tradição cultural latino-americana é rica, porém, múltipla, fragmentada; em parte acolhe a tradição cultural européia, mas por outro lado, há uma série de vertentes aborígenes, africanas que também contribuem para a vida cultural do homem americano. Contudo, essas diferentes fontes culturais não se unificaram, não se integraram na América Latina. Ainda estão correndo paralelamente, sem ter ocorrido sua união. E isto dá ao escritor latino-americano uma extraordinária liberdade diante dessa tradição. (LORENZ, 1973, p. 142).

Essas considerações a respeito da América Latina estão desenvolvidas na escrita do romance *La guerra del fin del mundo*. As diferentes representatividades, muito além das expostas no presente estudo, e o reafirmar da maleabilidade dos pontos de vista sujeitos a transformações, fazem com que leiamos este romance de acordo com os pressupostos desenvolvidos entre os novos romances históricos (MENTON, 1993; AÍNSA, 1991). É importante lembrar que nem todas as características desta vertente narrativa aparecem necessariamente num único romance. Contudo, o teórico canadense não deixa de apontar:

*De acuerdo con el mundo posmoderno, bajtiniano, de los años setenta y ochenta, La guerra del fin del mundo es una novela polifónica en la cual no sólo se presentan los sucesos históricos desde distintas perspectivas sino que, en las palabras del cuento ‘Tema del traidor y del héroe’ de Borges, toda la historia podría considerarse una imitación de la literatura.* (MENTON, 1993, p. 95)<sup>93</sup>.

<sup>93</sup> Nossa tradução livre: De acordo com o mundo pós-moderno, bakhtiniano, dos anos setenta e oitenta, *A guerra do fim do mundo* é um romance polifônico no qual não só se apresentam os sucessos históricos desde distintas perspectivas senão que, nas palavras do conto ‘Tema do traidor e do herói’ de Borges, toda a história poderia considerar-se uma imitação da literatura.

A característica essencialmente polifônica do romance em questão, no qual muitas vozes de alguma maneira envolvidas na Guerra de Canudos têm espaço no decorrer da narrativa, leva a entender que a história pode ser contada de outras formas: “[...] *a medida que progresa la novela, su caracter esencialmente mimético se subverte más y más*” (MENTON, 1993, p. 95)<sup>94</sup>. Mesmo o livro que a personagem jornalista míope prometera escrever não deixaria de ser mais uma narrativa canudense, mais uma interpretação possível da guerra. Em todo caso, o romance de Vargas Llosa aqui em estudo se apresenta como uma das melhores representações que, a partir de um evento ocorrido em terras brasileiras, conseguiu delinear muitos aspectos da idiosincrasia cultural do continente latino-americano em constante formação desde os primeiros encontros entre autóctones e europeus. Na urdidura ficcional de um enredo histórico, múltiplos mundos são confrontados.

Na sequência, empreenderemos a leitura do romance *O pêndulo de Euclides* (2009), do escritor baiano Aleilton Fonseca. Esta narrativa sugere uma revisitação à temática canudense numa perspectiva em que passado e presente são apresentados em busca de respostas para velhas e novas questões. Literatura, história e memória avultam nessa obra fundamental para os estudos da guerra e do contexto atual do sertão nordestino, a partir do encontro amigável entre mundos.

#### 4.2 CANUDOS ATUAL E O PÊNDULO DE EUCLIDES (2009), DE ALEILTON FONSECA

O romance *O pêndulo de Euclides* (2009), pelas vias da ficção, expõe as características históricas atuais da região e dos habitantes de Canudos à procura de respostas para um assunto que ainda não está encerrado. Em entrevista a radio UNESP<sup>95</sup>, Aleilton Fonseca afirma haver “[...] certos vazios que a história não registra e que só a ficção pode dar conta”. Perguntado sobre a lacuna histórica que o mobilizou mais para a escrita do romance, explica ter sido “[...] o enigma de Euclides da Cunha. Quando exatamente, em que momento de sua vida, ele tomou

---

<sup>94</sup> Nossa tradução livre: “[...] à medida que avança o romance, seu caráter essencialmente mimético se subverte mais e mais.

<sup>95</sup> O áudio está disponível no blog do autor: [aleilton.blogspot.com](http://aleilton.blogspot.com). Acesso em 13/06/2011.

aquele choque de significados e começou a mudar de posição”. O enigma a que se refere Fonseca pode ser verificado se comparados, por exemplo, um trecho do artigo “A nossa Vendeia” com a nota preliminar d’*Os sertões* (1987). No primeiro, Euclides da Cunha se refere às “hostes fanáticas do Conselheiro” e aos soldados da República talvez não percebidos “[...] através das matas impenetráveis, coleando pelos fundos dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as veredas tristes por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação”<sup>96</sup>. Na segunda, o mesmo autor escreve que a Guerra de Canudos “[...] foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”.

Tendo em conta dois posicionamentos díspares, separados claramente pela visita de Euclides da Cunha ao campo de batalha pouco antes do término dos conflitos, uma certeza e um questionamento se evidenciam: a primeira é constatada na leitura d’*Os sertões*, em que há um discurso diferente do exposto em “A nossa Vendeia” e daí surge a questão: qual foi o motivo que levou o escritor a uma reviravolta conceitual a ponto de transformar a bravura e a abnegação dos soldados da República em uma ação criminosa? Desse questionamento do romancista vem à tona a lacuna histórica a qual se referiu na entrevista e para a qual busca, ficcionalmente, uma forma de desvendá-la na escrita d’*O pêndulo de Euclides*.

O momento e as causas de tal reviravolta permaneceriam totalmente desconhecidos se não fosse a possibilidade de reler a história pela ficção. Contudo, a hipótese explicativa a respeito do movimento pendular entre uma postura e outra em Euclides da Cunha, não é o único vazio histórico representado na narrativa de Fonseca. Mais do que isso, é possível depreender um importante encontro amigável entre mundos por muito tempo “separados”, principalmente, devido a posturas políticas, sociais e culturais carregadas de preconceitos. Assim, de um lado estão personagens relacionadas a uma cultura acadêmica, letrada, e, de outro, figuras representativas da região onde ocorreu a Guerra de Canudos. Para o poeta Luís A. Cajazeira Ramos, em texto exposto na orelha d’*O pêndulo de Euclides*:

[...] A Guerra de Canudos continua. A luta do sertão ainda sangra. O sertanejo ainda é um forte. Nada está encerrado e pacificado. A escritura da guerra não está completa. Não sem antes ouvirmos o

<sup>96</sup> Trecho de “A nossa Vendeia”, texto publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em duas partes: a primeira data de 14 de março e a segunda de 17 de julho de 1897. Disponível em euclidesdacunha.org.br. Acesso em 07/07/2011.

que tem a dizer Aleilton Fonseca. Não sem pararmos para escutar a voz que vem dos sertões.

Os conhecimentos de um narrador personagem letrado, somados às contribuições das personagens Alex e Dominique, encontram no acolhimento e nas revelações de personagens como dona Elza e seu Ozébio as vozes do sertão. Estas, muitas vezes obscurecidas, deturpadas ou silenciadas para dar vazão a “oficialidades”, “cientificismos” e “imparcialidades” de estudos que pretendem explicar um mundo repleto de significações. Revelando-se uma narrativa híbrida entre as constantes e inacabadas facetas de romances históricos “[...] à disposição dos romancistas interessados em reler o passado, sob perspectivas que ora se irmanam e ora se enfrentam com o discurso histórico já registrado” (FLECK, 2008, p. 88), *O pêndulo de Euclides* sugere, mais que uma leitura, uma viagem aos sertões.

Numa visão geral relativa à produção ficcional de Aleilton Fonseca, Ribeiro (2009, p. 298) afirma que ela

[...] nos reconduz, com firmeza, mas também com delicadeza, a ele mesmo, paradigma dos seus personagens: aquele que, numa relação de profunda honestidade com a vida, vivencia profundamente suas dores, suas perdas e seus encontros, em busca de uma transcendência que só é verdadeiramente compreendida no confronto com o sofrimento e com a morte. Não necessariamente a morte física, mas também a morte simbólica, elemento fundamental dos ritos de passagem.

N’O *pêndulo de Euclides*, notamos um narrador, em grande medida, identificado com o autor Aleilton Fonseca. Os dois apresentam-se como intelectuais interessados em desvendar mistérios da temática canudense, viajaram ao lugar dos conflitos, construindo suas impressões e seus aprendizados. É possível mesmo identificar um autor paradigma de uma personagem que, em contado com as vozes do sertão, vivencia um rito de passagem no qual velhos conceitos desaparecem e novas leituras são levantadas. Isso, de alguma maneira, pode ser verificado nas considerações de Silvano Santiago (2008) que, em “Meditação sobre o ofício de criar”, reflete acerca de determinados pontos relativos à escrita autoficcional, conceito adotado para indicar alguns dos seus romances como *O falso mentiroso* (2004). Em determinado trecho, o autor menciona:

Inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra diferente (o discurso ficcional) significa relativizar o poder e os limites de ambas, e significa também admitir outras perspectivas de trabalho para o escritor e oferecer-lhe outras facetas de percepção do objeto literário, que se tornou diferenciado e híbrido. Não contam mais as respectivas purezas centralizadoras da autobiografia e da ficção; são os processos de hibridização do autobiográfico pelo ficcional, e vice-versa, que contam. (SANTIAGO, 2008, p.174).

Não queremos apresentar o romance *O pêndulo de Euclides* como uma autoficção no sentido de uma trajetória da vida do autor permeada de situações ficcionais. Contudo, quando nos deparamos com entrevistas de Aleilton Fonseca nas quais externa seu apego desde a infância à literatura, sua admiração pelo livro *Os sertões* (1902) e revela aspectos de sua carreira profissional (professor universitário, poeta, ensaísta, ficcionista e membro da Academia de Letras da Bahia), podemos identificar alguns desses traços no enredo da sua narrativa canudense. Notamos essas similaridades em trechos como: “Aos doze anos ganhei de meus pais uma coleção de dicionários” (FONSECA, 2009, p. 15); “Meu sonho era escrever um livro. Eu queria fazer um ensaio, uma entrevista, ou mesmo um romance, em que uma voz sertaneja narrasse os eventos da guerra” (FONSECA, 2009, p. 14); “Eu vim aqui trazer esse professor, um amigo da capital, que queria perguntar umas coisas ao senhor – explicou o guia, todo jeitoso” (FONSECA, 2009, p. 40). Não é nosso objetivo buscar comprovações que garantam a fidelidade recíproca de informações biográficas e literárias. Afinal, seria incorrer numa vereda de pouca relevância. O que parece interessante, sim, no que concerne às aproximações do discurso autobiográfico com o ficcional é a hibridização que, segundo Santiago (2008), essas modalidades oferecem para admitir outras perspectivas, outras facetas do fazer literário.

*O pêndulo de Euclides* revela-se como uma narrativa em que as verdades das mentiras (VARGAS LLOSA, 2007) ajudam a compor representatividades válidas independente das modalidades do discurso. É exatamente o encontro híbrido das formas de narrar que explicitam – em detrimento de radicalismos que ainda buscam diferenciar, sob bases rígidas, a escrita objetiva da subjetiva – a relatividade das expressões e interpretações do “real”. Conforme Olivieri-Goded (2010, p. 99), em contato com a obra de Aleilton Fonseca,

[...] nós, leitores ‘pós-modernos’, redescobrimos encantados que o mundo é plural, a realidade é múltipla e que um outro modo de olhar o mundo é capaz de nos fazer enxergar qualidades e valores do ser humano que se fazem cada vez mais raros no nosso cotidiano de simulacros de emoções.

O olhar para as qualidades e valores do ser humano em Aleilton Fonseca se dá, em grande medida, a partir das histórias vivenciadas e contadas por muitas de suas personagens como podemos depreender, por exemplo, no conto “Jaú dos bois” (2001). Neste texto, o narrador/personagem se depara com boas lições a partir do que passa a conhecer sobre a personagem homônima ao título. Para Santos (2001, p. 114), no livro de contos *O desterro dos mortos* (2001):

O escritor baiano Aleilton Fonseca aproxima-se do narrador clássico, segundo a caracterização que fez dele Walter Benjamim [...]. Em geral, seus contos são relatos de vivências poderosamente nossas e ao mesmo tempo universais, porque falam dos mistérios da vida e da morte, e é isso que eleva a nossa alma e nos faz pensar na necessidade de intercambiar experiências e ouvir conselhos. [...] Tudo isso passa por um processo de depuração, e, sem perder sua autenticidade, a inspiração é submetida a um tratamento refinado, guiado por disciplina e vigorosa consciência estética e literária.

Podemos também ler *O pêndulo de Euclides* como um romance cujas narrativas expostas não estão de acordo com os pressupostos que anunciam a morte do narrador, ou melhor, das histórias narradas como base para se entender experiências fundamentais. Para Benjamin (1994, p. 197) “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Na ficção desenvolvida por Fonseca, contudo, o intercâmbio de vivências está presente de modo destacado e o que projeta “[...] no seu universo ficcional é uma visão complexa, pluridimensional do ser humano”. (OLIVIERI-GODET, 2010, p. 99). Nesta linha de escrita, *O pêndulo de Euclides*, obra que consideramos a última narrativa canadense publicada, apresenta-se como a sugestão do encontro de mundos e de histórias para a (re)significação de uma temática.

Nas primeiras páginas do romance, o qual está composto por oito capítulos repartidos em subcapítulos, o narrador personagem se encontra num congresso em uma universidade da cidade de Feira de Santana. Concorda em

parte, questiona e tira sua conclusão, após ouvir de um palestrante que os estudos sobre a Guerra de Canudos já estão assentados

[...] nos livros, nos ensaios, nos romances, na poesia, no cordel, nas fotos e nos jornais da época. Um acervo que dá conta dos fatos e de suas conseqüências históricas e sociais. Mas tudo isso esgota mesmo a história da guerra? Nada mais há além do silêncio? Nada mais ecoa nos campos calcinados da memória que subjazem nas águas? Só nos resta interpretar as marcas do passado? De certa forma, sim. De alguma maneira, não. (FONSECA, 2009, p. 14).

Essa procura de ecos nas profundezas da memória, para além da interpretação de registros escritos, parece evidenciar aquilo que Tomás Eloy Martínez entende como uma das operações mais originais da ficção histórica: “[...] sua tentativa de recuperar os mitos de uma comunidade, sem invalidá-los ou idealizá-los, mas reconhecendo-os como tradição, como força que foi deixando seu sedimento sobre o imaginário” (1996, p. 14). Em busca de encontros e de respostas para além do já registrado, o narrador personagem empreende uma viagem de automóvel, no ano de 2003, de Feira de Santana a Canudos. A visita à cidade sertaneja se dá juntamente com dois amigos que conheceu naquele congresso: as já referidas personagens Alex e Dominique. A temática canudense aproximou esses três estudiosos cujas diferenças e semelhanças de posturas sobre o passado e o presente do sertão, são sugeridas no decorrer da viagem realizada.

O narrador letrado, talvez por ser a voz enunciativa do romance, é o que mais se identifica e se envolve com as questões centrais da narrativa. É por intermédio de seu desejo, escolhas e sonhos extraordinariamente relacionados à Guerra de Canudos, que a escrita do livro se torna possível. As revisitações à história estabelecida em muitos registros anteriores, somadas às surpresas decorrentes do contato com a atualidade do lugar e de suas personagens, redimensionam expectativas e atuam como porta voz de revelações.

Na relação narrador/narrativa, não percebemos a exposição de posicionamentos críticos como configuradores de um distanciamento entre pesquisador e seu objeto de estudo. Para além de interesses puramente intelectuais, notamos perspectivas de aproximações quase familiares, num narrador que busca respostas para um assunto que o intriga desde a infância, no contato com livros ou nas histórias de sua avó, a personagem Laudilina. Esta tem o mesmo nome

de uma prima da personagem seu Ozébio. Nascida em Bom Conselho, se casou com um moço grapiúna e foi embora para as terras do sul da Bahia. Coincidentemente, trata-se dos mesmos lugares onde nasceu e para onde foi morar a avó do narrador o qual, ao ouvir as palavras do velho sertanejo, teve “[...] um ímpeto de dizer algo, mas a voz embargou na garganta. Mantive-me discreto, sem fazer alarde nem indagações impróprias para o momento. Certos mistérios não devem ser esmiuçados sem precisão”. (FONSECA, 2009, p. 203).

O parentesco sugerido não é retomado em nenhum outro momento do romance. Entretanto, parece ser o suficiente para justificar a recorrência de uma história bélica do Brasil que, desde os primeiros contatos até a visita *in loco* aos campos da guerra, interessou ao narrador letrado da cidade grande como algo que lhe fosse muito próximo, que fizesse parte da sua vida.

Sobre a personagem Alex, o leitor é informado nos seguintes termos: “[...] 40 anos, poeta e ensaísta brasileiro. [...] apaixonado pela guerra sertaneja” (FONSECA, 2009, p. 17). Essa personagem revela-se um grande conhecedor das histórias relativas à temática canudense. Contudo, identificamos nela uma relação com esse passado diferente à estabelecida pelo narrador. Apesar de não defender radicalmente posicionamentos unilaterais, demonstra um leque considerável de leituras, mais como decorrência dos interesses de um estudioso, disposto a formular hipóteses distanciadas, sem as interferências de angústias pessoais. Apresenta-se como um colecionador de objetos da guerra e tem a resposta já formulada para momentos em que aparecem questionamentos sobre essa particularidade.

Quando a personagem, que representa o funcionário do Memorial Antônio Conselheiro, reclama sobre o desaparecimento de muitos daqueles resquícios materiais, Alex expõe o seguinte: “– Meu caro, só agora surgiu esse sentimento de conservação. E antes? Se não houvesse gente interessada em guardar, esses objetos já teriam desaparecido” (FONSECA, 2009, p. 34). Em outra passagem da narrativa, a personagem Alex é representada como alguém disposto a interagir, ao seu modo, com os habitantes de Canudos: “Depois de beber e prostrar com alguns canudenses nos botecos da cidade, esticou a noite e caiu na farrá. Aceitou um convite e foi conferir a animação sertaneja num forró domingueiro. Certamente se esbaldou na dança com alguma cabrocha espevitada...” (FONSECA, 2009, p. 189).

A inclinação de uma personagem, colecionadora, sobre os fragmentos da guerra e sua capacidade de interação, num contexto incomum à sua realidade de cidadão, demonstram o desvencilhar de preconceitos e a possibilidade de discussões sobre um tema aparentemente distante. Essas aproximações também corroboram com uma forma de aceitação amigável, inconcebível para o Brasil republicano no período da Guerra de Canudos.

Já a personagem Dominique, de nacionalidade francesa, representa, de certa maneira, os estrangeiros admiradores da cultura brasileira. “Na opinião dele, Canudos foi ao mesmo tempo uma guerra social e um conflito de culturas” (FONSECA, 2009, p. 17). Como um estudioso interessado na literatura e na cultura popular do Brasil – a temática canudense é parte considerável dessas expressões –, integra o trio de viajantes, provavelmente, numa perspectiva de aprendizado, comprovações e expansão de possibilidades interpretativas, a somarem-se ao seu arcabouço teórico e de vivências *in loco*. Iria se deparar com experiências importantes, essenciais para um professor, talvez, preocupado em apresentar novos olhares e questionamentos nas suas aulas de “[...] língua portuguesa num liceu dos arredores de Paris” (FONSECA, 2009, p. 17).

Essa afirmação pode ser verificada em trechos do romance em que observamos a presteza dessa personagem em registrar momentos interessantes. Quando aparece um grupo de cantadores da Romaria de Canudos, próximo à pensão onde estavam hospedados, “Dominique apressou-se em apanhar a câmera digital para fazer umas fotos” (FONSECA, 2009, p. 98). Ao se encontrar nos campos de batalhas onde aconteceu a Guerra de Canudos, “[...] sempre de câmara em punho, registrava detalhes do cenário e da paisagem” (FONSECA, 2009, p. 131).

Por intermédio das representações sugeridas a partir do narrador e das personagens Alex e Dominique – cada um, da sua forma, compartilhava interesses pela temática da guerra – muitas discussões sobre Canudos e o Brasil são levantadas no decorrer do romance: “Íamos conversando sobre as características do sertão e sua importância cultural. Lembrávamos os fatos históricos, as personalidades, a poesia, os romances, toda uma cultura que precisava ser mais reconhecida e valorizada pelo país” (FONSECA, 2009, p. 19).

Essas conversas, lembranças e cobranças são reforçadas ao longo do percurso e da estadia na região do massacre. Notamos, assim, uma aproximação

bastante forte a aspectos ensaísticos n' *O pêndulo de Euclides*. Contudo, o próprio autor chama a atenção, em entrevista publicada no site “Verbo 21 cultura & literatura”<sup>97</sup>, em 22 de setembro de 2009, para a vertente ficcional e os elementos que o ajudaram a compor o romance:

A ideia desse livro surgiu como resultado de mais de 30 anos de leitura, ao longo de minha vida de leitor e de professor de literatura. A primeira versão do livro refletia muito mais uma vertente ensaística e informativa consolidada em meus estudos. Após a leitura e as observações de alguns amigos, resolvi minimizar o volume ensaístico e adensar a vertente ficcional. Assim, no tecido composto das informações e das reflexões ensaísticas, multipliquei as situações ficcionais, numa teia de relações causais que estabelecem nexos entre os dados reais e os dados da imaginação, de modo a manter a coerência e a verossimilhança.

Entre as particularidades que aproximam a narrativa ficcional de eventos históricos registrados num período superior a cem anos, podemos citar alguns exemplos n' *O pêndulo de Euclides*: “Precisamente no dia 6 de setembro de 1897, iniciava-se a fase final do ataque das tropas do governo. Canudos começava a ceder, e iria cair um mês depois, no dia 5 de outubro” (FONSECA, 2009, p. 19); “À altura da cidade de Tucano, Alex comentou que ali por perto havia acontecido o primeiro choque da polícia com os conselheiristas. O fato ocorrera em 1893, num lugar chamado Masseté” (FONSECA, 2009, p. 20); “Erguida noutra sítio, às margens do açude, a nova cidade de Canudos perseverava viva com seus 14 mil habitantes, o sertão continua sua história (FONSECA, 2009, p. 22); “Euclides da Cunha havia chegado a Canudos no dia 16 de setembro de 1897. Eu ali chegava no dia 6 de setembro de 2003. Eram 106 anos de diferença e muitas páginas e palavras separando as duas viagens” (FONSECA, 2009, p. 28). As datas e os locais – não podemos afirmar com segurança sobre o ano e o dia da viagem das personagens ficcionalizadas, porém o tempo histórico da narrativa é compatível – estão de acordo com referências anteriormente constatadas. Isso indica o uso de uma base adquirida em pesquisas as quais funcionam como diretrizes para a inserção da ficcionalidade e reflexões críticas no desenvolvimento do enredo.

---

<sup>97</sup> Disponível em [http://www.verbo21.com.br/v1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=525:aleilton-fonseca-&catid=164:entrevista-setembro2009&Itemid=173](http://www.verbo21.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=525:aleilton-fonseca-&catid=164:entrevista-setembro2009&Itemid=173) Acesso em 20/10/2012.

Além dos eventos e discussões históricos, elementos configuradores da cultura canudense atual estão presentes no romance. Destacam-se a representação da feira por intermédio da personagem Estêvo de Madá; a atenção aos memoriais da cidade; o acolhimento aos turistas, na construção do ambiente ficcional de uma pensão, cuja proprietária é a personagem Dona Elza; e os serviços prestados pela personagem Domingos, um guia. Referências à cultura popular, aos festejos religiosos, à culinária e às atividades de final de semana para muitos jovens também recebem destaque.

Sobre a feira e a receptividade do vendedor de cocos – personagem cujo motivo de se apresentar como Estêvo de Madá é explicado pela personagem Alex<sup>98</sup> –, lemos o seguinte: “- Olha que beleza de feira! Isso é o povo real, é a gente brasileira, Dominique – explicava o poeta” (FONSECA, 2009, p. 24). Neste primeiro contato entre os forasteiros e um dos representantes da Canudos atual, notamos o acolhimento amigável de uma personagem sertaneja desinibida e, na sua simplicidade, disposta a oferecer seus serviços, sem receios nem ressentimentos em relação aos “moços da cidade grande”. A conversa estabelecida entre eles acontece naturalmente numa situação diametralmente oposta, se compararmos aos tempos da guerra em que a bala e os radicalismos eram as linguagens que intermediavam os “diálogos” entre conselheiristas e o exército republicano.

É o vendedor de cocos quem indica aos três amigos a pensão da dona Elza. Esta personagem oferece uma bela recepção aos visitantes. Além de responder algumas perguntas do narrador, ela apresenta detalhes referentes às várias festas anuais da cidade – todas ligadas à Igreja e à Romaria de Canudos – e às diversões do dia a dia que também acontecem às margens do lago, na prainha de Canudos Velho. Sobre os pratos da região, apresenta uma lista repleta de variedades. “Sem aguardar nova pergunta, ela arrematou: – Canudos tem tudo isso de bom, meu senhor” (FONSECA, 2009, p. 31). Mais do que a receptividade natural e acolhedora, característica que se repete entre os sertanejos da Canudos atual, representados n’*O pêndulo de Euclides*, percebemos possibilidades de bons negócios no trato com as pessoas que vêm de fora. A região para onde seguiram

---

<sup>98</sup> Enquanto o vendedor abria os cocos, Alex explicava a Dominique, em voz baixa, que seu nome devia ser Estêvão, e a mulher dele seria certamente Madalena. Era costume no sertão reduzir a pronúncia dos nomes, daí Estêvo. Era normal identificar uma pessoa por relação a um parente, por isso Estêvo de Madá. Decerto a mulher dele era conhecida por Madá de Estêvo (FONSECA, 2009, p. 24).

muitos conselheiristas, no final do século XIX, com a finalidade de viverem numa comunidade pacífica e próspera, recebe, ironicamente, visitantes em busca das memórias de um passado de destruições. Personagens como dona Elza, Estêvo de Madá ou o guia Domingos – a este último, é incumbida no romance a função de levar os três amigos até o campo da guerra e de apresentar o narrador letrado à personagem seu Ozébio – são representativas das pessoas que conseguem sobreviver, também, a partir da potencialidade turística, ainda pouco explorada, decorrente da significação histórica daquela região.

As criações do Parque Estadual de Canudos e dos memoriais são iniciativas importantes, todavia, carentes de maiores incentivos políticos e educacionais aos possíveis interessados pela história daquele lugar, desejosos de visitá-lo *in loco*. Sem esses dois últimos torna-se difícil os conhecimentos prévios e posteriores, intermediados pela visita *in loco*, sobre as particularidades de um presente, guardião de velhas e novas histórias. O sertão tem muito a ensinar.

No caminho até a pensão, o narrador percebe que

[...] ali era tudo muito calmo e devagar. Apenas alguns carros transitavam pelas ruas e ruelas sossegadas. As pessoas passavam sem pressa, guiando carroças, bicicletas, carrinho de mão, camionetas. Havia raros carros de passeio, de modelos populares, com anos de uso. Algumas antenas parabólicas invadiam a placidez dos telhados. Seria aquele um sertão moderno, aberto aos modos e costumes dos grandes centros? (FONSECA, 2009, p. 29).

Respostas a essa questão apresentada no trecho acima já aparecem, se considerarmos aspectos da cidade de Canudos na segunda década do século XXI. Por exemplo, em CanudosVip Notícias<sup>99</sup>, página disponível no site de relacionamentos “Facebook”, percebemos traços de uma modernidade tecnológica disponível à grande parcela da população brasileira: o acesso e o uso da internet como meio de divulgação sobre os eventos que envolvem a cidade. Outro ponto que merece destaque é a recente construção do asfalto entre as cidades de Bendegó e Canudos no ano de 2012. Esses elementos ajudam a ter uma mínima noção sobre o estágio de uma cidade pequena do interior da Bahia em relação ao restante do Brasil. Entretanto, essas evidências caracterizadoras dos aspectos globalizantes de informação, não garantem aos moradores canudenses privilégios que não sejam

---

<sup>99</sup> Disponível em <http://www.facebook.com/canudosvip>. Acesso em 01/12/2012.

semelhantes aos encontrados em muitas cidades do interior do país, e mesmo nas capitais, onde serviços básicos como saúde e educação não estão de acordo com as necessidades primárias de uma nação rica e “civilizada”.

No romance de Aleilton Fonseca também há referências à madeira que seria utilizada na construção do telhado da igreja nova no arraial de Belo Monte, ao cruzeiro da igreja velha, além de uma discussão sobre os muitos objetos relacionados à Guerra de Canudos espalhados por todo o Brasil. Quando o narrador e seus amigos visitam o Instituto Memorial de Canudos e o Memorial Antônio Conselheiro, lemos, entre outras coisas, o seguinte:

- Nunca deixará de haver estudiosos interessados nesses acervos [...] – especulou Dominique, entrando na discussão.
  - Mas é preciso desenvolver também outro debate em torno de Canudos, [...] considerando o povo do presente [...] – opinou o funcionário do museu.
  - Claro! Isso diz respeito ao estudo da cidade atual e da região, sua economia, sua geografia humana, sua ecologia, sua estrutura fundiária, as disputas de terra, a questão do trabalho no campo e tudo mais – enfatizou o poeta.
- Todos nós concordamos com a tese. (FONSECA, 2009, 35-6).

Aqui acontece a ficcionalização de um diálogo que chama a atenção para o estudo das particularidades atuais que envolvem Canudos e todo o sertão, para além de estereótipos como a figura do cangaceiro, do vaqueiro, das festas ou da religiosidade sertaneja. Mais do que um lugar especial de características próprias influenciador de muitas manifestações na ciência e nas artes, o sertão é, antes de tudo, a casa de uma população considerável cujas necessidades nada têm de pitorescas, se comparadas as de quaisquer comunidades brasileiras ou latino-americanas, para ficarmos com dois exemplos. *O pêndulo de Euclides* é, portanto, exemplo de como o texto literário pode funcionar como um vigia em alerta às particularidades de seu tema, sem entrar em confrontos políticos e sociais de maneira direta ou panfletária.

Noutro momento da narrativa em estudo, aparece de maneira evidente um convite à desconfiança em relação aos meandros da linguagem. Isto se dá no diálogo entre as duas principais personagens do romance: o narrador e o sertanejo seu Ozébio. Este último “repreende” o primeiro da seguinte forma:

Entenda bem: o senhor me ouve, eu lhe digo, o senhor escreve, faz um livro. O senhor fica ainda mais o senhor. Daí fica importante, pega alta fama, até ganha um bom dinheiro. Possa ser. Não invejo. Até faço gosto. De hora em hora, suas melhoras. Mas, e se o senhor escreve sua ideia em cima de minhas falas? E eu, minhas prosas, meus versos, minhas palavras, tudo isso quase se apaga no seu livro. (FONSECA, 2009, p. 44).

A abordagem metadiscursiva é recorrente nas narrativas de Aleilton Fonseca como modo de problematização das relações entre o “real” e a ficção. Para Olivieri-Godet (2010, p. 96), em muitos contos daquele autor, “[...] um narrador letrado compartilha o narrar com um narrador iletrado que lhe transmite o ‘causo’ a ser narrado, ou a vivência que vale a pena ser evocada”. Não é diferente o que ocorre entre o narrador personagem letrado e a personagem seu Ozébio que, apesar de saber ler, representa, sobretudo, um contador de histórias sertanejo.

Depreendemos no trecho do romance mencionado acima uma crítica a muitos textos em que as escolhas do escritor não têm a preocupação de se aproximar do objeto representado, obedecendo, pelo contrário, a diretrizes próprias. Mesmo sabendo que os significados das palavras da personagem seu Ozébio, expostas ao narrador, não poderão ser lidas de acordo com seu desejo, devido às representações polissêmicas da linguagem, percebemos no diálogo entre os dois, características do romance histórico contemporâneo de mediação como a utilização de recursos metanarrativos e a evidência da voz de uma personagem considerada periférica – muitas vezes silenciada ou reformulada por narradores oniscientes distanciados do contexto sertanejo. Além desse momento específico, há em todo o romance a predominância de linguagem acessível ao leitor comum (FLECK, 2011, p. 93).

A personagem seu Ozébio também é a voz enunciativa que esclarece pontos relativos ao termo Belo Monte como denominação do arraial – sempre utilizado pelos conselheiros em detrimento de Canudos (FONSECA, 2009, p. 54-6) –, além de denunciar os abusos de coronéis ao narrar a história de seus avós que resolveram seguir para a comunidade do Conselheiro, já cansados de explorações e privados de qualquer ação reivindicatória: “[...] depois do Arraial as terras do coronel Dantas foram se esvaziando de gente. Vaqueiro, peão, lavrador, serviçal e até jagunço, essa gente toda estava picando a mula pras terras do Conselheiro” (FONSECA, 2009, p. 59). Contudo, ao reinterar a necessidade de reavaliar a

significação referente ao termo “jagunço” (FONSECA, 2009, 51-3), notamos uma discrepância, sob alguns aspectos, em relação às palavras da personagem seu Ozébio e as contidas num estudo de José Calasans.<sup>100</sup> Para a primeira:

Arrumaram essa palavra por falta de melhor saber quem era aquele povo valente, temente a Deus, seguidor do Conselheiro. Não eram jagunços, isso eu lhe garanto. Eram fiéis valentes do mais seco e brabo sertão das caatingas. [...] Jagunço era homem solto na vida, sem família, gente mandada e protegida, por paga e comida, a serviço de um grande senhor de terras. (FONSECA, 2009, p. 51).

Já Calasans, ao verificar as conotações do termo jagunço, dadas por jornalistas e pesquisadores em geral quando escreveram sobre os sertanejos que formavam a população em torno de Antônio Conselheiro, percebe que, em muitos casos, jagunço aparecia como sinônimo de “valentão” ou “cangaceiro”. Contudo, lembra que há uma diferença profunda entre “[...] o jagunço, sertanejo que possui sua arma de fogo, seu punhal de aço bem temperado e está sempre pronto a lutar por um amigo, sem lhe custar um centavo e o cangaceiro, indivíduo sem pouso, que vive do crime, assaltando os viajeros nas estradas” (s.d. p. 07).

Apesar da generalização da palavra jagunço ter sido difundida em muitos aspectos sob acepções políticas que atribuíam aos conselheiristas a alcunha de monarquistas, o Conselheiro e sua gente não eram monarquistas no sentido político do termo. Talvez sem muita consciência sobre as implicações ideológicas e estruturais dos regimes, somente eram adeptos da Monarquia em detrimento da República. Para Calasans, longe de ter uma conduta de profissional da desordem, a “[...] massa dos habitantes do Belo Monte para ali não se dirigiu visando à prática de delitos e sim um ambiente cristão de paz, de fartura, de compreensão entre os homens, conforme preconizava o Bom Jesus (s.d. p. 07)”.

No meio dessa comunidade cuja estrutura cultural não foi compreendida e aceita segundo concepções intelectuais e políticas vigentes no “litoral civilizado” da época, certamente, havia homens já envolvidos em situações suspeitas durante suas trajetórias. Eles estão representados, por exemplo, em *La guerra del fin del mundo* em personagens como João Abade e Pajeú. Historicamente, porém, estes

---

<sup>100</sup> “Os jagunços de Canudos”. Disponível na página oficial do autor: <http://josecalasans.com/bibliografiacanudense.html>. Acesso em 25/09/2012.

elementos não constituíam o que Calasans denomina “o povo do Conselheiro” representado por milhares de sertanejos pacatos incapazes de grandes deslizes:

Os jagunços de Canudos, os jagunços do Conselheiro, tão insultados e incompreendidos nos terríveis dias da guerra dos sertões, apontados como assaltantes, depredadores, criminosos da pior espécie, a ralé interiorana, estão conquistando, na moderna crítica histórica do nosso País, seu verdadeiro lugar no processo da formação nacional. O sertão do Conselheiro, terrivelmente sofrido, vivendo periodicamente a tragédia de longos e angustiantes estios, era como se não existisse para a civilização implantada no litoral. (s.d. p. 08).

Dessa maneira, parece haver semelhanças e diferenças de interpretação entre a personagem seu Ozébio – voz dos excluídos privilegiada no romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2011, p. 92) – e o historiador José Calasans. A semelhança está no modo como os dois encaram a representação do povo canudense como uma gente simples e pacífica. A diferença encontra-se na significação que empregam à palavra jagunço. A personagem seu Ozébio concorda com a acepção que, para Calasans, foi forjada por jornalistas e estudiosos transformando os jagunços em algo que se aproxima com o que o historiador baiano define como cangaceiro. Em todo caso, tanto os fiéis valentes do mais seco e brabo sertão das caatingas (FONSECA, 2009, p. 51), como os jagunços do conselheiro, tão insultados e incompreendidos (CALASANS, s.d., p. 8), independente do significante escolhido, não podem ser comparados a bandidos que, “[...] *por definición, se resisten a obedecer, están fuera del alcance del poder, ellos mismos son ejercitadores potenciales de poder y, por tanto, rebeldes en potencia*” (HOBSBAWM, 2001, p. 24)<sup>101</sup>.

Eventos históricos como a missão de frei João Evangelistas de Monte Marciano também são narrados segundo as lembranças da personagem seu Ozébio (FONSECA, 2009, p. 57-8). O narrador, num momento de insônia, relê trechos d’*Os sertões*, os dois artigos de Euclides da Cunha intitulados “A nossa Vendéia” e algumas prédicas<sup>102</sup> de Antônio Conselheiro. Estas últimas são para o professor

<sup>101</sup> Nossa tradução livre: [...] por definição, se resistem a obedecer, estão fora do alcance do poder, eles mesmos são praticantes potenciais de poder e, portanto, rebeldes em potência.

<sup>102</sup> As prédicas de Antônio Conselheiro estão reunidas no livro de Ataliba Nogueira: *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

José Luiz Fiorin, em fala exposta no documentário *Os sertões e os sermões*<sup>103</sup>, mais bem escritas dos que os textos de seus alunos na universidade. Segundo a personagem Alex: “- Alguns fundamentos da pregação do Conselheiro estavam desatualizados em relação aos cânones da época. Um exemplo disso é a ideia do direito divino dos reis, raiz de sua briga com o regime republicano, que a Igreja havia abolido” (FONSECA, 2009, p. 88). Sabemos que o sertão nordestino da época não era o lugar ideal para a divulgação instantânea de informações envolvendo as novidades políticas, sociais e religiosas dos grandes centros urbanos. É de se entender que a cultura religiosa dos sertanejos, ainda fundamentada sob muitas características medievais, fosse reafirmada nos sermões do Conselheiro. A ideia referente a reis como representantes de Deus continuava atual entre os conselheiristas. Uma marca difícil de ser apagada com a mudança do regime político monarquista para o republicano. Uma troca de governo estava longe de representar mudanças culturais em terras longínquas e desconhecidas para a civilização litorânea.

As três personagens que viajaram a Canudos, discutem ainda sobre a probabilidade de Euclides da Cunha ter lido ou não as prédicas. N’O *pêndulo de Euclides* há uma concordância com a afirmativa histórica de que a publicação d’*Os sertões* tenha saído sem que seu autor tivesse lido aqueles textos. Contudo, possivelmente teve acesso a eles em algum momento por intermédio do escritor Afrânio Peixoto: “[...] *Os sertões* já haviam sido publicados. Euclides foi assassinado alguns meses após receber o presente [...]. Infelizmente, não teve tempo de escrever sobre eles sequer um artigo” (FONSECA, 2009, p. 88). Há nesta parte do romance todo um questionamento se Euclides da Cunha teria sido mais ou menos determinista ao escrever sobre Antônio Conselheiro n’*Os sertões*.

Enquanto a personagem Alex afirma que a leitura das prédicas não mudaria em nada a postura euclidiana que dá ênfase à loucura e à superstição entre os conselheiristas, o narrador expõe que Euclides da Cunha “[...] não percebeu que os discursos e as ações dos sertanejos eram formas de resistência social e cultural. [...] chegou muito próximo de Canudos, mas não entrou no coração do povo sertanejo” (FONSECA, 2009, p. 92-3). Essas discussões analíticas em torno de temáticas como a importância das prédicas de Antônio Conselheiro e as possíveis

---

<sup>103</sup> Disponível em <http://www.senado.gov.br>. Acesso em 12/05/2012.

interpretações de Euclides da Cunha, caso tivesse conhecido *in loco* o outro lado da guerra, corroboram com o caráter ensaístico d'*O pêndulo de Euclides* conforme admitiu Aleilton Fonseca em entrevista supracitada. Contudo, não podemos esquecer a importância dos aspectos ficcionais do romance aqui em estudo que, como veremos mais adiante, busca desvendar os elementos responsáveis pela mudança de postura de Euclides da Cunha se comparados os textos “A nossa Vendeia” com *Os sertões*. Neste último, muito do “fanatismo” sertanejo permanece, porém, acompanhado pela culpa representada pelas ações do exército republicano.

Em outros dois momentos d'*O pêndulo de Euclides*, o narrador adormece e sonha com acontecimentos relacionados à Guerra de Canudos. No primeiro deles, há um retorno histórico e o contexto narrado se passa na estação ferroviária em Salvador, no dia em que Euclides da Cunha embarcaria em direção a Canudos. O narrador empreende uma entrevista com o jornalista o qual apresenta muitas das ideias cientificistas sobre o sertão, e preconceituosas ao referir-se aos conselheiristas. A estratégia de voltar ao passado permite ao leitor conhecer aspectos de outra conjuntura histórica representados pela voz de uma personagem representante de outra época, sem que haja prejuízo à compreensão da narrativa, linear em sua quase totalidade.

Essa manipulação temporal não é exagerada no romance de Fonseca, aproximando-o, assim, mais uma vez, ao romance histórico contemporâneo de mediação em que a “[...] leitura ficcional busca seguir a linearidade cronológica dos eventos recriados. Fixando-se neles, sem deixar de manipular o tempo da narrativa, promovendo retrospectivas ou avanços nesta pelo emprego de analepses e prolepses” (FLECK, 2011, p. 91).

A retrospectiva empreendida pelo narrador não se refere a um evento “real” vivido na infância ou juventude. Contudo, por estar no campo das possibilidades permitidas pelos sonhos, não se caracteriza ao modo das “[...] anacronias exageradas ou sobreposições de diferentes tempos históricos ou narrativos [...], como é típico nas modalidades do novo romance histórico hispano-americano ou das metaficcões historiográficas” (FLECK, 2011, p. 91).

Outro evento que aparece narrado segundo um sonho do narrador, está no capítulo denominado “Auto do Belo Monte” (FONSECA, 2009, p. 163-186). Isso parece justificável porque o subcapítulo anterior é finalizado da seguinte maneira:

“Adormeci envolto numa aura de solidão, tranquilo e libertado” (FONSECA, 2009, p. 161). Enquanto no início do subcapítulo posterior lemos o seguinte: “Acordamos tarde” (FONSECA, 2009, p. 189). O “Auto do Belo Monte” apresenta-se como um julgamento em meio às ruínas da guerra, “[...] um grande anfiteatro ao ar livre” (FONSECA, 2009, p. 165), em que a autoridade máxima era uma velha senhora, “[...] a veneranda juíza História, que cumpria mais uma vez a sua missão indelével e incomensurável” (FONSECA, 2009, p. 186). Segue parte das palavras iniciais da Meritíssima:

[...] Declaro aberta a sessão de julgamento dos responsáveis pela Guerra de Canudos, que resultou na destruição do Arraial de Belo Monte, causando a morte de seus 25 mil habitantes, entre homens, mulheres e crianças, e de 5 mil soldados, em quatro confrontos armados, entre os anos de 1896 e 1897. Neste processo serão julgados: de um lado, a República; de outro, o Sr. Antônio Conselheiro e a comunidade de Belo Monte. São as partes envolvidas no conflito o governo e os responsáveis pelas quatro expedições do Exército. (FONSECA, 2009, p. 166).

Discursam a República e o Conselheiro. Os dois são acusados pela personagem Senhor Tempo e defendidos pela personagem Senhora Circunstância. Há também o depoimento da personagem Euclides da Cunha e a exposição das ideias presentes num discurso de Ruy Barbosa que não chegou a ser lido oficialmente nas sessões do Senado. A abordagem do texto ficcional corrobora com as anotações do senador baiano sobre a Guerra de Canudos. Aqui segue uma delas, apresentadas e analisadas por Nogueira (2007, p. 8):

A lição, quanto aos vencidos, [...] está na necessidade, a que cada vez menos atendemos, de fazer menos política, de cultivar menos paixões, e pensar mais nos grandes reclamos do nosso progresso, está em que não podemos aspirar a reputação de povo civilizado, esquecendo completamente a instrução, a moralização, a cristianização desses ramos vigorosos e (palavra ilegível) da nossa própria família esparsos em regiões incomensuráveis, que só conhecem o arado eleitoral.

Entre defesas e acusações, entre as exposições das partes envolvidas, sob a atenção julgadora da personagem representada pela juíza História, notamos mais uma vez aproximações aos motivos e ações históricos justificados segundo o ponto de vista de cada um. A personagem República afirma que agiu em “[...]”

legítima defesa de meus princípios e meus ideais” (FONSECA, 2009, p. 171). Já a personagem Antônio Conselheiro: “Nas minhas pregações, sempre combati a República, por entender que seu governo nada fazia de bom pelo povo sertanejo” (FONSECA, 2009, p. 177). Considerando que esse julgamento ficcional foi convocado “[...] em nome da consciência universal” (FONSECA, 2009, 166) e que variadas posturas históricas vem à baila no discurso de suas personagens representativas, notamos, neste capítulo d’*O pêndulo de Euclides*, muito mais um convite ao conhecimento sobre elementos que ajudaram a impulsionar a Guerra de Canudos, do que uma contestação revisionista da história.

Entretanto, tendo-se em conta um campo de interpretação permitido somente a partir do distanciamento temporal entre a narrativa de Fonseca e o evento histórico em questão, além das muitas análises realizadas em mais de um século sob diferentes perspectivas, não parece inverossímil nem descabido o veredicto anunciado pela personagem juíza História. Após absolver Antônio Conselheiro e os conselheiristas:

- Declaro a República culpada das acusações de genocídio contra a comunidade sertaneja. Condeno-a por todas as ações de guerra, perpetradas sem amparo legal e a contrapelo da Justiça. Compete à ré promover, ao longo das próximas gerações, a necessária e indispensável reparação dos males causados ao sertão e aos camponeses de Canudos. O governo da República deve manifestar oficialmente um pedido de desculpas à memória de Antônio Conselheiro e de todos os sertanejos atingidos pela odiosa guerra. (FONSECA, 2009, p. 185-6).

Esse pedido de desculpas ainda não foi realizado pelas autoridades oficiais as quais parecem não estar preocupadas com os crimes históricos, obscurecidos por elogios exagerados a personagens que estão longe de representar o Brasil real. Neste sentido, *O pêndulo de Euclides* propõe elementos que ajudam o leitor a tomar conhecimento de uma história que, pela literatura, deixa de estar à margem e resurge para novas leituras e considerações. A partir de uma verossimilhança construída entre a história e a ficção, aproxima-se mais uma vez do romance histórico contemporâneo de mediação numa “[...] leitura crítica do passado” (FLECK, 2011, p. 91).

Após a exposição do capítulo em que os três amigos visitantes se encontram, “[...] enfim, pisando no solo do conflito, onde a vida e a morte travaram

as célebres batalhas do sertão” (FONSECA, 2009, p. 106), são apresentados os motivos e os desfechos das quatro expedições militares contra os conselheiristas. Nesta parte da narrativa, a voz enunciativa do discurso é representada em primeira pessoa, de acordo com o ponto de vista de uma personagem sertaneja que esteve presente nos quatro confrontos. Ela parece representar o último dos conselheiristas antes do término da guerra. Todo um levantamento histórico, em grande medida registrado em estudos anteriores, é apresentado num capítulo denominado “Os fogos da guerra”. O primeiro subcapítulo é finalizado de modo parecido aos dois seguintes: “Nossa gente venceu o primeiro fogo” (FONSECA, 2009, p. 113); “Nossa gente venceu o segundo fogo” (FONSECA, 2009, p. 116); “Nossa gente venceu o terceiro fogo” (FONSECA, 2009, p. 120). Antes de narrar as particularidades da derradeira expedição comandada pelo general Arthur Oscar e revelar que “[...] um fogo ardeu no meu peito. Caí de bruços, ferido de morte. O resto foi silêncio. Aí tudo se acabou” (FONSECA, 2009, p. 128), a personagem sertaneja destaca:

Eles queriam guerra. A gente queria paz. Lá onde eles viviam nunca fomos atacar. Nunca invadimos nenhuma cidade. O Conselheiro sabia conviver com os vizinhos. Belo Monte era um lugar de paz, de oração e de trabalho. Mas o exército ia voltar. O que se podia fazer? Só nos restava preparar a munição, treinar a defesa, rezar e esperar as tropas. (FONSECA, 2009, p. 121).

Neste capítulo, os eventos são expostos segundo uma voz que representa a perspectiva de dentro do arraial de Belo Monte. Essa abordagem está de acordo com os pressupostos da Nova História (LE GOFF, 2001; BURKE, 1992) em que uma das características é favorecer a história vista de baixo (SHARPE, 1992). Esta mudança de foco narrativo, concedendo outra perspectiva à enunciação do discurso, revela uma tentativa do romance *O pêndulo de Euclides* para a construção de uma narrativa polifônica, já que diferentes vozes expressam olhares diferenciados sobre uma mesma temática. A leitura crítica da obra evidencia, contudo, a construção de um discurso favorável à luta dos conselheiristas em detrimento das razões da República. Nesse sentido, podemos afirmar que a visão e a voz do narrador letrado, assim como a sua posição ideológica, acaba se sobrepondo às demais perspectivas reunidas na construção da leitura do passado pela ficção num discurso claramente engajado à causa sertaneja.

A voz sertaneja, assim como, por exemplo, os discursos das personagens República e Antônio Conselheiro, ajudam na construção da essência do discurso defendido pelo narrador letrado que busca evidenciar as características do sertão, da guerra, e da necessidade do encontro amigável entre os mundos letrado e o da tradição popular interiorana. Essa abordagem corrobora com o romance histórico contemporâneo de mediação em que o foco narrativo, “[...] privilegia visões periféricas em relação aos grandes eventos e personagens históricos [...]”. Embora o discurso às vezes se faça polifônico, normalmente, centra-se na voz enunciadora do discurso fixada pelo foco único” (FLECK, 2011, p. 92).

Das contribuições especificamente ficcionais para a leitura da história n’*O pêndulo de Euclides*, a proposta de desvendar o que levou o autor d’*Os sertões* a mudar de postura em relação ao exército republicano e aos conselheiristas aparece de modo relevante, justificando o título do romance. Para Walnice Nogueira Galvão,<sup>104</sup> Euclides da Cunha “[...] se candidatou e conseguiu ir para Guerra Canudos como repórter. Foi um ato voluntário da parte dele. Não caiu do céu. [...] E o resultado foi fulminante: uma visão do Brasil que ele jamais teria de outra maneira”.

Assim como na entrevista já mencionada a radio UNESP, Aleilton Fonseca também participa do programa “Leituras”<sup>105</sup>, na TV Senado, em que o tema principal é justamente o romance *O pêndulo de Euclides*. A inquietação referente às posturas de Euclides da Cunha e o desejo de lhe dar uma explicação, a partir dos meandros da ficção e da história, são reafirmados. O entrevistado também discorre sobre a importância da reinterpretação da história a cada geração. Além disso, expõe que nunca esteve tão perto de uma personagem como em relação ao narrador letrado de seu próprio romance, fato que impediu, nessa sua obra “[...] o desenvolvimento do conceito de polifonia, posição de distanciamento máximo entre autor e personagens em um infundável diálogo” (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 66). Contudo, esclarece que não são os mesmos, apesar de viverem episódios

---

<sup>104</sup> Parte do documentário *Os sertões e os sermões*. Disponível em <http://www.senado.gov.br>. Acesso em 12/05/2012.

<sup>105</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=b5TlyqEndlg> (primeira parte)  
<http://www.youtube.com/watch?v=2EpUefpUMZI&feature=related> (segunda parte)  
<http://www.youtube.com/watch?v=0upq2hVwBXw> (última parte). Acesso em 12/05/2012.

comuns como o contato precoce com a temática canudense e terem viajado ao local da guerra. Ressalvados esses pormenores, chama a atenção para a leitura de seu romance como uma busca de respostas para questões que são de todos nós: do passado e do presente.

O responsável por revelar ao narrador letrado os segredos guardados e conservados na memória, é a personagem sertaneja seu Ozébio. Esta é exemplo da recorrência de personagens como compartilhantes de vivências comuns nas narrativas de Aleilton Fonseca. Para Gonçalves Filho (1998, p. 99):

A memória oferece o passado através de um modo de ver o passado [...], onde há, pois, investimentos do sujeito recordador e da coisa recordada, de maneira que ao termo e ao cabo do trabalho de recordação já não podemos mais dissociá-los: então fará tanto sentido entender o sujeito a partir do que recordou quanto o que recordou a partir do modo como o fez.

N' *O pêndulo de Euclides*, o olhar da personagem sertaneja seu Ozébio remete-se ao passado vivido por seu avô durante a Guerra de Canudos. É a história de uma personagem que já morreu, porém ressuscitada na memória de um descendente que, de acordo com a citação exposta acima, permite-nos compreender muito de sua identidade, tanto pelo conteúdo como pela forma da sua narrativa.

Numa primeira conversa com o narrador letrado, a personagem seu Ozébio não quis responder ao ser perguntado se sabia ou não algo sobre Euclides da Cunha. Desconfiava de que seu interlocutor fosse mais um pesquisador disposto a ouvir os descendentes da guerra e distorcer suas falas ao transcrevê-las nos livros (FONSECA, 2009, p. 47). Entretanto, em outro momento, ao perceber que as intenções daquele novo visitante eram resolver inquietações pessoais numa espécie de dívida com a história, resolve compartilhar um segredo há muito guardado. Na altura em que essa personagem narra o encontro de seu avô, também de nome Ozébio, com a personagem Euclides Cunha, no acampamento militar nos arredores do arraial de Belo Monte, lemos o seguinte:

[...] entre a surpresa e o pavor, bateu-lhe o senso da oportunidade. Curioso, via ali um raro espécime de homem, em carne e osso, suor e pavor escorrendo nos olhos esbugalhados. Um canudense vivo! O coração pulsando, a veia saltada de medo e coragem. Então, o

jornalista percebeu rápido o que tinha diante de si e de sua pena. (FONSECA, 2009, p. 142).

A revelação desse encontro só é possível devido às possibilidades que as narrativas híbridas entre história e ficção oferecem. Sabemos que Euclides da Cunha esteve muito próximo ao epicentro da guerra. Contudo, não conseguiu verificar, de maneira precisa, o que se passava no lado oposto ao dos republicanos. Sabemos também que sua postura radical, em relação ao exército e aos conselheiristas, sofreu modificações após sua viagem como correspondente de guerra, o que viria a revelar-se n' *Os sertões*. Segundo as memórias da personagem seu Ozébio, a reviravolta no pensamento e nas convicções euclidianos se deu a partir do curto período que o jornalista passou com o seu antepassado combatente conselheirista. Este – e mais uma criança deixada aos cuidados do Comitê Patriótico<sup>106</sup> – foi salvo e viajou com a personagem Euclides da Cunha até Salvador onde permaneceu por alguns dias. Culturalmente distantes, puderam se conhecer e trocar experiências, aproximando-se para a vida toda:

Eram a fé e o saber que se tocavam, tateando um ponto em que pudessem fluir e dialogar, reajustando os rumos de suas vidas. Zé Ozébio jamais ia deixar de ser um sertanejo de fé e de honra, marcado pela tragédia da vida e da guerra. Jamais compreenderia o motivo de tantos tiros, tantas mortes, tanta destruição. E agora ele se deixava conduzir pelas mãos e pelos gestos daquele doutor, a quem entregava seu destino. (FONSECA, 2009, p. 149).

A possibilidade de retorno a um tempo passado ficcionalmente conduzido ao presente, a partir das memórias de uma personagem sertaneja, reedita, em certa medida, o encontro revelador entre os mundos representados pelas perspectivas do narrador letrado e da personagem seu Ozébio. A “resposta” para as mudanças conceituais de Euclides da Cunha é construída numa aproximação amigável na qual um conselheirista demonstra seu posicionamento, sem a necessidade de utilização das armas. Ao retornar para o sertão, esse combatente sertanejo não agiria diferente de seus pares pertencentes a uma configuração cultural por um longo período delineada. Entretanto, carregaria a experiência de que há diferentes pontos de vista e posturas nos representantes das mais diversas comunidades. O contato

<sup>106</sup> “[...] sociedade beneficente de Salvador, organizada pelo jornalista Amaro Lélis Piedade”. (LEVINE, 1995, p. 242).

entre mundos torna-se, assim, criador (USLAR PIETRI, 1990), quando não acompanhado por preconceitos muitas vezes estópicos de enfrentamentos como foi a Guerra de Canudos. Já a personagem Euclides da Cunha:

Desde a aparição inesperada daquele sertanejo em seu caminho, no meio do caos, fora fulminado por inúmeras dúvidas. E seu pensamento se revolveva célere. Algumas certezas se desmanchavam no ar. Outros conceitos se enraizavam, fazendo brotar convicções que pareciam novas e, no entanto, já existiam adormecidas em seu íntimo. Ele cumpria um rito de passagem. Isso abalava seus conhecimentos e dava às suas palavras outros olhares e novo rumo à sua pena. Entrava na posse de novos saberes, desentranhados não somente dos livros, mas também da terra, do corpo, da amizade e da experiência. (FONSECA, 2009, p. 149).

Notamos aqui que o tema da morte como rito de passagem e construtor de aprendizados, bastante constante em Aleilton Fonseca, por exemplo, em contos presentes no livro *O desterro dos mortos*, reapresenta-se de forma significativa nessa narrativa canudense do escritor baiano. Devido à capacidade de se desvencilhar de compreensões amarradas em molduras fechadas, transcendências de significados são estabelecidas no momento em que morrem velhas expectativas e renascem novas possibilidades criadoras de interpretação.

N' *O pêndulo de Euclides*, podemos entender a morte tanto no âmbito concreto, por meio do principal motivador de sua discussão histórica e ficcional: o extermínio humano da Guerra de Canudos; como no aspecto conceitual, pela reelaboração de paradigmas nas análises da personagem intelectual Euclides da Cunha. A primeira acepção retorna viva, entre os descendentes diretos da guerra e nos renovados questionamentos de estudiosos interessados em compreender os significados de um evento carregado de lições. A segunda está representada na característica pendular presente na elaboração de conceitos passíveis de revisões quando mediados por novos olhares. A personagem ficcional Euclides da Cunha, assim com a histórica, não seria mais a mesma após entrar em contato com uma realidade diferente de tudo que tinha lido e vivenciado até então. A maior prova disso está na escrita d' *Os sertões*. Contudo, não havia o registro de uma explicação sobre o momento e a forma que o fizeram formular outras perspectivas. Talvez não haja um único motivo, sendo toda sua viagem aos sertões a grande passagem, o que é provável. *O pêndulo de Euclides*, porém, apresenta uma hipótese que, longe

de pretensões definitivas, ajuda a compreender um momento importante da nossa história e de um intelectual que impactou os leitores com seu livro fundamental.

Antes das personagens visitantes retornarem de Canudos, são convidadas a almoçarem e ficarem por algumas horas na casa da personagem seu Ozébio. Ali beberam, conversaram, descansaram, além de escutarem a história que se passou com um empregado do velho sertanejo: uma narrativa intitulada “Treme-terra” que, por sua forma independente e acabada – sem, contudo, destoar da verossimilhança do enredo –, poderia figurar naturalmente entre às coletâneas de contos de Aleilton Fonseca. A história versa sobre a aparição do coronel Moreira Cesar, na forma de dois olhos de fogo, numa noite em que o empregado precisou procurar por um bode desgarrado. Neste trecho do romance, a narrativa chama a atenção para as histórias envolvendo “[...] as visagens, assombração, alma penada” (FONSECA, 2009, p. 199), comuns, sob os mais variados matizes, no interior do Brasil. Já na despedida, a personagem seu Ozébio reintera:

– Muitos anos se passaram, meus senhores. As águas e o vento limpam os caminhos das lutas e os rastros de sangue. Neste sertão tem muito cacto, espinho e urtiga braba, mas não tem ódio nem rancor. A gente sabe pelear de sol a sol, sofrer e se alegrar, prosear e discutir os assuntos. E sabe acolher bem os que vêm de fora. Mas das bandas de lá dos lugares poderosos ainda falta uma coisa que a gente aqui continua esperando com paciência. Eu digo aos senhores que são de lá, e peço que não se esqueçam de minhas palavras. Até hoje Canudos espera um pedido de desculpas. (FONSECA, 2009, p. 204).

Revigorado por palavras como essas, pelas imagens e pelos dias que passou nos locais da guerra, além de portador de segredos desencavados pelas memórias de uma personagem representante da configuração cultural do lugar, o narrador letrado retorna à cidade, pronto para assumir o compromisso de escrever um livro. “A par das revelações e do aprendizado daqueles dias, eu me fiz uma pergunta capital. E respondi para mim mesmo, ciente de minha mais íntima verdade: — Depois dessa viagem eu sou outro homem” (FONSECA, 2009, p. 205).

O saber a partir de leituras anteriores, num encontro com o saber das vivências pessoais num contato com o sertão, aparece, assim, n’O *pêndulo de Euclides*, como a possibilidade do diálogo e do aprendizado recíproco entre mundos

aparentemente distantes. No entanto, mais próximos do que podemos imaginar, quando aceitam se conhecerem e participarem de trocas amigáveis de experiências.

Referindo-se à produção ficcional de Aleilton Fonseca, Olivieri-Godet (2010, p. 97) afirma: “[...] à sua maneira, o escritor busca realizar a síntese entre os imaginários arcaico e moderno que moldam referentes identitários diversos e constituem o patrimônio cultural do Brasil”. Repleto de revelações e quadros sugestivos, possibilitados pelas liberdades ficcionais da escrita do romance, *O pêndulo de Euclides* apresenta a releitura de uma história que ainda ecoa sob diferentes matizes na realidade brasileira contemporânea. Sugere uma mediação entre as histórias da Guerra de Canudos, largamente difundidas nos mais variados formatos de expressão escrita e oral, e a visão reelaborada de uma inquietação obscura.

Assim, utilizando-se de estratégias das ficções históricas estudadas e apresentadas por Fleck (2007-2008-2011), o romance de Aleilton Fonseca busca dar um sentido e uma coerência à atualidade desde uma visão crítica do passado; apresenta uma personagem histórica com relevância para a estrutura do enredo; faz uso consciente de recursos como anacronismo e intertextualidade, além de problematizar a representatividade escrita dos eventos.

Portanto, por não sugerir uma desconstrução exageradamente paródica dos pressupostos teóricos tradicionais, nem pretender unicamente, ao modo das metaficções historiográficas plenas, desmarginalizar o discurso literário em relação à “veracidade” cientificista de algumas correntes históricas tradicionais, *O pêndulo de Euclides* se enquadra, pois, em grande medida às características do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007; 2008; 2011).

Muitas informações recorrentes na historiografia referente à Guerra de Canudos, como já mencionado, são respeitadas e reproduzidas, e um aspecto que poderia ser entendido como reverência a *Os sertões*, de Euclides da Cunha, também está evidente no romance. Contudo, não se pode encará-lo como uma simples reprodução daquilo que já está registrado e resolvido em mais de um século de histórias. Por meio das experiências obtidas com a visita daqueles três amigos aos sertões da Bahia, em pleno século XXI, dos vieses sugeridos pelo narrador e das revelações intrigantes da personagem seu Ozébio, *O pêndulo de Euclides* apresenta-se muito bem urdido em sugestivas imagens. Evoca ecos do passado e

instiga reflexões críticas atuais para além da literatura. Portanto trata-se de um texto mediador entre a História, suas lacunas, e as probabilidades de preenchê-las utilizando-se da ficção.

#### 4.3 CANUDOS ALÉM DOS CONFLITOS BÉLICOS: REPRESENTAÇÕES EM VARGAS LLOSA (1981) E FONSECA (2009)

Olhares para particularidades da cultura do sertão nordestino brasileiro, a partir do evento emblemático da Guerra de Canudos, estão representados na literatura nacional e estrangeira. Se encararmos esta última para além das convenções linguísticas e territoriais, parece não haver desatino em atribuir às narrativas canudenses aqui em estudo um distanciamento sociocultural de seus autores em relação aos aspectos gerais da região da guerra. Tomemos como exemplos Euclides da Cunha, Mario Vargas Llosa e Aleilton Fonseca. O sertão apresenta-se como terra ignota aos três escritores que, por diferentes épocas, e, de certa maneira pelo mesmo motivo – produzir narrativas –, conheceram os lugares por onde caminhou Antônio Conselheiro.

As surpresas da viagem feita por Euclides da Cunha como jornalista culminou n’*Os sertões* (1902), obra fundamental para Vargas Llosa e Fonseca os quais, em contato com a leitura de outros documentos desenvolvidos no decorrer dos anos, também viajaram ao interior da Bahia antes de publicarem, respectivamente, *La guerra del fin del mundo* (1981) e *O pêndulo de Euclides* (2009). Cada um ao seu modo, os três escritores revelam as características do estrangeiro, “[...] capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. [...] Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são” (PEIXOTO, 1998, p. 363).

Não compreendamos aqui, entretanto, os textos produzidos por tais autores como puros, fieis ou reveladores de uma totalidade contextual apreendida em leituras ou visitas esporádicas. As características de uma sociedade “tal como elas são”, aparecem segundo o olhar do estrangeiro no sentido de atribuir relevância a conceitos e costumes que, por estarem arraigados nas práticas cotidianas, muitas vezes não têm a necessidade de serem sistematizados, em toda sua magnitude, no discurso dos representantes genuínos de uma comunidade. A partir do “olhar de

fora”, elementos culturais são evidenciados ao passo que vêm à tona as maneiras como, numa sociedade, “[...] os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem seus estrangeiros” (BARROS, 2004, p. 77).

Em *La guerra del fin del mundo*, por exemplo, características do sertão estão representadas na solidariedade entre os conselheiristas nos tempos de paz e de guerra. Ajudavam-se uns aos outros no cultivo da terra, na construção das casas. Planejavam e executavam, juntos, a defesa de Belo Monte, uma comunidade pacífica onde mesmo personagens como o Anão, Jurema e o jornalista míope foram aceitos. Estes se encontravam acidentalmente em Canudos e não pela fé em Antônio Conselheiro. Só eram hostilizados no arraial os que revelassem simpatia aos pressupostos republicanos.

N’O *pêndulo de Euclides*, as narrativas de figuras representativas da região como as personagens Estêvo de Madá, o responsável pelo Memorial Antônio Conselheiro, dona Elza e seu Ozébio, somadas à exposição dos quatro “fogos da guerra” a partir do ponto de vista de uma voz conselheirista, aproximam a história assentada nos livros à memória local. Destacam-se as peculiaridades da feira, os eventos religiosos, aspectos da culinária, atividades de lazer praticadas atualmente, posturas particulares sobre a Guerra de Canudos, entre outras vertentes da tradição popular como a poesia de cordel e os cantadores. Surgem novas perspectivas para a releitura do passado.

A curiosidade e as expectativas para a visita às particularidades culturais dos sertões, contudo, para os autores das narrativas canudenses, precisaram de motivações bélicas, ao contrário de suscitadas pelas idiossincrasias dos habitantes locais ou pelas facetas da paisagem. Os conflitos obedecem a verdades e repercussões distintas e as interpretações para um evento como foi a Guerra de Canudos buscam, também, nos lados envolvidos, justificativas para ações desencadeadoras de mortes.

Euclides da Cunha, embasado na tradição do discurso científico do século XIX, considera o nordestino forte “[...] na medida em que se insere num meio inóspito ao florescimento da civilização europeia” (ORTIZ, 2005, p. 18). Entretanto, sua abordagem “realista” e o olhar para um mundo até então à margem, torna-se

referência fundamental para os estudos posteriores sobre o sertão nordestino. Além de denunciar um ataque oficial sobre uma população que não teve direito a voz – sendo sua defesa as armas e, principalmente, o conhecimento detalhado das condições do lugar –, Euclides da Cunha reclama, para os sertanejos, “[...] direta e indiretamente o sentido de cidadania que lhes era devido” (TELES, 2009, p. 145). A partir d’*Os sertões*, “[...] livro-síntese [que representa] o fim de um era literária e o começo dos estudos científicos sobre o Brasil” (TELES, 2009, p. 147), uma variedade de discursos, também sob os signos da arte, vem à tona.

Os romances de Vargas Llosa e Fonseca estão entre as narrativas canudenses que tiveram n’*Os sertões* base primordial para o desenvolvimento de seus enredos. O distanciamento temporal em relação ao texto euclidiano, o estudo aprofundado sobre uma quantidade relevante de produções relativas à Guerra de Canudos, além da visita ao local do conflito, somaram-se aos conhecimentos e às perspectivas ideológicas dos dois autores aqui enfocados. A influência d’*Os sertões* é reconhecida, contudo, os direcionamentos propostos por Vargas Llosa e Fonseca oferecem novos olhares para as questões do sertão, sob muitos aspectos metonímia da pluralidade do Brasil e da América Latina. Na releitura destes dois autores, interpretações e posicionamentos são delineados num diálogo culturalmente híbrido em que o retorno e o destaque de uma temática proporcionaram, ao mesmo tempo, a continuidade viva de uma história e, a partir dela, o (re)pensar sobre questões do passado e do presente.

Encontramos em *La guerra del fin del mundo* a representação de eventos e personagens numa gama considerável de focos discursivos. Isso faz com que encaremos esta narrativa como uma proposta textual em que se evidenciam as muitas partes envolvidas na Guerra de Canudos sem, contudo, privilegiar as particularidades de uma voz em detrimento de outras. As características do sertão e da comunidade que se formou em torno da personagem Antônio Conselheiro, são expostas numa busca de representação tanto das mazelas como das virtudes daquela gente. O mesmo ocorre em outros planos em que se discorre sobre políticos, fazendeiros, religiosos, jornalistas e demais envolvidos na estrutura do enredo. A multiplicidade de perspectivas permite ao leitor se inteirar de possibilidades interpretativas diversas, fazendo, assim, com que se reafirme a impossibilidade de acesso a uma só verdade histórica: estratégias desenvolvidas

pelos novos romances históricos e as metaficções historiográficas (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993; HUTCHEON, 1991).

N'O *pêndulo de Euclides*, a possibilidade da interpretação unívoca da história também é posta em cheque. Os olhares representativos dos sertanejos canudenses e dos estudiosos da guerra que vivem noutro contexto, compõem um direcionamento em que discussões e divergências históricas são apresentadas no texto ficcional. Todavia, a abordagem mais linear na narrativa, sob o controle de um narrador letrado, permite ao leitor se inteirar, de maneira mais acessível, de uma gama considerável de veredas interpretativas da Guerra de Canudos. Na perspectiva de personagens como seu Ozébio e dos viajantes que visitam a Canudos atual, as memórias relacionadas a um mesmo evento e seus desdobramentos são destacadas, numa mediação (FLECK, 2011) em que se considera o já estabelecido nos livros e as vozes excluídas do sertão.

A preocupação em documentar-se antes de escrever o romance – aspectos que Aínsa (1991) atribui a muitos novos romances históricos – é notória tanto em Vargas Llosa como em Fonseca. O primeiro afirmou a Setti (1986, p. 41) que, “[...] quando estive na Bahia, trabalhei muitíssimo no Arquivo Histórico, lendo a imprensa da época, teses universitárias... E, finalmente, passei o último ano de trabalho em Washington”. As leituras e os estudos para domínio histórico baseado em textos referentes ao sertão e à Guerra de Canudos, além da visita à região dos conflitos, exigiram quatro anos de dedicação do autor peruano, tempo em que esses conhecimentos constituíram base à urdidura histórico-ficcional de *La guerra del fin del mundo*. Aleilton Fonseca desde muito cedo teve conhecimento sobre a significação do verbete “Canudos” e também pode ler, pela primeira vez, com as dificuldades de um leitor adolescente, *Os sertões*. Desde então, as leituras e o interesse pela temática canudense estiveram presentes na trajetória intelectual deste escritor.

Os nomes e as representações históricas de algumas personagens são, sob muitos aspectos, mantidos nos dois romances aqui em estudo. Em *La guerra del fin del mundo*, isto ocorre, por exemplo, com as personagens Antônio Conselheiro, Moreira César e os comandantes oficiais das outras três expedições militares, sem que ocorra exageros paródicos comuns em muitos novos romances históricos apontados por Aínsa (1991) ou Menton (1993). Outras personagens historicamente

conhecidas, como João Abade e Beatinho, têm de modo mais acentuado a liberdade ficcional como condutora de suas histórias. Personagens como Rufino, Galileo Gall, Anão, Barão de Canabrava e o jornalista míope são ficcionais. Contudo, elas apresentam características culturais e ideológicas que as incluem como representantes de elementos direta ou indiretamente relacionados ao evento.

N'*O pêndulo de Euclides*, além do destaque e dos discursos em primeira pessoa das personagens Antônio Conselheiro, Ruy Barbosa e Euclides da Cunha, há a personificação de elementos como a História, a República o Tempo e a Circunstância. Configurações desse tipo ajudam para a compreensão histórica e para a construção da verossimilhança na narrativa. No romance de Vargas Llosa, percebemos uma heterogeneidade de vozes e maior acentuação irônica, principalmente nas personagens cujo discurso busca *status* de verdade irrevogável (Moreira César e Galileo Gall, por exemplo). Em Fonseca, o quadro histórico-ficcional da Guerra de Canudos e de suas leituras desenvolvidas em mais de um século, privilegia a voz do excluído da história (FLECK, 2011) e tem na personagem seu Ozébio o maior representante.

Elementos intertextuais, relevantes nos novos romances históricos e nos romances históricos contemporâneos de mediação, também estão presentes em muitos momentos em *La guerra del fin del mundo* e n'*O pêndulo de Euclides*. No primeiro, podemos citar referências diretas ou indiretas a histórias medievais, a notícias de jornais da época da guerra e a toda uma construção interpretativa de abordagens presentes nos mais variados textos. O segundo não é omissivo em relação a esses elementos. Sugere uma fundamentação histórica e cultural sólida numa viagem pela Canudos atual e pela memória de suas personagens.

Diferente dos elementos apresentados até aqui, comuns em certa medida nos romances de Vargas Llosa e Fonseca, a exposição plural do contexto da Guerra de Canudos é o que mais aproxima *La guerra del fin del mundo* às narrativas consideradas novos romances históricos. Os vários mundos e suas perspectivas estão direcionados no uso da ironia e de elementos da sinfonia bakhtiniana (MENTON, 1993), como o dialogismo, a carnavalização e a paródia. A ironia se apresenta, em grande medida, nos ideais fechados e inflexíveis de personagens dispostos a matar ou a morrer sem averiguar a efemeridade da vida e a repercussão maléfica de suas ações. A cegueira toma conta da personagem Rufino quando seu

objetivo não é outro senão vingar uma traição imperdoável. A mesma cegueira está presente na personagem Moreira César que precisa destruir, a qualquer preço, uma ameaça aos seus princípios irrevogáveis. Tanto um como outro, por veredas distintas, tiveram o mesmo fim: morreram lutando por convicções que os fecharam em mundos, ao invés de lhes proporcionarem novas perspectivas em suas trajetórias. Além destas e outras personagens como Galileo Gall, a própria ação do exército republicano e a configuração do arraial conselheirista, estão formuladas a partir da irônica finalidade de posicionamentos deterministas fadados a constantes revisões em que só o distanciamento histórico pode apontar os equívocos.

Já os elementos dialógicos podem ser evidenciados no constante confronto das vozes enunciadoras do discurso. Elas nem sempre estão expostas num mesmo momento temporal e espacial do enredo. Entretanto, são representadas no romance sem que haja interferências redutoras do narrador onisciente. Isso reintera o caráter polifônico em *La guerra del fin del mundo* na medida em que as particularidades ideológicas das partes envolvidas no evento histórico ficcionalizado não são omitidas.

O olhar para as características particulares dos diferentes participantes do conflito permite uma representação ampliada, heterogênea e, muitas vezes, carnalizada. Sertanejos conselheiristas representados somente segundo a dicotomia desvalidos/escolhidos, aparecem no romance de Vargas Llosa nas duas vertentes: abandonados num sistema agrário próximo do feudal, uma vez aceitos e redimidos numa luta legitimada pelo discurso da personagem Antônio Conselheiro, ganham dignidade. A personagem jornalista míope, num momento trabalhando a serviço de interesses particulares, descobre sua baixaza quando se encontra entre os sertanejos em plena guerra. Esses são alguns exemplos de como os papéis sofrem inversões em *La guerra del fin del mundo*, particularidades da carnalização em que o baixo é visto como alto e o alto como baixo, sugerindo, assim, a dessacralização de valores e representações estereotipados.

As possibilidades interpretativas em relação aos motivos desencadeadores da guerra ainda permanecem, talvez por serem muitos e, ao mesmo tempo, todos eles válidos. Para além de explicações pontuais, Vargas Llosa parece estar interessado em delinear as características históricas e psicológicas dos envolvidos na Guerra de Canudos por meio de situações e personagens

fundamentadas historicamente ou construídas sob estratégias ficcionais. Lagos e Zisman – ressalvados o caráter de louvação dos textos apresentativos – escrevem o seguinte na contracapa de *La guerra del fin del mundo* (1981): “[...] *Parábola moral y política sobre la condición humana* [...], no es solo el gran libro de Mario Vargas Llosa, sino también un libro fundamental en la historia literaria del siglo XX”<sup>107</sup>. Este romance pode ser lido também como um manual de latino americanismo, na medida em que representa as tragédias dos países do continente que, segundo Vargas Llosa, “[...] em diferentes momentos da nossa história, se viram divididos e lançados em guerras civis, repressões maciças ou mesmo matanças, como a de Canudos, por cegueiras recíprocas parecidas” (SETTI, 1986, p. 45). Muitos aspectos desta cegueira recíproca estão delineados nos eventos e nas vozes das personagens em *La guerra del fin del mundo*. Nas suas múltiplas perspectivas de uma narrativa polifônica, metonímia de um continente marcado historicamente por conflitos que ultrapassam os limites das guerras.

N’*O pêndulo de Euclides*, notamos uma realidade a ser conhecida e contemplada numa troca de aprendizagens traduzidas em alternativas aos discursos acadêmicos e artísticos desenvolvidos por mais de um século. Lacunas da história são preenchidas – como na explicação sobre o momento da reviravolta conceitual em Euclides da Cunha – a partir de elementos que só a ficção pode dar conta. Entretanto, este romance não visa um questionamento histórico do que já se estabeleceu em anos de pesquisas e de pontos de vista sobre a Guerra de Canudos. Nele, busca-se acrescentar olhares sobre o passado e o presente numa urdidura ficcional em que a história funciona como ponto de partida para que as vozes do sertão também manifestem suas leituras.

As características dessa narrativa, publicada já no final da primeira década do século XXI, contemplam, sob muitos aspectos, a modalidade romanesca definida por Fleck (2007-2008-2011) como romance histórico contemporâneo de mediação: “[...] mais acessível ao leitor comum, pois não há nele o exagero experimental que caracteriza o modelo de romance histórico das décadas de 80 e 90, especialmente no contexto latino-americano”. (FLECK, 2007, p. 162).

---

<sup>107</sup> Nossa tradução livre: [...]. *Parábola moral e política sobre a condição humana* [...], não é só o *grande livro* de Mario Vargas Llosa, senão também um livro fundamental na história literária do século XX.

Essas narrativas menos experimentalistas tornam-se bastante recorrentes desde a última década do século XX até a atualidade. Sua evidência deve-se, em grande medida, à necessidade de reaproximação do leitor comum a um romance histórico que não fosse carregado de complexidades temáticas e formais como as desenvolvidas em muitos dos novos romances históricos. Para Fleck<sup>108</sup>:

As obras produzidas sob esses novos parâmetros são, de acordo com a nossa visão, fruto do enfrentamento ocorrido entre os ditames do *boom* e as reações a eles presentes no pós-*boom*. [...] havia necessidade de tornar a criação literária menos 'laboratoriosa' para que o leitor comum pudesse, também, desfrutar dessa arte. [...] Reflexo disso é, no romance histórico, o surgimento da tendência conciliadora das diferentes concepções que a escrita híbrida de ficção e história adquiriu ao longo de sua existência, a que denominamos romance histórico contemporâneo de mediação.

Os novos romances históricos – parte das manifestações literárias presentes no chamado *boom* latino-americano – estabeleceram uma crítica à leitura passiva dos pressupostos históricos “oficiais” ou “inquestionáveis”. Esses novos direcionamentos não são desconsiderados na escrita de romances como *O pêndulo de Euclides* que, todavia, também sugerem uma mediação com a modalidade tradicional de romances históricos (LUKÁCS, 1977) quando representam personagens e eventos de maneira próxima às suas configurações historicamente conhecidas. Contudo, a abordagem ficcional nos romances históricos contemporâneos de mediação não deixa de oferecer leituras críticas do passado e do presente, utilizando-se de recursos como a paródia, intertextualidade e os comentários metanarrativos (FLECK, 2011, p. 93).

Nesse sentido, podemos verificar aspectos paródicos no romance de Fonseca, por exemplo, se compararmos a exposição do capítulo denominado “A luta”, n’*Os sertões*, como “Os fogos da guerra” n’*O pêndulo de Euclides*. Enquanto no primeiro os eventos são narrados segundo as perspectivas teóricas e distanciadas de um narrador cujo olhar é “de fora”, no segundo deparamo-nos com a leitura e as explicações dos mesmos eventos a partir de um olhar “de dentro”, de

---

<sup>108</sup> FLECK, Gilmei Francisco. *Com licença, eu vou passar: noções para entender as leituras da história pela ficção*. INÉDITO.

uma personagem sertaneja conselheirista que participa da guerra e resiste até os últimos momentos.

A intertextualidade surge com destaque evidente nas referências ao clássico euclidiano e aos dizeres, registros, leituras e análises sobre a Guerra de Canudos apontados já no segundo parágrafo do romance (FONSECA, 2009, p. 13). Exemplo de comentário metanarrativo aparece na voz da personagem seu Ozébio ao repreender o narrador letrado, pedindo-lhe que não deturpe seu justo falado, que “[...] não falseie minha prosa com bonitezas de suas palavras lordes” (FONSECA, 2009, p. 44). Ao utilizar-se dessas estratégias narrativas à maneira dos romances históricos contemporâneos de mediação, *O pêndulo de Euclides* aparece também como um romance em que a exposição do enredo é mais linear e menos complexa. Entretanto, requer “[...] a participação ativa do leitor, pois este precisa estabelecer as relações entre os textos que o procederam e dar-se conta da proposta crítica que subjaz à produção”. (FLECK, 2008, p. 317).

N’*O pêndulo de Euclides*, história, literatura e memória avultam desde a primeira à última página. Conhecer um pouco sobre a Guerra de Canudos não é requisito fundamental para se compreender a narrativa canudense proposta por Aleilton Fonseca. Entretanto, é somente no estabelecimento de um diálogo entre conhecimentos prévios do leitor com os aspectos histórico-ficcionais do romance que o encontro amigável entre passado e presente, memória escrita e oral, podem ser apreendidos numa carga de significação ampla e renovadora. Para além da mediação formal entre os aspectos das vertentes de romances históricos apresentadas na terceira parte do presente estudo, *O pêndulo de Euclides* é um exemplo de romance histórico contemporâneo de mediação que reaproxima mundos. Apresenta-se como uma narrativa que propõe o reencontro de um mesmo Brasil marcado por conflitos bélicos e pela insistente resistência de se reconhecer como culturalmente múltiplo.

A mediação pendular da personagem Euclides da Cunha, entre a tradição sertaneja e os preconceitos do litoral, é estabelecida no encontro amigável com a personagem conselheirista Ozébio. Este retroceder na história a partir da ficção é reeditado sob outras características e olhares no encontro do narrador letrado com a personagem seu Ozébio, mais de um século após a eclosão da Guerra de Canudos e a disponibilização intermediária de estudos e manifestações artísticas sobre esse

tema. As memórias da guerra e dos sertões ainda vivem num contexto que já não é exatamente o mesmo do tempo de Antônio Conselheiro. Contudo, num período considerado global em que informações se espalham em segundos, o sertão nordestino apresenta distanciamento considerável em relação às sociedades e às economias, também desiguais, da região litorânea e de outras regiões do país.

Entre a história e a ficção, *La guerra del fin del mundo* e *O pêndulo de Euclides* contribuem para a (re)leitura paródica de discursos legitimadores de posicionamentos unilaterais. Referimo-nos aqui à “[...] natureza híbrida da paródia com o ‘mundo’, da mistura de impulsos conservadores e revolucionários em termos estéticos e sociais” (HUTCHEON, 1985, p. 146). Esses romances oferecem possibilidades de discussões sobre a Guerra de Canudos, no sentido de uma “[...] tensão entre elementos díspares [que] gera novos objetos culturais que correspondem a tentativas de tradução ou de inscrição subversiva da cultura de origem em uma outra cultura” (BERND, 1998, p. 18).

O não limitar-se a interpretações polarizadas de um evento em que culturas se enfrentam por ideias que não permitem o convívio criador (USLAR PIETRI, 1990) entre elas, proporcionam leituras não simplesmente sobre o que foi a Guerra de Canudos, mas sobre o que poderia ter sido o sertão, o Brasil e mesmo a América Latina caso a ignorância, os interesses unilaterais e a ausência de diálogo pacífico não houvesse predominado em séculos de história.

Entretanto, podemos reafirmar que as leituras a partir da Guerra de Canudos, presentes nos romances *La guerra del fin del mundo* e *O pêndulo de Euclides*, sugerem dois estágios distintos se comparados com a surpresa do primeiro contato entre dois Brasis, representada na escrita monumental d’Os sertões. Este, responsável “[...] pela permanência da história dessa Guerra na memória dos leitores interessados, tanto brasileiros quanto estrangeiros” (MEDEIROS, 2008, p. 1). O romance de Vargas Llosa representa a releitura de um evento em que as características e os discursos de uma gama considerável de personagens ajudam para que uma história recontada funcione como espelho de um contexto maior: os conflitos históricos da América Latina. O livro que a personagem jornalista míope – que compreendeu os vários mundos presentes no conflito – pretendia escrever pode ser considerado, de certa maneira, como a própria narrativa polifônica de *La guerra del fin del mundo*.

Já o romance de Aleilton Fonseca, ao proporcionar um diálogo histórico-ficcional, inserindo elementos representativos da atualidade de Canudos, desenvolve uma discussão e propõe olhares que ultrapassam o simples interesse intelectual para a história da guerra e do sertão.

Este está vivo e pulsa com suas particularidades culturais, riquezas e dificuldades econômicas e sociais no contexto brasileiro. O pêndulo da personagem Euclides da Cunha ressurge num encontro atual e amigável de personagens e culturas representantes da heterogeneidade híbrida brasileira e, por extensão, latino-americana. O contato criador e necessário para o contínuo redimensionar das civilizações, está exemplificado nas diferentes contribuições possibilitadas pelas trocas amigáveis de experiências enfocadas na narrativa híbrida atual.

Os três amigos, estudiosos de um tema pouco divulgado num contexto geral, levam aos sertanejos um vocabulário característico dos grandes centros urbanos, modos de se vestir e de se comportar nem sempre recorrente nas pequenas cidades do interior. Já as pessoas do lugar visitado, representadas por personagens como Estêvo de Madá, dona Elza e seu Ozébio, apresentam também suas particularidades culturais, logo depreendidas pelos forasteiros, por exemplo, traduzidas na receptividade simpática de uma gente disposta a mostrar as qualidades do lugar e compartilhar suas histórias.

Essas duas vias culturais deixam de caminhar paralelamente, para se encontrar num lugar comum e compartilhar vivências, sem deixar de lado suas raízes mais profundas. O resultado desses encontros, desvencilhados de preconceitos irrevogáveis, está na expansão de conhecimentos dos dois grupos os quais ampliam, consideravelmente, seus leques de informações e suas possibilidades de aceitação, assimilação e interpretação das diferentes expressões culturais. Esses aspectos, necessários para o desenvolvimento de toda comunidade humana, não tiveram, lamentavelmente, chance de se desenvolverem entre as partes envolvidas nos confrontos entre o exército republicano e conselheiristas no final do século XIX.

Passados mais de 115 anos desde o término da Guerra de Canudos, uma série de romances foram publicados no intuito de reeditar diferentes interpretações da história de um conflito emblemático. Entre eles, consideramos *La guerra del fin del mundo* e *O pêndulo de Euclides* como significativos por contribuírem, de maneira

profunda, para leituras que vão além da guerra. Mais do que direcionar posicionamentos histórico-ficcionais sobre possíveis responsáveis, oferecem alternativas para se conhecer e reavaliar as contradições do passado e do presente, conquistando, assim, destaque privilegiado entre as narrativas canadenses.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas deste estudo empreendemos uma visita às narrativas aqui denominadas canudenses, para evidenciar a repercussão temática da Guerra de Canudos (1896-7) numa quantidade considerável de romances históricos publicados entre 1898 e 2009. Desde o primeiro deles – *Os jagunços*, de Afonso Arinos –, até o que consideramos ser a publicação mais recente – *O pêndulo de Euclides*, de Aleilton Fonseca –, acrescentam-se às narrativas elaboradas nacionalmente, pelo menos cinco romances escritos por autores estrangeiros: *A Brazilian mistic* (1919), do britânico R. B. Cunninghame Graham; *Le mage du sertão* (1952), do belga Lucien Marchal; *Ítélet Canudosban* (1970), do úngaro Sándor Márai; *A primeira veste* (1975) do russo georgiano Guram Dochanashvili; e *La guerra del fin del mundo* (1981), do peruano Mario Vargas Llosa. Após este último, coincidentemente ou não, é que avultam a maior parte das narrativas publicadas por escritores brasileiros.

As causas e as consequências dos conflitos armados, protagonizados por representantes do exército republicano brasileiro e sertanejos do interior do país, estes sob a liderança do beato Antônio Conselheiro, suscitaram variadas discussões em diferentes campos de estudos. Esses conflitos, que transcenderam o período bélico, ainda hoje estão longe de estarem encerradas. Pairam no ar as muitas possibilidades em relação ao modo como se teria desenvolvido o arraial de Belo Monte, aos desfechos políticos, religiosos e sociais dessa comunidade, caso os representantes da República não tivessem agido, em 1896-7 da forma como o fizeram. Tais distintos vieses imaginativos geram debates cujas hipóteses e conclusões adquiriram novas nuances interpretativas ao longo dos anos, os quais não permitem uma unidade satisfatória entre os interessados na temática canudense.

As relações culturais e ideológicas envolvidas na Guerra de Canudos apresentam-se como metáfora dos conflitos humanos existentes desde tempos imemoriais, nas suas mais variadas facetas. As análises empreendidas sobre esse momento histórico admitem, a partir do distanciamento temporal, possibilidades de leituras que o colocam, por exemplo, como representação das contradições e peculiaridades de uma América Latina híbrida e mestiça. Este continente ainda

necessita conhecer-se e encontrar, nas diferenças, suas especificidades que o fazem um território cultural distinto.

A previsão realizada por Machado de Assis, em sua crônica escrita em 14 de fevereiro de 1897 – cujo trecho consta nas primeiras linhas deste estudo – estava correta ao sugerir vida longa à “celebridade do sertão”. Além das memórias de uma mulher anônima que espalharia a história do Conselheiro a quem quisesse ouvi-la, pudemos constatar que as repercussões orais da Guerra de Canudos ganharam paralelos em manifestações que vão desde as narrativas históricas, passando pela literatura e outras formas de expressão científica ou artística. Sua evidência instigadora de aprendizados e análises não deixou de estar presente desde o seu desfecho oficial – suas chagas ainda permanecem – até a contemporaneidade.

No romance histórico, contudo, esse episódio importante da história do Brasil, teve destaque relevante: conseguimos elencar uma lista que ultrapassa as vinte narrativas. Dentre elas, elegemos seis para serem apresentadas brevemente, e, no *corpus*, analisamos duas de modo mais detido, pelo fato de as considerarmos representativas de dois estágios diferentes na trajetória da temática, se comparados às escritas primeiras, como a *d’Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha.

As narrativas canudenses instigam, pois, revisitações ao passado nas quais o leitor se depara com problemas que, facilmente, podem ser redirecionados para questões do presente da América Latina, já que esses conflitos se estenderam muito além do período bélico mesmo. Nesse sentido, podemos afirmar que essa característica, entre outras, gera a atualidade da temática constantemente reeditada num período superior a cento e quinze anos.

No presente estudo, na parte intitulada “Complexo Canudos”, estabelecemos algumas considerações sobre aspectos contraditórios relativos às causas da guerra, às incoerências que, já n’*O sertões*, são denunciadas quando se verifica a ação dos republicanos, traduzida no ataque bélico do exército aos conselheiristas. Mencionamos a insuficiência de informações históricas – a maioria especulações – relevantes sobre a vida e as andanças de Antônio Conselheiro, além da pouca atenção dada à história dos sertões e de Canudos no ensino público fora das universidades. Pudemos depreender dessa situação que as representações da Guerra de Canudos, até os anos de 1940, eram fundamentalmente articuladas sob uma visão unilateral na qual os interesses dos vencedores se destacavam em

detrimento das vivências dos vencidos. Somente a partir de estudos como os apresentados pelo professor José Calasans, o qual buscou também na história oral elementos para outros olhares igualmente válidos sobre a guerra, argumentos sobre a religiosidade, a cultura e a formação social do arraial de Belo Monte ganharam destaque, sem que fundamentações deterministas ou pré-concebidas fossem predominantes.

Essas perspectivas de uma visão “de baixo”, ou sem amarras ideológicas centralistas, sobre uma comunidade sertaneja que não conseguiu resistir por muito tempo aos interesses oficiais imediatos tiveram e têm no romance histórico importante instrumento de análise. Isso ocorre por ser esta uma modalidade de escrita híbrida privilegiada para se revisitar o passado. Muitas das sugestões apresentadas nas narrativas canudenses constroem verossimilhanças e possibilidades de leituras nem sempre perceptíveis nos textos que buscam, especialmente, o rigor da pesquisa científica. Na escrita dos romances históricos, perspectivas e “explicações” para os assuntos de outras épocas e do presente são ampliadas. Isso auxilia para que, hoje, esse passado possa revelar-se sob múltiplos olhares e distintos enfoques.

Sugerimos, ao longo do texto, algumas postulações teóricas as quais consideram as civilizações como decorrentes de encontros de culturas. Reafirmamos que é a partir desse processo que as identidades no Brasil vêm se formando há séculos, a exemplo da América Latina como um todo. Uma parte dessas identidades está na conformação cultural do sertão que, por pelo menos trezentos anos, ficou à margem dos interesses políticos estabelecidos. Essa zona do território brasileiro constituía-se, à época dos conflitos bélicos, de uma região desolada por grandes secas, onde uma pequena parcela de ricos fazendeiros convivia com uma maioria de pobres desvalidos.

As condições sociais do sertão, não comparáveis às do litoral, somadas à religiosidade peculiar de uma gente esperançosa por dias melhores, confluíram para a formação e o crescimento do arraial de Belo Monte, em torno de um líder carismático. Apesar do rápido crescimento, aparentemente desordenado, da comunidade conselheirista, é possível perceber, nos escritos sobre esse aglomerado humano, que as relações estabelecidas entre as pessoas provenientes de diferentes lugares se desenvolviam de maneira conciliadora num contexto em que a liberdade,

o trabalho e a religião adaptavam-se num convívio mútuo. Semelhanças e diferenças se irmanavam no desejo comum de aprender e praticar os ensinamentos de Antônio Conselheiro, além de melhor enfrentar, em conjunto, as adversidades de uma zona bastante inóspita.

Apresentamos, da mesma forma, algumas considerações referentes ao papel da memória, a qual contribui para que as histórias da Guerra de Canudos – seus epitáfios – permaneçam vivas num processo contínuo de reinterpretações. Destacamos, entre outros aspectos, a memória como instrumento de (re)significação do passado e do presente, tanto nas manifestações orais como escritas – estas duas não se diferenciam como fontes; aspectos relativos ao pacto autobiográfico; a *triple mimesis*; e reiteramos a importância dos “lugares de memória” numa época de velocidades.

Entendemos, portanto, que o (re)surgir das memórias canudenses tem no romance histórico alternativa importante, dada à circunstância dessa escrita híbrida reler o passado a partir de personagens e eventos também periféricos, conhecidos ou não pelo público leitor, conferindo-lhes o espaço que muitas vezes o discurso oficial não lhes proporcionou. A representatividade de muitos aspectos relacionados ao sertão e seus habitantes, além das expectativas de outros contextos que, de alguma maneira, participaram da história daquela região, antes, durante e após a eclosão da Guerra de Canudos, está mais amplamente configurada nas lembranças e nos pontos de vista das personagens de ficção.

Por intermédio das estratégias de releitura vislumbradas pela memória, o passado se reatualiza e se ritualiza no presente de quem revisita outras épocas e de quem se depara, pela primeira vez, com velhas histórias. Novos significados são construídos num processo necessário, de manutenção criadora, que livra vivências e acontecimentos da morte, ao mesmo tempo em que propicia uma bagagem sólida de conhecimentos para o ininterrupto movimento de retorno ao passado. Tal processo ajuda na construção de perspectivas para o presente e o futuro. A redimensão desse diálogo mútuo, (re)significante de olhares, tornar-se-á natural em protagonistas de outros momentos ao se depararem, naturalmente, com as impressões estabelecidas sobre um contexto distante.

Discorreremos, também, sobre a particularidade representacional das narrativas em geral que, por utilizarem da linguagem verbal, estão sujeitas a

convenções, independente de suas pretensões científicas ou literárias. Sobre o romance histórico em particular, narrativa que se apresenta no limiar entre os discursos histórico e ficcional, evidenciamos algumas de suas principais características e demonstramos leituras teóricas que diferenciam pelo menos cinco modalidades desde o seu surgimento com Walter Scott: 1 – O romance histórico clássico scottiano: as principais características estão na exposição dos eventos e personagens históricos, como pano de fundo para uma trama ficcional. Nesta modalidade, não ocorrem interferências questionadoras em relação aos pressupostos estabelecidos pela história oficial. 2 – O romance histórico tradicional: esta categoria, apesar de também não se posicionar criticamente sobre os pressupostos da História, é distinguível do modelo clássico por subjetivar ficcionalmente eventos e personagens históricos pelas perspectivas adotadas; 3 – O novo romance histórico: as narrativas relacionadas a essa modalidade apresentam alternativas questionadoras sobre a história oficial por meio de recursos paródicos, geralmente desenvolvidos a partir de estratégias como a carnavalização, a intertextualidade; os anacronismos; a ironia, entre outros recursos desconstrucionistas do discurso oficial. Assim, o revisionismo histórico, acompanhado de perspectivas irônicas e desconstrucionistas das “verdades” estabelecidas, sugere parâmetros para se interpretar o passado; 4 – A metaficção historiográfica: modalidade romanesca em que a característica principal está em denunciar os aspectos convencionais da linguagem em todas as formas de narrativa a fim de revelar que todas as escritas sobre o passado são construtos de linguagem, discursos. Quando essa denúncia compõe o conjunto total do romance, Fleck (2007) o considera um exemplo de metaficção historiográfica plena. Se ela representa função fundamental, sem abarcar a totalidade da obra, esse mesmo autor sugere o conceito de romance histórico metaficcional; 5 – O romance histórico contemporâneo de mediação: as narrativas consideradas sob os pressupostos dessa modalidade são desenvolvidas sob as estratégias comuns às modalidades anteriores. A ficcionalidade histórica apresenta-se no limiar entre informações estabelecidas por historiadores e a leitura crítica do passado, como forma de se compreender, também, o presente. Por privilegiar, em grande medida, a voz dos excluídos da história ao mesmo tempo em que utiliza mais comedidamente recursos como a paródia, a carnavalização e os comentários metaficcionais, os romances

históricos contemporâneos de mediação permitem maior acessibilidade ao público leitor em geral por ser mais linear e utilizar uma linguagem bastante próxima àquela dos leitores menos especializados. Com base nesses pressupostos, podemos afirmar que a temática canudenses se apresenta em narrativas que, com exceção do romance histórico clássico scottiano e a metaficção historiográfica plena, abarcam todas as modalidades de escrita híbrida dos romances históricos.

Na segunda parte desse estudo, que designamos como “Narrativas canudenses”, enfatizamos o caráter híbrido da literatura latino-americana cujo discurso formou-se num “entre-lugar”, apesar de não admitido durante um longo período em que o modelo canônico europeu era posto como padrão de escrita “de qualidade”, também dentro do contexto geográfico e histórico da América Latina, e tendência seguida pela maioria dos escritores.

Nas manifestações literárias da América Latina, as raízes comuns de identidades, forjadas a partir de encontros criadores entre os elementos autóctone e estrangeiro, estão presentes, explicitamente ou não, desde os primeiros registros de seus escritores. Não é diferente o que ocorre n’*Os sertões*, de Euclides da Cunha. Apontamos este livro como o resultado de uma análise sob as bases do determinismo científico do século XIX em que aparece, todavia, a denúncia e as surpresas de um primeiro contato, ironicamente destruidor, entre litoral e sertão.

Desse modo, registramos que as múltiplas abordagens dessa obra fundamental suscitariam muitas releituras em narrativas canudenses posteriores, em grande medida, porque a exposição de uma nova realidade nacional aparece em descrições detalhadas e, ao mesmo tempo, contraditórias. A elaboração da linguagem empregada por Euclides da Cunha, em posicionamentos críticos tanto frente ao exército republicano como ao “atraso cultural” dos conselheiristas, ainda surpreende os leitores que se deparam com essa obra. Muitos deles arriscam interpretações, implícita ou explicitamente embasadas no texto euclidiano, a exemplo de cinco dos seis romances que apresentamos nessa parte intermediária do presente estudo, a fim de evidenciarmos uma breve trajetória da temática na qual confirmamos a grande variedade de abordagens ao tema pelas distintas modalidades de escrita híbrida que a configuram.

O primeiro desses escritos, anterior mesmo a *Os sertões*, é *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos. Nessa narrativa, a história da Guerra de Canudos e os

aspectos do sertão são narrados por um narrador extradiegético, ao mesmo tempo em que se destaca o protagonismo de uma personagem ficcional que, na primeira parte do romance, transita por um quadro cultural em que se representam costumes presentes, por exemplo, na religiosidade e nos momentos festivos de uma fazenda. Na segunda parte, ela é envolvida na temática da guerra a qual é configurada a partir dos pressupostos históricos recentes sobre aquele evento. Por não estar vinculada diretamente a uma personagem histórica, a inserção de um elemento fictício como integrante fundamental na urdidura do enredo, permite maior liberdade ao romancista para relacioná-la a diferentes contextos, sem que haja o comprometimento da verossimilhança. A personagem Luis Pachola é, pois, metonímia dos tantos sertanejos, homens e mulheres, desse então esquecido território nacional. Assim, ela pode reunir em sua configuração uma imensa gama de características peculiares dos sujeitos habitantes dessa região.

Ao nos voltarmos à obra *João Abade* (1958), de João F. dos Santos, constatamos, novamente, que tal narrativa pode, de fato, ser considerada como um divisor de águas sobre a temática canudense. Isso se deve ao fato dela sugerir uma história “vista de baixo” a partir da configuração de personagens que integravam diretamente o arraial de Belo Monte. Desde a eclosão da Guerra de Canudos, as abordagens narrativas que se voltavam à sua análise, privilegiavam o ponto de vista dos “vencedores”. Após a metade do século XX, com o trabalho de pesquisadores, como José Calasans, que buscaram informações diretamente junto aos sertanejos “descendentes da guerra”, ou na leitura de documentos que apresentavam alternativas às visões unilaterais anteriores, as vozes do sertão começaram a ser, também, levadas em consideração. No âmbito ficcional, *João Abade* é o romance desse período – propício a novos olhares críticos para a história – que destaca exclusivamente, na visão interpretativa de seu autor, os problemas e as virtudes do arraial conselheirista, sob a perspectiva de personagens históricas e ficcionais.

Já em *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga, desenvolvemos alguns apontamentos sobre conceitos como maravilhoso, mágico e fantástico, para caracterizar este último como relevante nas especificidades desse romance, principalmente na configuração da personagem Antônio Conselheiro. A estratégia empregada nesse romance, ao fugir das convenções historicamente verossímeis sobre o comportamento e as ideias do beato sertanejo, amplia ainda mais as

possibilidades imaginativas de revisitação do passado de Canudos, transcendendo suas problemáticas à realidade peculiar da América Latina. Neste continente, uma quantidade relevante de mitos teve, na sua construção discursiva, direcionamentos especificamente elaborados para a manutenção de poderes. Ao sugerir uma personagem com as características de um homem sensato e equilibrado nas suas ações, mais um viés interpretativo é estabelecido para a figura histórica de Antônio Conselheiro, encarada por outros olhares como santa, fanática, revolucionária ou tudo isso ao mesmo tempo. *A casca da serpente*, nessa direção, pode ser lida como instigadora da existência de um caudal de mitologias na América Latina (CARPENTIER, 1969), sobre as quais o entendimento relacionado aos seus efeitos no imaginário coletivo, está muito longe de ser esgotado.

Em *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes, apresentamos alguns aspectos sobre as memórias de uma personagem histórica e sua versão ficcional sobre a Guerra de Canudos. Antes do início da guerra, o frei João Evangelista realmente esteve em Belo Monte, com a missão de convencer os conselheiristas a voltarem para as regiões de onde tinham vindo. O objetivo não alcançado dessa sua missão resultou num relatório carregado de ressentimentos e de acusações, o qual é retomado na narrativa ficcional. Esse romance evidencia como a ficção pode utilizar-se das materialidades do passado – das fontes históricas – e, com liberdade de criação, dar-lhes novos sentidos, expandir-lhes significados, renovar-lhes leituras.

Em *Veredicto em Canudos* (2002), de Sándor Márai, apresentamos um romance escrito a partir do olhar de um escritor estrangeiro. A narrativa concentra-se sobre as últimas horas em que o exército republicano permaneceu em Canudos. Essa narrativa é mais um exemplo da influência provocada pela leitura d'*Os sertões*, obra que ultrapassou os limites da nacionalidade brasileira em traduções para outros idiomas.

O romance de Márai, assim como as demais narrativas canudenses escritas por autores estrangeiros como R. B. Cunninghame Graham, Lucien Marchal e Guram Dochanashvili, representa a via contrária seguida por muitos escritores latino-americanos que buscavam nos temas e nas configurações literárias europeias um modelo ideal para suas obras. Com as escritas destes autores, pertencentes a outros contextos geográficos e culturais, os conflitos para além da guerra,

decorrentes de um evento histórico brasileiro, projetam-se como uma parte da realidade da América Latina para releituras traduzidas sob uma ótica artística universal.

Já em *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez, destacamos as várias linguagens de uma narrativa que se apresenta como um “jogo de armar”. Os destinos diferentes, de duas personagens amigas desde a infância, são representados num romance sugestivo de contextos que vão deste a comunidade conselheirista até a Europa de finais do século XIX e início do XX. Na leitura desse romance, percebemos como os encontros humanos podem estar relacionados por meandros que vão muito além das conformações culturais as quais ofereceram condições para que as personagens construíssem suas identidades. Por desígnios variados e interesses também distintos, elas acabam se envolvendo em situações, aparentemente, insólitas e geradoras de novos laços.

Verificamos que o reeditar da temática canudense, exemplificada nessas seis narrativas apresentadas – eleitas entre as mais de vinte que elencamos –, obedecem a uma evolução que possibilita aproximações às modalidades de romances históricos apresentadas neste estudo. Encontramos características do romance histórico tradicional em *Os jagunços*. Pudemos depreender aspectos dos novos romances históricos em *João Abade* e *A casca da serpente*. Em *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano*, *Veredicto em Canudos* e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*, avultam predominante características dos romances históricos contemporâneos de mediação. Não encontramos entre as narrativas canudenses nenhuma metaficção historiográfica plena (FLECK, 2007). Entretanto, os comentários metaficcionais são recorrentes na maioria dos romances aqui estudados, já que essa estratégia narrativa também é essencial para os novos romances históricos e integra, também, as características dos romances históricos contemporâneos de mediação, sem que esses comentários da voz enunciativa do discurso se constituam a essência do romance.

Como *corpus* principal, empreendemos as leituras dos romances *La guerra de fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, e *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca. Entendemos essas duas narrativas como representantes de propostas diferenciadas em relação a *Os sertões*, por possibilitarem novos olhares para o contexto híbrido da América Latina. Cada uma, à

sua maneira, as narrativas canudenses de Vargas Llosa e Fonseca utilizam-se de recursos como a paródia, a intertextualidade, a carnavalização, a heteroglossia, entre outras.

Nas relações entre personagens representativas de diferentes conformações culturais, separadas por fronteiras geográficas ou pelo convívio em sociedades com suas características próprias, são estabelecidas, de maneira particular nos romances de Vargas Llosa e Fonseca, releituras paródicas que ajudam na desconstrução interpretativa de valores e posicionamentos arraigados, tanto na época da guerra como na contemporaneidade de suas escritas.

Os conhecimentos acumulados, em anos de estudos sobre a temática canudense, proporcionam as inevitáveis e necessárias citações, veladas ou não, de textos anteriores nas obras desses dois autores. A voz dos excluídos é privilegiada em sugestões que muitas vezes a enaltece, num pêndulo em que os “vencedores” da história têm seus discursos estratégicos rebaixados.

Nessas incursões à representatividade de personagens pertencentes a diferentes contextos, variados níveis de linguagem são demonstrados. Em *La guerra del fin del mundo*, notamos maior vazão do discurso direto nas personagens que, supostamente, detêm maior domínio da linguagem culta padrão. Em outras personagens, cujas falas são mais limitadas e aparentemente não escolarizadas, suas vozes são expostas, especialmente, no discurso indireto livre.

N’*O pêndulo de Euclides*, sem descuidar do rigor da linguagem, o narrador permite uma expressividade verbal mais livre entre as diversas personagens as quais externam nuances próprias de suas culturas em suas falas. Outro aspecto presente, nos romances de Vargas Llosa e Fonseca, são algumas pequenas frases em língua estrangeira, respectivamente, nas vozes das personagens Galileo Gall e Dominique. Essa peculiaridade poderia passar por arbitrária se não fosse a sua representatividade na formação contextual da América Latina. O contato entre a linguagem verbal de outras nações e as línguas autóctones do continente foi, desde o seu início, resultante de perdas e ganhos, para os dois lados, na destruição de velhos sistemas e na criação de muitos significantes híbridos para novos significados. As narrativas canudenses que admitem as expressões paralelas de personagens que transitam por diferentes idiomas, reeditam,

implicitamente, a formação discursiva que ajuda a compor o universo ficcional latino-americano.

A polifonia e as múltiplas perspectivas são evidentes em *La guerra del fin del mundo* na qual muitos discursos possíveis sobre a Guerra de Canudos são apresentados na configuração geral do discurso artístico. Ao vir à tona, por exemplo, o ponto de vista de políticos, jornalistas, religiosos, idealistas e dos sertanejos – estes últimos muitas vezes à margem da história –, Vargas Llosa propõe um diálogo que ultrapassa os limites dos confrontos armados de 1896-7. Problemas de todo um continente, historicamente marcado por conflitos bélicos ou de ideias, estão representados numa narrativa que funciona como metonímia da América Latina.

Percebemos, nos contextos de *La guerra del fin del mundo*, o desenvolvimento de conflitos e de aceitações quando nos são apresentados, de um lado, os encontros proporcionados na formação híbrida do arraial de Belo Monte e, numa outra direção, o relacionamento hostil instigado, primordialmente, pelos representantes da República. Constatamos nestes dois casos, ironicamente, posicionamentos e compreensões díspares sobre o que entendemos por relações civilizadas. Pela lógica do discurso oficial, que atribui aos políticos ou outros líderes letrados o exemplo de educação e bom senso nas relações interpessoais, o comportamento bárbaro deveria partir dos conselheiristas, sendo inadmissível a ocorrência do contrário. Entretanto, a história o confirma em exemplos que ultrapassam o da Guerra de Canudos, a imposição de ideais e interesses fundamentalistas, funciona como esmagadora da possibilidade de convívio civilizado entre as diferenças.

No afã para a destruição de uma ameaça nacional, construída discursivamente pela “intelectualidade” do litoral, os conselheiristas foram dizimados, sem que uma oportunidade de provar suas intenções comunitárias pacíficas lhes fosse concedida. Ao propor uma narrativa em que o enredo se desenvolve no período histórico da Guerra de Canudos, *La guerra del fin del mundo* revisita essas questões, apresentando, por exemplo, um mundo liderado por Antônio Conselheiro no qual sertanejos de diferentes localidades, uns mais outros menos favorecidos economicamente, juntam-se a homens e mulheres desvalidos, a indígenas e a afrodescendentes. Distintos seguimentos, que compunham as amplitudes do sertão nordestino, encontraram em Belo Monte as condições favoráveis para continuar com

seus costumes genuínos e, ao mesmo tempo, compartilhar experiências numa reciprocidade criadora. Essas aprendizagens partilhadas são fundamentais para que as civilizações se revigorem e não padeçam estáticas, isoladas sem o movimento causado pelas novidades.

Por outro lado, essas possibilidades irradiadoras de novos aprendizados, nas paragens longínquas do sertão nordestino, foram eliminadas pelas ações do exército republicano do Brasil. Poucos foram os que compreenderam, como as personagens Barão de Canabrava e o jornalista míope, as condições que determinaram o surgimento do arraial de Belo Monte e a cegueira avassaladora dos comandos oficiais da época. Múltiplas leituras, a partir das vozes que representam as facetas da Guerra de Canudos, são desenvolvidas nessa narrativa canudense que busca demonstrar os mundos de uma época, em grande medida, relacionáveis às contradições históricas, antecedentes e posteriores, de um continente onde a hibridação que o caracteriza, muitas vezes foi acompanhada por incompreensões as quais culminaram em confrontos extremos.

Em *O pêndulo de Euclides*, percebemos a sugestão de um encontro amigável do mundo “desenvolvido” das grandes cidades com as particularidades de um pequeno aglomerado urbano do sertão. Na Canudos atual ainda estão aparentes, no seu contingente humano, as peculiaridades culturais dos pequenos povoados sertanejos. É nesse contexto que os conhecimentos e os interesses de personagens como o narrador letrado entram em contato com uma comunidade com características e problemas atuais. São estabelecidos reaprendizados sobre o passado e o presente em reflexões históricas e ficcionais de uma narrativa em que as memórias desempenham papel fundamental.

As personagens são desenvolvidas a partir das características das pessoas da região de Canudos que, num enredo ficcional, cujo tempo narrativo obedece a um distanciamento de mais de um século em relação ao período histórico da Guerra de Canudos, aparecem ao lado de personagens que representam elementos aparentemente distantes do contexto sertanejo. O narrador letrado, acompanhado por seus dois amigos, viaja àquela região em condições opostas às que levaram os soldados republicanos para atacarem os conselheiristas.

As especificidades atuais e históricas do sertão são apresentadas amigavelmente aos forasteiros que, desvencilhados de preconceitos

fundamentalistas, aprendem e contribuem com seus conhecimentos de pesquisadores, numa reformulação de olhares. No lugar das hostilidades, aparece o convívio pacífico, possível e rico quando às intenções das partes que se encontram, compartilham respeitosamente suas vivências sem que a contaminação dos absolutismos prevaleça. Para além das imposições de verdades, as expectativas sugeridas sob as diferentes formas na representação de personagens como Alex, Dominique, o narrador letrado, Estêvo de Madá, dona Elza e seu Ozébio, estabelecem trocas de experiências suscitadoras de novas hipóteses que ultrapassam os limites dos mais variados mundos, na medida em que eles aceitam as diferenças ao se desvencilharem de suas convenções isoladas.

Portanto, no presente estudo, pudemos constatar que a representatividade da surpresa de um contato avassalador entre dois mundos é ampliada a partir do pluriperspectivismo do romance de Vargas Llosa, numa leitura metonímica da América Latina. Na leitura da narrativa canadense de Aleilton Fonseca, deparamo-nos com a aproximação entre mundos ainda em muitos aspectos distantes, porém bastante próximos do “entendimento” pacífico e criador, quando resolvem dialogar e rever questões que ficaram suspensas, numa busca de ultrapassar conflitos historicamente estabelecidos.

A ficção histórica desenvolvida por essas narrativas canadenses contribui para o conhecimento e a reavaliação de conceitos, muitas vezes preconceituosos, arraigados tanto na memória dos representantes da academia, como na dos iletrados que formam seus pareceres a partir do recontar das histórias orais. Mais do que a representação dos conflitos bélicos entre soldados e sertanejos, as narrativas canadenses apresentadas neste estudo propõem a reavaliação da história de um país e de um continente marcada por questões que se estendem muito além da guerra.

## REFERÊNCIAS

### 1. TEXTOS ANALISADOS

FONSECA, Aleilton. *O pêndulo de Euclides*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981.

### 2. NARRATIVAS CANUDENSES MENCIONADAS

ARINOS, Afonso. *Os jagunços*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

BARRETO, Egmídio Dantas. *Accidentes da guerra: operações de Canudos*. Rio Grande do Sul: Ed. Liv. Rio-Grandense, 1905.

BENICIO, Manoel. *O rei dos jagunços*. Ed. fac-sim. Brasília: Senado Federal, 1997.

BERBEL, João. *O pacificador*. São Paulo: Farol das Três Colinas, 2004.

BIAR, Marcelo. *Antônio Conselheiro – nem santo nem pecador*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2009.

CHIAVENATO, Júlio José. *As meninas do Belo Monte*. São Paulo: Scritta, 1993.

CUNNINGHAME GRAHAM, R. B. *Un místico brasileiro*. Trad. Eleonora Basso. Montevideo: La Banda Oriental, 2001.

DANTAS, Paulo. *Capitão Jagunço*. São Paulo: IBRASA, 1987.

DOCHANASHVILI, Guram. *A primeira veste*. 1975. (Dados bibliográficos não encontrados traduzidos do russo).

FONTES, Oleone Coelho. *Canudos: a quinta expedição*. Salvador: Ponto e vírgula.2002.

GUTIÉRREZ, Angela M. R. *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

LOPES, Moacir C. *A ressurreição de Antônio Conselheiro e a de seus 12 apóstolos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

MÁRAI, Sándor. *Verdicto em Canudos*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARCONDES, Ayrton. *Canudos – As memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano*. São Paulo: Best Seller, 1997.

MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MARTINS, Gilberto. *Cidadela de Deus – a saga de Canudos*. São Paulo: Moderna, 1996.

PROFETA, Oswaldo. *Canudos: libelo de um massacre*. São Paulo: Presbiteriana, 1990.

SANTOS, João Felício. *João Abade*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

SCLIAR, Moacyr. *O sertão vai virar mar*. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, José Erenilson da. *Canudos além d'Os sertões*. Olindina: Editora Própria, 2004.

VEIGA, José J. *A casca da serpente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

### 3. TEXTOS CRÍTICOS

AÍNSA, F. El proceso de la nueva narrativa latinoamericana de la historia y la parodia. *El Nacional*, Caracas, p. 7-8, 17 dic. 1988.

AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. In. *Plural*. 240. p. 82-85. México, 1991.

AÍNSA, Fernando. Invención literaria y 'reconstrucción' histórica en la nueva novela narrativa latinoamericana. In. Karl Kohut (org.) *La invención del pasado: la novela histórica en el marco de la posmodernidad*. Frankfurt. Madrid: Vervuert, 1997.

AÍNSA, Fernando. *Reescribir el pasado: Historia y ficción en América Latina*. Montevideo: Celarg, 2004.

AÍNSA, Fernando. *Espacios de encuentro y mediación: sociedad civil, democracia y utopía en América Latina*. Uruguay, Nordan Comunidad, 2004.

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. vol. 4. n. 7. 1991.

ASSIS, Machado de. *A semana II*. São Paulo: Globo, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BALANGUER, Vicente. *La interpretación de la narración. La teoría de Paul Ricoeur*. España: EUNSA, 2002.

BANDEIRA, Luiz A. Moniz. O sentido social e o contexto político da Guerra de Canudos. In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 158, 1997, p. 739-755.

BARRETO, Emídio Dantas. *Acidentes da Guerra*. Rio Grande do Sul, Ed. Liv. Rio-Grandense, 1905. 2ª edição: Recife, Livraria Econômica, 1984.

BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contraste*. São Paulo – Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

BEEBEE, Thomas. The Canudos perplex: three early “factions”. In. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. v. 10. 2007.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERND, Flora (org). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

BERNUCCI, Leopoldo. La guerra del fin del mundo y la Edad Media actualizada. In. *NRFH*, XXXVIII. n. 1. p. 359-377. 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOVO, Ana Paula Martins Corrêa. *Antônio Conselheiro: os vários*. Campinas: (Dissertação) Unicamp, 2007.

BRAGA, Udineia. Canudos: uma guerra, muitas mulheres. In. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011.

BURGIERMAN, Denis Russo. Nem fanático nem revolucionário. In. *Super interessante*. Ano 14. n. 2., 2000, p. 37-43.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo, SP: UNESP, 1992.

CALASANS, José. Os jagunços de Canudos. In. *José Calasans*. Página oficial do autor disponível em: <http://josecalasans.com/>. Acesso em 25/09/2012.

CALASANS, José. Canudos - origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. In. *José Calasans*. Página oficial do autor disponível em: <http://josecalasans.com/>. Acesso em 25/09/2012.

CAMBEIRO, Délia. Euclides da Cunha e Vargas Llosa: dois olhares sobre Canudos. In. *Revista Brasileira de Literatura Comparada / Associação Brasileira de Literatura Comparada*. v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Abralic, 1991.

CAMPOS, Karine M. Gerárd Genette - Palimpsestos: a Literatura de segunda mão. In. *Cultura de travessia*. Blog. Publicado em 16 de maio de 2011.

CARDOSO, João Batista. As trilhas da ficção no mapa da História: uma viagem à guerra do fim do mundo. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, vol. 6-7 – 2005.

CARDOSO, João Batista. América Latina: novas tendências no realismo. In. BALBINO, E.; CARDOSO, J. B.; NETO, F. C. (Orgs.). *Literaturas Íbero-Afro-Americanas: ensaios críticos*. Goiânia. Ed. da PUC Goiás, 2010.

CARDOSO, João Batista. Vargas Llosa: angústia e redenção n'A guerra do fim do mundo. In. BALBINO, E.; CARDOSO, J. B.; NETO, F. C. (Orgs.). *Literaturas Íbero-Afro-Americanas: ensaios críticos*. Goiânia. Ed. da PUC Goiás, 2010.

CARPENTIER, Alejo. Do real maravilhoso americano. In. *Literatura e consciência política na América Latina*. São Paulo: Global, 1969.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Montevideo: Arca, 1966.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo, SP: Ática, 2006.

COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2003.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

CUNHA, Euclides da. *Caderneta de Campo*. São Paulo: Cultrix/MEC, 1975.

ESTEVES, Antônio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

ESTEVES, Antonio R. & MILTON, Heloísa C. Narrativas de extração histórica. In. ESTEVES, A. & CARLOS, Ana M. (Orgs.) *Ficção e história: leituras de romances contemporâneos*. Assis: FLC – Assis – UNESP – Publicações, 2007.

FILHO, José M. G. Olhar e memória. In. NOVAES, Adauto [et. al.]. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FLECK, Gilmei Francisco. A conquista do 'entre-lugar': a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá* (UFF), v. 2. sem, p. 149-167, 2007.

FLECK, Gilmei F. "O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas". Tese. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, SP, 2008.

FLECK, Gilmei F. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPPUCCI, C.A; CARLOS, A. M. (Orgs.). *Cultura e Representação – ensaios*. Assis/SP: Triunfal, 2011.

FLECK, Gilmei. *Com licença, eu vou passar: noções para entender as leituras da história pela ficção*. INÉDITO.

FONSECA, Aleilton. *O desterro dos mortos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FONSECA, Aleilton. Entrevista "Radio UNESP". Disponível em [aleilton.blogspot.com](http://aleilton.blogspot.com) Acesso em 14/06/11.

FONSECA, Aleilton. Entrevista ao programa "Leituras". Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=b5TlyqEndIq> (primeira parte) <http://www.youtube.com/watch?v=2EpUefpUMZI&feature=related> (segunda parte) <http://www.youtube.com/watch?v=0upq2hVwBXw> (última parte). Acesso em 10/10/12.

FONSECA, Aleilton. Entrevista ao site "Verbo 21: Cultura & Literatura". Ter, 22 de Setembro de 2009. Disponível em: [http://www.verbo21.com.br/v1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=525:aleilton-fonseca&catid=164:entrevista-setembro2009&Itemid=173](http://www.verbo21.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=525:aleilton-fonseca&catid=164:entrevista-setembro2009&Itemid=173). Acesso em 20/10/12.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. BARBACHAN, Graciano. Disponível em <<http://letrasuspdownload.blogspot.com/>>. Acesso em: 25, jan., 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GABURO, Vanderson R. P. *O sertão vai virar gente: sertão e identidade nacional em Afonso Arinos*. Dissertação. Vitória. UFES, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar esquecer escrever*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora*. São Paulo: Ática, 1994.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides da Cunha. In. PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo. Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Revista E*, nº 154. Disponível em [http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas\\_link.cfm?EdicaoId=368&ArtigoId=5629&IDCategoria=6482&reftype=2](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?EdicaoId=368&ArtigoId=5629&IDCategoria=6482&reftype=2) Acesso em: 15, jun., 2010.

GENETTE, G. *Palimpsestos: la literatura en segundo grado*. Trad. Celia Fernández Prieto: Taurus, 2006.

GONZÁLEZ, Claudio M. Presencia del indio en la cultura latinoamericana actual. In. ZEA, L. & MAGALLÓN, M. (orgs.). *Latinoamérica cultura de culturas*. México: F.C.E, 1999.

GUTIÉRREZ, Angela M. R. Euclides segundo Vargas Llosa. In. *Tensões mundiais/World tensions*. v. 5. n. 9, 2009.

GUTIÉRREZ, Angela M. R. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Fortaleza: EUFC / Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In. E. Hobsbawm & T. Ranger (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, Eric. *Bandidos*. Barcelona: Crítica, 2001.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque; SILVA, Marisa Correa. "Discurso histórico e discurso literário: o entrelace na perspectiva da metaficção historiográfica". In: CELLI – Colóquio de Estudos Lingüísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, PR, 2009, p. 740-748.

KUSSLER, Leonardo Marques. As diferentes tomadas do conceito de memória em Paul Ricoeur. In. *X Salão de Iniciação Científica – PUCRS*, 2009.

LE GOFF, Jacques (org.) *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos no nordeste brasileiro, 1893*. Trad. Monica Dantas. São Paulo: EdUSP, 1995.

LORENZ, Günter W. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. Trad. Rosemary Abílio e Fredy Rodrigues. São Paulo, E.P.U., 1973.

LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. México: Era, 1977.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LUKÁCS, G. O Romance como epopéia burguesa. In: Revista Ad Hominem. n. 1, Tomo II, *Música e Literatura*. São Paulo, Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro: Edições O CRUZEIRO, 1964.

- MACEDO, Nertan. *Antônio Conselheiro*. Rio de Janeiro: Renes, 1978.
- MÁRQUEZ RODRÍGUES, A. Evolución y alcances del concepto de novela histórica. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas, Monte Ávila, 1991. p. 15-54.
- MARTÍNEZ, Tomás Eloy. Ficção e História: apostas contra o futuro. In. *O Estado de São Paulo*. n. 839 – ano 17. Sábado, 5 de outubro de 1996.
- MEDEIROS, Marcos V. *Revista dos Encontros Literários Moreira Campos*. Ano 1. n.º 1. Abril-Julho de 2008.
- MEIHY, José Carlos. S. B. *Desafios da História Oral Latino-Americana: o caso do Brasil*. In: Marieta de Moraes Ferreira; Tania Maria Fernandes; Verena Alberti. (Org.). *História Oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *A guerra total de Canudos*. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.
- MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças: da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa. In. CHIAPPINI, Lúcia & AGUIAR, Flávio Wolf de. *Literatura e História na América Latina*. São Paulo, SP: Edusp, 1993. p. 115-135.
- MONIZ, Edmundo. *A guerra social de Canudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MORAES, Vera. Luzes de Paris e o fogo de Canudos: um romance polifônico. In. *Seminário mulher e literatura*. Ilhéus: UESC, 2007.
- MOTTA, Márcia Maria M. História e memória. In. *Cadernos do CEOM*. Chapecó: Argos, 2003.
- NETO, Pedro B. de Oliveira. Narrativa canadiana no século XXI: experimento e tradição. In. *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo: USP, 2008.
- NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- NOGUEIRA, Rubem. *Rui Barbosa e sua visão crítica de Canudos*. Disponível em [http://www.migalhas.com.br/especiais/13\\_09\\_02\\_rui.htm](http://www.migalhas.com.br/especiais/13_09_02_rui.htm). Publicado em 12/1/2007.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara A. Khoury. In. *Projeto História*. São Paulo. n.º 10, dez. 1993.

- NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In. *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Ed., 1988.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Aleilton Fonseca: O engenho do faz-de-conta como aprendizagem da vida. In. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n. 49, dez. 2010 – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2010.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PIRES, V. L. & TAMANINI-ADAMES, F. A. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. In. *Estudos Semióticos*. v. 6. n. 2. USP, 2010.
- POLESE, Edna da Silva. *Veredicto em Canudos: circunstâncias de uma escrita*. In. WEINHARDT, M. (org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. Trad. Monique Augras. In. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In. SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995.
- REGO, Djair T. *Polifonia, dialogismo e procedimentos transtextuais na leitura do romance La guerra del fin del mundo, de Mario Vargas Llosa: pródromos e epígonos*. Tese. João Pessoa: UFPB, 2008.
- RIBEIRO, Carlos Jesus. *Á luz das narrativas: escritos sobre obras e autores / Carlos Jesus Ribeiro*. - Salvador: EDUFBA, 2009.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. V. I. Trad. Constança M. Cesar. Campinas. Papyrus, 1994.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. *Aletria*. v. 18. jul.-dez. 2008.
- SANTIAGO, Silviano. *O falso mentiroso*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- SANTOS, Rita A. Coelho. O conto de Aleilton Fonseca: a permanência do narrador. (Posfácio). In. FONSECA, Aleilton. *O desterro dos mortos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- SCHEFFEL, Marcos Vinícius. A vez e a voz do sertanejo em A guerra do fim do mundo. In. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários* v. 21. 2011.

SHARPE, Jim. "A história vista de baixo". In. BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

SETTI, Ricardo. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, José M. de Oliveira. A guerra de Canudos e Os Sertões de Euclides da Cunha: imaginário popular e revisão acadêmica. In. *Tempos históricos*. M. C. Rondon. v. 3. n. 1. p. 31-35, 2001.

SILVA, René Marc da Costa. Memória, identidade e patrimônio. In. SILVA, René M. C. (org.). *Cultura popular e educação*. Brasília: Salto para o futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

SOUZA, Wagner de. "Entre a fé cega e a faca amolada: representações ficcionais do cangaço". Tese. Curitiba, PR. UFPR, 2007.

TACONI DE GÓMEZ, María del Carmen. *Categorías de lo fantástico y constituyentes del mito* en textos literarios. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán Facultad de Filosofía y Letras, 1995.

TROUCHE, André Luiz G. *América: história e ficção*. Niterói: EdUFF, 2006.

USLAR PIETRI, Arturo. El mestizaje y el nuevo mundo. In. *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Ávila, 1990.

USLAR PIETRI, Arturo. Realismo Mágico. In. Biblioteca Virtual Universal, 2006. Disponível em <http://www.biblioteca.org.ar/libros/131558.pdf>. Acesso em 04/04/2012.

VAINFAS, Ronaldo. História indígena: 500 anos de despovoamento. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.

VALLADARES, Jaime A. P. A visão utópica de Antônio Conselheiro nas obras de Mario Vargas Llosa e José Jacinto Veiga. In. *Revista Magistro*. vol. 1. n. 1. UNIGRANRIO, 2011.

VARGAS LLOSA, M. *Dicionário amoroso da América Latina*. Trad. Wladir Dupont e Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VARGAS LLOSA, Mario. *La verdad de las mentiras*. España: Punto de Lectura, 2007.

VARGAS LLOSA, Mario. Conselheiro. In. *Nossa América*. Revista do Memorial da América Latina. n. 13, 1997/98.

VARGAS LLOSA, Mario. Antonio Consejero. *Caretas*. Lima, set. 1979.

VARGAS LLOSA, Mario. *A Guerra do fim do mundo*. Trad. Remy Gorga (filho). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

VASSALLO, Ligia. *O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1999.

WEINHARDT, Marilene. Os jagunços ou Os tortuosos caminhos da nacionalidade. In. *Letras*. Curitiba. Editora da UFPR, n. 39, p 47-62, 1990.

WEINHARDT, Marilene. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In. WEINHARDT, M. (org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. Trad. MELO, José Laurêncio de. São Paulo, SP: Edusp, 1995.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a Crítica da Cultura*. Trad. NETO, Alípio Correa Franca. São Paulo, SP: Edusp, 2001.

ZEA, Leopoldo. Integración, el gran desafío para Latinoamérica (presentación). In. ZEA, L. & MAGALLÓN, M. (orgs.). *Latinoamérica cultura de culturas*. México: F. C. E, 1999.